

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

IGOR ARAÚJO DANTAS

**MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE VERBAL *OLHAR* E *VER*: UMA
ABORDAGEM FUNCIONALISTA CENTRADA NO USO E REFLEXÕES PARA O
ENSINO**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

IGOR ARAÚJO DANTAS

**MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE VERBAL *OLHAR* E *VER*: UMA
ABORDAGEM FUNCIONALISTA CENTRADA NO USO E REFLEXÕES PARA O
ENSINO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Linha I – Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

D192m	Dantas, Igor Araújo. Marcadores discursivos de base verbal <i>olhar e ver</i>: uma abordagem funcionalista centrada no uso e reflexões para o ensino. / Igor Araújo Dantas; orientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2024 152f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024. Inclui referência F. 147– 152. 1. Marcadores Discursivos. 2. Construção. 3. Funcionalismo. 4. Percepção-visual. I. Sousa, Valéria Viana (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III CDD: 415.07
-------	--

Catálogo na fonte: *Karolyne Alcântara Profeta* — CRB 5/2134
UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Verbal-based Discourse Markers Look and See: An usage-based Functionalist approach and teaching reflections

Palavras-chave em inglês: Construction. Discourse Markers. Functionalism. Perceptual-visual

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Profa Dra. Vera Pacheco (UESB) e Profa. Dra. Amanda Heiderich Marchon (UFES) – Membros Titulares

Data da defesa: 27 de setembro de 2024

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0009-2330-0464>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4539248087901512>

IGOR ARAÚJO DANTAS

**MARCADORES DISCURSIVOS DE BASE VERBAL OLHAR E VER: UMA
ABORDAGEM FUNCIONALISTA CENTRADA NO USO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 27 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

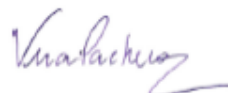
Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.:



Profa. Dra. Vera Pacheco
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.:



Profa. Dra. Amanda Heiderich Marchon
Instituição: UFES – Membro Titular

Ass.:



Aos meus familiares e amigos que, com muito carinho e apoio, me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Um nó, dois nós. Eu, mais um ou mais, um ser simplesmente. O eu poético do verdadeiro encontro: nó, no plural, nós. Se o nó é na garganta e um de nós aflito, o outro sossegado, erudito, tem o antídoto. E assim, sucessiva, alternada e alternativamente. Amigos do saber, no lazer, no ócio e no labor. Buscando o equilíbrio, temperante. Havendo ouvido e por seus conteúdos movido, cada indivíduo vai e ver vir ávido dizer Conte comigo! Aos muitos nós que formaram esta dissertação: muito obrigado! Especificamente, obrigado

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB e, também, pela viabilização da minha pesquisa por meio da bolsa de fomento.

A minha orientadora Valéria Viana Sousa, parte fundamental neste processo de formação acadêmica, pelo modo humano e acolhedor pelo qual me orientou, conduzindo com sabedoria, compartilhando com humildade e desempenhando na essência do que é ser mestre todo seu conhecimento sobre a ciência linguística.

Aos membros da banca de Exame de Qualificação Amanda Heiderich Marchon e Vera Pacheco, por aceitarem avaliar o trabalho e pelas imensuráveis contribuições.

Aos membros da Banca de Defesa Amanda Heiderich Marchon e Vera Pacheco, por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela maestria, dedicação e excelência do fazer científico.

Aos funcionários do PPGLin, pela dedicação e empenho em solucionar todas as questões administrativas e burocráticas durante o processo do mestrado.

À minha família, minha base, por não medir esforços em contribuir para minha formação humana e, também, acadêmica. Aos meus pais, meus amores, pelos incentivos e sacrifícios durante toda uma trajetória de vida, abdicando, muitas vezes, dos seus objetivos para o cumprimento dos meus sonhos; ao meu irmão, meu exemplo, pelas palavras de sabedoria e mansidão diante das situações tempestuosas; a minha noiva, companheira de vida, por estar sempre segurando minha mão e me incentivando a melhorar nos diferentes aspectos.

Aos meus amigos, pela partilha da caminhada acadêmica, dividindo o julgo acadêmico e multiplicando meu conhecimento sobre a linguagem através de memoráveis discussões

linguísticas que contribuíram para o fortalecimento do meu amor em relação aos estudos da linguagem.

Por fim, mas, em primeiríssimo lugar em meu coração, ao Deus, criador dos céus e da terra, pela sua misericórdia contínua em minha vida, por derramar o dom da ciência e do ensino sobre mim, pelo qual buscarei desempenhar com dedicação, mediante a sua palavra todos os dias da minha vida.

RESUMO

Nesta dissertação, investigamos os marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*, configurados no padrão construcional $[V_{pv}(adv)]_{MD}$, ancorados teoricamente na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (Rosário e Oliveira 2016; Rosário, 2023), cujos pressupostos fundamentam-se no diálogo entre o Funcionalismo Clássico e a Linguística Cognitiva em sua vertente construcionista. O nosso objetivo consiste na investigação do funcionamento desses marcadores discursivos em contextos reais de interação verbal de falantes da região do sudoeste baiano. A partir desse objetivo principal, buscamos, ainda, descrever as regularidades dos polos formais e funcionais que compõem essas construções, além de apresentar uma rede construcional do domínio funcional marcador discursivo. Guiados, então, pela questão-problema sobre quais as regularidades, formais e funcionais, que caracterizam a construção dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* no padrão construcional $[V_{pv}(adv)]_{MD}$, hipotetizamos que os marcadores discursivos apresentam uma nova configuração formal, considerando, entre outros traços, autonomia sintática em relação aos demais enunciados. No polo funcional, há, também, um novo funcionamento, uma vez que há perdas de traços semânticos da base verbal e ganhos pragmático-discursivos de chamamento de atenção que caracterizam esse grupo de marcadores discursivos. No que diz respeito à metodologia, apoiamo-nos no método misto (Cunha Lacerda, 2016), no qual correlacionamos propriedades qualitativas e quantitativas. Para amostragem de dados, utilizamos ocorrências coletadas em três *corpora* constituídos por entrevistas orais de informantes da região do sudoeste baiano, a saber: *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC), *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) e *Corpus* Linguístico de Ibicoara (CLIBA). Os dados coletados nos levaram a um total de 309 ocorrências. Dentre a macrofunção marcadora discursiva de chamamento de atenção, identificamos seis subesquemas pragmáticos: *prefaciação*, *argumentativo*, *interjeição*, *busca de aprovação discursiva*, *feedback* e *discurso reportado*. Esses subesquemas instanciam seis *types*: *olha*, *olha só*, *olha aí*, *viu*, *veja bem* e *veja*. Desses, *olha* e *viu* se mostraram os categóricos desse esquema devido ao alto grau de ocorrência e variedade de subfunções. Por fim, através desta pesquisa, esperamos contribuir para o avanço e aumento da qualidade do ensino de língua portuguesa no Ensino Básico, por meio da ampliação do conhecimento dos marcadores discursivos por parte da comunidade docente, bem como a eliminação de preconceitos linguísticos que cercam esse grupo pragmático. Para isso, finalizamos esta dissertação com discussões acerca do que os

documentos normativos propõem para o ensino de português no Brasil e como os marcadores discursivos podem ser discutidos em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE

Construção; Funcionalismo; Marcadores Discursivos; Verbos perceptivo-visuais.

ABSTRACT

In this research, we investigate the verbal-based discourse markers *look* and *see* configured in the constructional pattern $[V_{pv}(adv)]_{MD}$. This work is based on *Linguística Funcional Centrada no Uso* approach (Rosário and Oliveira 2015; Rosário, 2023) whose assumptions are based on the correlation between Classical Functionalism and Cognitive Linguistics in its constructionist aspect. Our objective is to investigate the functioning of these discourse markers based on real contexts of verbal interaction of speakers from the southwestern region of Bahia. Based on this main objective, we also aim to describe the regularities of the formal and functional poles that make up these constructions, in addition to presenting a constructional network of the discourse marker functional domain. Specifically, we ask what are the formal and functional regularities that characterize the based verbal look and see discourse markers constructions in the $[V_{pv}(adv)]_{MD}$ pattern. In this way, we hypothesize that the discourse markers present a new formal configuration, considering, among other features, syntactic autonomy in relation to other utterances. At the functional pole, there is also a new functioning, since there are losses of verbally based semantic traits and pragmatic-discursive gains in attracting attention that characterize this group of discursive markers. Regarding to methodology, we rely on the mixed method (Cunha Lacerda, 2016) in which we correlate qualitative and quantitative properties. For data sampling, we used three *corpora* made up of oral interviews with informants from the southwest region of Bahia, namely: Português Popular de Vitória da Conquista – PPVC, Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC and Corpus Linguístico de Ibicoara – CLIBA. We collected 309 tokens. Between the master function of requiring attention communicatively, we identified six subfunctions organized into preface, argumentative, interjection, seeking discourse approval, *feedback* and reported speech. This subfunctions are represented by six types: *olha*, *olha só*, *olha aí*, *viu*, *veja bem e veja*. *Olha* and *viu* are the prototypes of this functional domain considering the diversity of pragmatic functions that these types represent and its large number of tokens. Through this research, we hope to contribute to the advancement and increase in the quality of Portuguese language teaching in Basic Education, by expanding the teaching community's knowledge of discourse markers, as well as eliminating linguistic prejudices that surround this pragmatic group. To this end, we end this work by discussing the proposed normative documents on teaching Portuguese in Brazil and how discursive markers can be discussed in the classroom.

KEYWORDS

Construction; Functionalism; Discourse Markers; Perceptual-visual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de Construção Croft (2001)	32
Figura 2 – Modelo de construção de Traugott e Trousdale (2021 [2013])	33
Figura 3 – Rede simbólica dos marcadores discursivos	38
Figura 4 – O esquema metonímico.....	44
Figura 5 – Reformulação dos traços dos marcadores discursivos.....	62
Figura 6 – A cidade de Vitória da Conquista	75
Figura 7 – A cidade de Ibicoara	77
Figura 8 – Imagem <i>do software Antcont</i> na aba search team.....	81
Figura 9 – A coleta de dados no <i>Antconc</i>	81
Figura 10 – A rede formal dos marcadores discursivos de base verbal <i>olhar</i> e <i>ver</i>	105
Figura 11 – A rede pragmática dos marcadores discursivos	127
Figura 12 – Transcrição de entrevista oral em <i>Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem</i>	136
Figura 13 – Os marcadores conversacionais em <i>Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem</i>	136
Figura 14 – As variações linguísticas em <i>Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso</i>	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Continuum</i> de construções gramaticais	33
Quadro 2 – <i>Continuum</i> de construções de base verbal olhar e/ou ver.	34
Quadro 3 – Marcadores discursivos: Funções e posições no enunciado.....	54
Quadro 4 – Variáveis e traços dos marcadores discursivos	59
Quadro 5 – Características de marcadores pragmáticos.....	63
Quadro 6 – Funções dos marcadores discursivos com base em Martins (2013).....	66
Quadro 7 – Funções interacionais dos marcadores discursivos baseado em	68
Quadro 8 – Funções interacionais dos marcadores discursivos baseado em Guerra (2007)...	68
Quadro 9 – Funções textuais dos marcadores discursivos	69
Quadro 10 – Caracterização do <i>corpus</i> PPVC	76
Quadro 11 – Caracterização do <i>corpus</i> PCVC.....	76
Quadro 12 – Caracterização do <i>corpus</i> CLIBA	78
Quadro 13 – Proposta de atividade de ensino fundamental	139
Quadro 14 – Proposta de atividade de pesquisa de ensino médio.....	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A frequência dos marcadores discursivos nos <i>corpora</i> do PPVC, PCVC e CLIBA	83
Tabela 2 – A frequência <i>token</i> do MD <i>olha</i> nos <i>corpora</i> PPVC, PCVC e CLIBA.....	85
Tabela 3 – A funcionalidade de <i>olha</i> nos <i>corpora</i> PPVC, PCVC e CLIBA	90
Tabela 4 – A frequência <i>token</i> do MD <i>olha só</i> nos <i>corpora</i> PPVC, PCVC e CLIBA	92
Tabela 5 – A funcionalidade <i>token</i> de <i>olha só</i> nos <i>corpora</i> PPVC, PCVC e CLIBA	94
Tabela 6 – A frequência <i>token</i> de <i>olha aí</i> nos <i>corpora</i> PPVC, PCVC e CLIBA	95
Tabela 7 – A funcionalidade de <i>olha aí</i> nos <i>corpora</i> do PPVC, PCVC e CLIBA.....	96
Tabela 8 – A frequência <i>token</i> de <i>veja</i> nos <i>corpora</i> PCVC, PPVC e CLIBA.....	97
Tabela 9 – A frequência <i>token</i> de <i>veja bem</i> nos <i>corpora</i> PPVC, PCVC e CLIBA	99
Tabela 10 – A frequência <i>token</i> de <i>viu</i> nos <i>corpora</i> do PPVC, PCVC e CLIBA.....	101
Tabela 11 – A funcionalidade de <i>viu</i> nos <i>corpora</i> do PPVC, PCVC e CLIBA	104
Tabela 12 – O subesquema prefaciação.....	109
Tabela 13 – O subesquema prefaciação na pesquisa de Martins (2013)	109
Tabela 14 – O subesquema argumentativo	115
Tabela 15 – O subesquema argumentativo na pesquisa de Martins (2013)	115
Tabela 16 – O subesquema discurso reportado	118
Tabela 17 – O subesquema discurso reportado na pesquisa de Martins (2013).....	118
Tabela 18 – O subesquema busca de aprovação discursiva	122
Tabela 19 – O subesquema <i>feedback</i>	124
Tabela 20 – O subesquema <i>interjeição</i>	125
Tabela 21 – O subesquema interjeição na pesquisa de Martins (2013).....	126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CLIBA	<i>Corpus</i> Linguístico de Ibicoara
LC	Linguística Cognitiva
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso
MD	Marcadores Discursivos
PB	Português Brasileiro
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
PCVC	Português Culto de Vitória da Conquista
PPVC	Português Popular de Vitória da Conquista
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
2.1 Do Estruturalismo ao Funcionalismo Linguístico	23
2.2 Linguística Funcional Centrado no Uso	27
2.2.1 <i>Língua, uso e gramática</i>	28
2.2.2 <i>O Princípio da Iconicidade e o Princípio da Marcação</i>	29
2.2.3 <i>Construção: A unidade básica da gramática</i>	32
2.2.4 <i>A rede linguística: composicionalidade, esquematicidade e produtividade</i>	37
2.2.5 <i>Construcionalização, mudança construcional e construcionalidade</i>	40
2.2.6 <i>Processos e mecanismos de domínio geral</i>	41
3 MARCADORES DISCURSIVOS.....	51
3.1 Marcadores discursivos e a gramática prescritiva	52
3.2 Marcadores discursivos e a gramática descritiva	53
3.3 Marcadores discursivos e as pesquisas científicas	55
3.3.1 <i>A função interacional dos marcadores discursivos</i>	67
3.3.2 <i>Funções sequenciadoras dos marcadores discursivos</i>	69
4 METODOLOGIA.....	72
4.1 Os corpora da pesquisa.....	74
4.1.1 <i>A cidade de Vitória da Conquista</i>	74
4.1.2 <i>A cidade de Ibicoara</i>	77
4.2 Delineamento da pesquisa.....	78
5 ANÁLISE DE DADOS.....	83
5.1 A microconstrução olha	84
5.2 A microconstrução olha só.....	91
5.3 A microconstrução olha aí	94
5.4 A microconstrução veja	97
5.5 A microconstrução veja bem	98
5.6 A microconstrução viu	100
5.7 A visão formal de rede dos marcadores discursivos.....	104
5.8 O subesquema prefaciação	106
5.9 O subesquema argumentativo	110

5.10 O subesquema discurso reportado	116
5.11 O subesquema busca de aprovação discursiva	119
5.12 O subesquema <i>feedback</i>	122
5.13 O subesquema interjetivo	124
5.14 A visão pragmática de rede dos marcadores discursivos.....	126
6 MARCADORES DISCURSIVOS E O ENSINO BÁSICO	129
6.1 O ensino básico e os documentos normativos.....	129
6.1.1 <i>Os documentos normativos</i>	132
6.2 Os livros didáticos.....	135
6.3 Caminhos para a discussão dos marcadores discursivos em sala de aula.....	138
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS	147

1 INTRODUÇÃO

Os marcadores discursivos (MD) são elementos funcionais na língua em uso e organizados em um grupo pragmático que, assim como os demais grupos e categorias linguísticas, possuem características próprias. A definição dos marcadores discursivos ocorre principalmente por suas propriedades funcionais, uma vez que, conforme Risso, Silva e Urbano (2006), esse grupo é constituído por elementos de diferentes categorias.

Em pesquisa recente, Traugott (2022), no que denomina marcadores pragmáticos, descreve que esses elementos sinalizam o que o falante/escritor pretende que o ouvinte/leitor compreenda por meio de fatores como as relações sociais entre os interlocutores, o grau de certeza do discurso a ser enunciado e a relação entre segmentos do discurso. Convencionalmente, Traugott (2022) lista uma série de características desses elementos pragmáticos como elementos multifuncionais que oferecem pistas sobre a interpretação do discurso, intersubjetivos e não integrados a cláusula sintática.

Nesta dissertação, o nosso objeto de pesquisa são os marcadores discursivos e, sobre essa questão, interessa-nos exclusivamente os marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*, aqueles a que são acrescidos à base verbal como possibilidade de preenchimento da construção por elementos de base adverbial. Assim, esta pesquisa, ora dissertação, contempla todos as construções¹ presentes no padrão construcional $[V_{pv} (adv)]_{MD}$ encontradas em nossos *corpora* de análise. Nessa representação, os colchetes trazem a construção marcadora discursiva simbolizada pela abreviação MD. A primeira parte V_{pv} representa a base verbal perceptivo-visual, que, na presente pesquisa, é constituída pelo verbo *olhar* e *ver*; e (adv) representa o *slot* que pode ser preenchido pela base adverbial. Esclarecemos que a base adverbial está entre parênteses pois é uma possibilidade de preenchimento, ou seja, o preenchimento não é obrigatório.

A constituição do padrão construcional descrito no parágrafo anterior ocorreu, e ocorre, através de processos e mecanismos de mudanças linguísticas ao longo do tempo. Tais mudanças, porém, não são necessariamente acompanhadas pelos manuais gramaticais prescritivos que formam pedagógica e linguisticamente os estudantes brasileiros. Logo, em casos como esses não há uma paridade entre as prescrições gramaticais e o uso linguístico. O contexto (1), extraído da língua em uso, demonstra essa situação:

¹ Para a definição de construção, conferir a seção 2.2.3

(1) DOC: da forma que você fala... cê acha que cê fala... correto...
 INF: É... assim... **olha só** o que eu tenho... a... a crítica que eu faço a minha fala é... a minha dicção né, por que eu acho que eu tenho... devo ter algum probleminha assim respiratório não sei que as vezes eu começo fala tal e aí começo a ficar cansado a respiração acaba me atrapalhando né, e eu acho acabo ficando muito ofegante certo? (L.O.F., PCVC, p. 10).

Em uma análise superficial, sob a perspectiva prescritiva, os itens destacados seriam considerados respectivamente como um verbo transitivo direto modificado por um advérbio. Contudo, em uma perspectiva funcionalista, notamos um funcionamento diferente das prescrições gramaticais. Os itens destacados desempenham uma nova função procedural de marcar o discurso, colocando em relevo determinada porção discursiva (Penhavel, 2012). Mais ainda, em uma perspectiva funcionalista, tais marcadores desenvolvem também uma forma diferente da prescrita: os dois blocos [base verbal] + [base adverbial] são compreendidos como um único bloco [marcador discursivo], resultante do mecanismo de *chunk*². Além disso, aparecem em posições sintáticas diferentes de sua origem verbal.

No excerto em (1), há evidência de um novo pareamento entre forma e função. A partir de exemplos como o visto em (1) e que se mostram recorrentes na língua em uso, questionamos: (i) Quais as regularidades, formais e funcionais, que caracterizam a construção dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* no padrão construcional [V_{pv} (adv)]_{MD}? E a partir dessa questão maior, considerando a gramática como uma rede interconectada por nós e elos, perguntamos: (ii) como se constitui a rede taxonômica desses marcadores discursivos?

No que concerne à questão-problema (i), hipotetizamos que, em oposição à classe gramatical dos verbos, da qual o nosso objeto de pesquisa se origina, temos no polo construcional da forma, que o fenômeno analisado apresenta uma nova configuração sintática, podendo aparecer em diferentes posições dentro do discurso, haja vista o traço constituinte dessa classe de palavras de autonomia sintática, conforme apontam Risso, Silva e Urbano (2006). No polo da função, por sua vez, essa classe de palavras se apresenta como um elemento discursivo subsidiário, mas fundamental para a facilitação do processamento discursivo, à semelhança do que defende Penhavel (2012).

Por conseguinte, no que diz respeito à questão (ii), hipotetizamos que a rede taxonômica dos marcadores discursivos é constituída por tipos diferentes de construções conforme dados da pesquisa de Dantas e Sousa (2021)³ demonstraram, como *olha*, *olha só*, *viu*, entre outros. A

² Processos e mecanismos de domínio geral serão descritos na subseção 2.2.6

³ Esses dados configuram-se como amostras de uma análise-piloto realizada a nível de pesquisa de iniciação científica.

diversidade de tipos indica uma categoria ampla e produtiva na gramática dos falantes, haja vista que cada tipo diferente do fenômeno analisado apresenta uma funcionalidade diferente na língua.

Por meio das questões indagadas e hipóteses levantadas, objetivamos em nossa pesquisa descrever o padrão construcional $[V_{pv}(\text{adv})]_{MD}$ a partir de contextos reais do uso linguístico. Para isso, utilizamos amostras dos *corpora* Português Popular de Vitória da Conquista – PPVC, Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC e *Corpus* Linguístico de Ibicoara – CLIBA, cuja extensão dos *corpora* é de 591.425 palavras. Esses *corpora* são transcrições de entrevistas na modalidade oral da língua entre um documentador e um informante.⁴

Especificamente, considerando o objetivo geral de descrição do padrão construcional, objetivamos identificar as propriedades formais e funcionais que constituem os marcadores inseridos no padrão analisado através de análises morfossintáticas e discursivo-pragmáticas. O mapeamento dessas propriedades nos permitirá identificar padrões categóricos dos MD. O levantamento de padrões categóricos a partir das propriedades construcionais nos levará ao nosso segundo objetivo específico que é a elaboração de uma rede taxonômica simbólica dos marcadores discursivos a partir dos seus graus de semelhanças formais e funcionais.

Para o alcance do proposto, nos ancoramos teoricamente no polo funcionalista dos estudos linguistas, em especial na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU (Oliveira e Rosário, 2015, Rosário, 2022, entre outros). Essa abordagem é fruto de um diálogo teórico entre pressupostos funcionalistas, considerados como clássicos (Hopper, 1991; Givón, 1995), e da Linguística Cognitiva em sua abordagem construcional (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001,). Entre alguns pressupostos da LFCU, destacamos a incorporação efetiva da dimensão contextual e o entendimento da estrutura linguística como derivado de processos cognitivos de domínio geral.

A incorporação efetiva da dimensão contextual consiste em análises de fenômenos linguísticos a partir da língua em uso em seus contextos reais de produção. Nesse sentido, como apontam Rosário e Oliveira (2016), são levados em consideração questões sociolinguísticas, discursivas, mas também o entorno linguístico, incluindo propriedades sintagmáticas, morfológicas, fonológicas, pragmáticas, semânticas e, até mesmo, de modalidade.

Considerar os fenômenos linguísticos em sua dimensão contextual resulta em uma concepção de língua situada sócio-histórico e culturalmente. Desse modo, o uso linguístico nas experiências vivenciadas influencia diretamente na organização da gramática de modo que o

⁴ Na seção 4, “Metodologia”, os *corpora* serão detalhadamente apresentados.

discurso e a gramática possuem uma relação indissociável na qual um molda o outro. A esse respeito, Oliveira e Votre (2009) apontam que

Assim, o primeiro termo passa a se referir às estratégias criativas dos usuários na organização de sua produção linguística, aos modos individuais com que cada membro da comunidade elabora suas formas de expressão verbal. Por outro lado, o termo gramática é concebido como o conjunto das regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso; se ao discurso cabe a liberdade e autonomia da expressão, à gramática compete a sistematização e regularização (Oliveira; Votre, 2009, p. 99).

A consideração dos fenômenos linguísticos a partir de sua dimensão contextual influencia não apenas no modo com a língua é utilizada, mas também em como a língua é estruturada. Em consonância com Bybee (2016), partimos de processos cognitivos de domínio geral, ou seja, processos cognitivos que não dizem respeito apenas ao sistema linguístico, mas a outras áreas cognitivas, para compreender a estrutura da língua. Ao adotar esta postura, conforme a autora, situamos a linguagem no contexto mais amplo do comportamento humano. Entre esses processos e mecanismos cognitivos de domínio geral, utilizamos, nesta dissertação, analogia, neoanálise, metáfora, categorização, memória enriquecida e *chunking*.⁵

Apesar de compreendermos a estrutura da língua em relação ao uso linguístico, e, portanto, considerá-la como uma estrutura dinâmica e mutável, reiteramos que essa concepção funcionalista da língua não é adotada, a rigor, nas obras de referências pedagógicas, como as gramáticas prescritivas ou, na maioria das vezes, também nos livros didáticos.

Apesar da imensurável contribuição que as obras prescritivas apresentam aos estudantes sobre a língua, nelas é adotada uma concepção do sistema linguístico homogêneo e estável, em que a emergência de novos padrões ou alterações na língua é restrito, muitas vezes, ao léxico, limitando-se às idiossincrasias. Desse modo, embora haja um estudo minucioso acerca dos fenômenos linguísticos mais cristalizados na língua, as obras de referências pedagógicas, em sua maioria, não contemplam a diversidade e emergência de novas estruturas e grupo de palavras que aparecem no sistema linguístico. Além disso, com base em autores como Ilari (2014), afirmamos que a tradição escolar prioriza a modalidade escrita da língua. Assim sendo, fenômenos orais tais como os marcadores discursivos são preteridos.

Uma vez que as obras mencionadas são referências no ensino da língua, a ausência de menção de alguns grupos de palavras como os marcadores discursivos nas obras prescritivas

⁵ Esses processos serão definidos na subseção 2.2.6, intitulada “Processos e Mecanismos de Domínio geral”.

contribui para que esses fenômenos fiquem à margem e, assim, como consequência, por vezes sejam estigmatizados. A esse respeito, Freitag (2007) afirma que, por não haver sistematização nas gramáticas prescritivas, os marcadores discursivos são alvos de estigmas e marcação social. Ainda que não haja sistematização dos marcadores discursivos nas gramáticas prescritivas, a funcionalidade desse grupo pode ser atestada na língua em uso, por meio da produtividade evidenciada pela frequência *type* e *token* (Bybee, 2016).

Considerando o que foi problematizado, justificamos esta pesquisa pela tentativa de contribuição para a compreensão da sistematização do funcionamento linguístico da língua portuguesa, em especial os MD. Ademais, visamos oferecer aporte teórico para que os estudos científicos possam chegar às salas de aulas do ensino básico para a discussão da interface discurso e gramática, propiciando uma concepção de adequação/inadequação dos marcadores discursivos nos diferentes contextos e gêneros textuais e não como uma classe de palavras carregadas de avaliações negativas.

Por fim, a tentativa de aproximação do ensino de língua a partir de seus contextos reais de produção é uma prática que está sendo desenvolvida nos últimos anos. De outro modo, se descrevemos uma tradição escolar secular imbricada em uma tradição formal, que preza a modalidade escrita da língua e considera o sistema linguístico enquanto homogêneo, devemos acrescentar que, nos últimos anos, há uma perspectiva pedagógica mais funcionalista. Vide, por exemplo, a Base Nacional Comum curricular – BNCC, documento de caráter normativo para o Ensino Básico, em que é descrito uma concepção de língua(gem) dinâmica, variável e sensível aos contextos de uso. (Brasil, 2018). Documentos como a BNCC, atrelados às pesquisas contemporâneas e o estudo da língua em sala de aula a partir do uso em seu contexto real possibilitará o desenvolvimento de uma competência linguística crítica e adequada, levando em consideração também os fenômenos orais como os marcadores discursivos.

A fim de atingirmos aos objetivos propostos, esta dissertação está organizada em 6 (seis) seções, partes principais, que possuem, em seu interior, outras subseções.

Na presente seção 1, *Introdução*, descrevendo, brevemente, o estatuto da Linguística enquanto ciência; apresentamos o nosso ponto de vista acerca da língua; situamos o leitor acerca da fundamentação teórica e metodológica adotada nesta pesquisa; tratamos sobre o “desencontro” da concepção linguística a partir do uso e as tradições prescritivas e pedagógicas; e expomos o nosso objetivo principal, objetivos específicos, perguntas e hipóteses que motivam essa pesquisa.

Na seção 2, *Fundamentação Teórica*, adentramos aos polos formalista e funcionalista dos estudos linguísticos; apresentamos os pressupostos teóricos da abordagem da Linguística

Funcional Centrada no Uso e posicionamo-nos quanto à concepção de língua e à relação entre uso e gramática; descrevemos o conceito de construção que é caro aos estudos desta abordagem, além de descrevermos os processos e mecanismos de domínio geral que estão envolvidos na estruturação linguística.

Na seção 3, *Marcadores discursivos*, dissertamos acerca do nosso objeto de estudo. Para isso, buscamos em obras prescritivas, descritivas e pesquisas científicas contemporâneas (a exemplo de teses, dissertações e publicações em livros ou periódicos) o que há sobre esse grupo pragmático. Ainda, mostramos as funções interacionais e sequenciadora-textual que caracterizam os marcadores discursivos.

Na seção 4, *Metodologia*, apresentamos os *corpora* que compõem esta investigação; descrevemos, brevemente, as cidades onde esses *corpora* foram constituídos e descrevemos, também, os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Na seção 5, *Análise de dados*, expomos os dados coletados e descrevemos os contextos de uso nos quais esses dados estão inseridos com a finalidade de alcançar os objetivos propostos na seção introdutória. Nesta seção, as subseções estão dispostas a partir dos subesquemas que compõem a rede dos marcadores discursivos.

Na seção 6, *O Ensino básico e os marcadores discursivos*, trazemos um diálogo através do que está proposto nos documentos normativos que norteiam a Educação brasileira acerca do ensino de língua portuguesa; apresentamos livros didáticos e o que versam (se e quando versam) acerca do tema e propomos caminhos que possam contribuir para a discussão dos marcadores discursivos no ambiente escolar do Ensino Básico.

Na seção 7, *Considerações Finais*, apresentamos nossas conclusões acerca do que foi coletado e discutido na análise de dados em diálogo com o que foi apresentado na fundamentação teórica. Por fim, nas *Referências*, há a lista de obras utilizadas para a elaboração desta pesquisa, ora dissertação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, descrevemos os postulados das teorias que fundamentam esta dissertação para que, assim, tenhamos o suporte teórico necessário para a análise e discussão de dados. Com esse propósito, esta seção está dividida da seguinte forma: na subseção 2.1, *Do Estruturalismo ao Funcionalismo Linguístico*, percorremos, sucintamente, as concepções formalista e funcionalista da Linguística, apoiados em Saussure (2012 [1916]), Câmara Jr. (2011 [1975]), Lyons (1987 [1981]), Givón (1995), e Martelotta e Kenedy (2015); na subseção 2.2, *Linguística Funcional Centrada no Uso*, aprofundamos as considerações acerca do polo funcionalista da corrente linguística que fundamenta nossa pesquisa, trazendo Goldberg (1995, 2006), Furtado da Cunha *et al.* (2015), Ferrari (2020), Rosário (2022).

Esclarecemos que, mesmo diante de uma possível ruptura metodológica, por não estarmos ainda na seção de análise e discussão de dados, utilizaremos, sempre que possível, exemplos de nossos *corpora* com o propósito de comprovar a exposição do aporte teórico eleito para a presente pesquisa.

2.1 Do Estruturalismo ao Funcionalismo Linguístico

O interesse pelo estudo sobre a linguagem e a língua perpassa séculos. Câmara Jr. (2011 [1975]) destaca algumas condições que favoreceram o estudo da língua(gem) como a invenção da escrita ou o contato entre povos de diferentes línguas. É válido ressaltar que diferentes condições possibilitaram o estudo da linguagem com diferentes propostas, contudo, para esse linguista, os estudos Histórico e Descritivo da linguagem constituem o âmago da Linguística.

Considerada nova por Câmara Jr. (2011 [1975]), a Linguística teve início na Europa durante o século XIX. Entre alguns estudiosos, o linguista brasileiro cita von Humboldt e as inquietações filosóficas, Rask e o método histórico-comparativo, Franz Bopp e a gramática comparativa, Schleicher e a reivindicação da linguística enquanto ciência natural no processo de criação do que vem a ser chamado de Linguística.

Naturalmente, todos os estudiosos citados contribuíram, de algum modo, para a delimitação da área científica dos estudos da língua, mas é, em Ferdinand de Saussure e na publicação de sua obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, que temos a delimitação do objeto de estudo da Linguística.

Falar sobre Saussure nos remete a um importante elemento apresentado por ele: o signo linguístico. Para Saussure (2012 [1916]), o signo linguístico é compreendido como uma

entidade psíquica que une duas faces, em que, em um lado da face, está o conceito (significado) e, do outro lado, a imagem acústica (significante). A relação entre essas duas partes, sob a concepção saussureana, é arbitrária, uma vez que não há motivação direta entre o conceito e a imagem acústica. Abordado o conceito de signo linguístico, interessa-nos, ainda, descrever algumas dicotomias saussureanas com o propósito de entendermos o objeto da linguística.

Começamos pela distinção entre língua e fala. Para Saussure (2012 [1916]), o objeto da Linguística deve ser a língua que se constitui como um objeto homogêneo bem definido, concreto, social e, portanto, convencional, que se pode estudar separadamente, ou seja, a partir de seu próprio sistema. Considerando, na dicotomia língua e fala, a língua como a face da moeda que é sistematizável, o linguista opta, em seus estudos, por, realizando um recorte metodológico, priorizar a língua. Uma vez que a língua pode ser analisada a partir de seu próprio sistema, Saussure (2012 [1916]) sugere que se elimine tudo o que for externo ao sistema da língua, haja vista que não afeta o organismo linguístico. Assim, o linguista exemplifica como externo à língua questões geográficas e dialetais.

A dicotomia entre sincronia e diacronia foi outra questão discutida por Saussure (2012 [1916]). Para o suíço, os fatos da língua se acham em um estado, assim, usando uma analogia, descreve que:

Seria absurdo desenhar um panorama dos Alpes focalizando-o simultaneamente de vários picos do Jura; **um panorama deve ser focalizado de um só ponto**. O mesmo para a língua: **não podemos descrevê-la nem fixar normas para o seu uso sem nos colocarmos num estado determinado**. (Saussure, 2012 [1916], p. 123, grifos nossos).

Nessa compreensão, para realizar a descrição de algo, devemos nos ater a apenas uma perspectiva. Em outras palavras, para se descrever um fenômeno linguístico, devemos nos concentrar em um o estado da língua. A esse estado da língua, chamamos sincronia.

Em síntese, a partir do que foi descrito, podemos constatar que Saussure (2012 [1916]) estabeleceu um objeto bem delimitado e um corte teórico-metodológico bem definido para a ciência da língua. Assim, como objeto, a Linguística ocupa-se do estudo da língua. Essa, por sua vez, é uma parte da linguagem que se apresenta como um sistema de signos homogêneo, psíquico e concreto e que só está completa na massa social, sendo, por isso, convencional. Ademais, deve-se analisar a língua sob um ponto de vista sincrônico a partir do seu próprio sistema, sem considerar fatores externos.

Desse modo, podemos convenientemente denominar as proposições concebidas por Saussure (2012 [1916]) como sendo o início do movimento estruturalista, conforme relata

Lyons (1987 [1981]). O mesmo autor, entretanto, destaca que o surgimento do Estruturalismo tem origem múltipla na Europa e que algumas concepções saussureanas já foram abordadas anteriormente a ele, embora fossem utilizadas outras terminologias. Esse conjunto de pressupostos que são defendidos no Estruturalismo e que outras escolas teóricas utilizam, agregando aqui também o Gerativismo, fundado por Noam Chomsky, pode ser considerado como pertencentes ao polo formalista.

Paralelo ao polo formalista, há uma diferente concepção teórico-metodológica de se compreender e estudar a língua. Essa concepção é o polo funcionalista que, segundo Martelotta e Kenedy (2015), concebe a língua como um instrumento de comunicação social que não pode ser compreendida de forma autônoma. Entre as escolas teóricas agasalhadas pelo polo funcionalista, podemos destacar o Funcionalismo de vertente norte-americana, considerado como clássico, a Linguística Cognitiva e a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, que servem de fundamentação teórica para esta dissertação.

Conforme Martelotta e Kenedy (2015), o Funcionalismo clássico ganhou força na década de 1970 nos Estados Unidos, quando os pesquisadores advogavam uma linguística baseada no uso, haja vista que consideravam que a língua não pudesse ser compreendida de forma autônoma. Com isso, o discurso, contexto e pragmática passaram a ser inseridos nos estudos linguísticos e a gramática, por seu turno, passou a ser compreendida como uma estrutura maleável, que se molda a partir do discurso que, em contrapartida, o regulariza.

Para Martelotta e Kenedy (2015), uma maneira de se compreender o Funcionalismo é observar a refutação de Givón (1995) sobre alguns dogmas estruturalistas como a arbitrariedade do signo, a idealização de língua e fala e a oposição entre sincronia e diacronia. Sob a perspectiva funcionalista, há uma relação motivada entre forma e função (que, no Estruturalismo, correspondem ao significado e significante); há uma relação indissociável entre língua e fala, considerando o discurso como nível gerador do sistema linguístico; além de uma valorização à abordagem pancrônica, ou seja, os eixos sincrônico e diacrônico podem e devem ser considerados nos estudos linguísticos a fim de que a complexidade do objeto seja mais bem entendida.

Os estudos funcionalistas, entretanto, não se resumem apenas a vertente do Funcionalismo norte-americano. Diferentes abordagens desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX convergem na consideração de que a língua não pode ser compreendida de forma autônoma. A esse respeito, Furtado da Cunha e Bispo (2023) cita o psicolinguista Tomasello (1998) que compartilha a rejeição à autonomia sintática e, consequentemente, à autonomia do sistema linguístico. Essas abordagens são denominadas pelo psicolinguista de

Linguística Cognitiva ou Linguística Funcional. Haja vista que já mencionamos os pontos que nos interessam sobre a abordagem do Funcionalismo clássico, cabe-nos descrever sobre a Linguística Cognitiva.

Na abordagem da Linguística Cognitiva - LC, que teve muita ênfase a partir da década 1980, advoga-se a favor de uma perspectiva não modular, se comparado ao polo formalista e, em especial, à teoria Gerativista, além da defesa de que a sintaxe não possui nenhuma primazia sobre os outros módulos linguísticos. Com base nessas premissas, Ferrari (2020) apresenta a concepção dos linguistas cognitivistas em uma defesa da

perspectiva não modular, que prevê a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre estrutura linguística e conteúdo conceptual (Ferrari, 2020, p.13).

Assim como qualquer vertente do polo funcionalista, a Linguística Cognitiva adota uma visão baseada no uso em que o contexto orienta a construção do significado (Ferrari, 2020). Desse modo, há uma relação estreita entre semântica e pragmática, de modo que a significação real de uma palavra está diretamente associada ao contexto em que está inserida. O contexto ao qual nos referimos não diz respeito apenas às relações textuais, mas também às experiências obtidas ao decorrer do tempo. Ao mencionar a *Semântica de Frames* elaborada por Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985), Ferrari (2020) cita que o significado das palavras está relacionado às cenas experienciadas e armazenadas em categorias na mente.

Se no polo funcionalista dos estudos linguísticos, encontramos diferentes abordagens teóricas tais como o Funcionalismo de vertente norte-americana e a Linguística Cognitiva, apontamos que, na LC, encontramos variantes no que diz respeito a abordagens. Interessa-nos, nesta dissertação, a abordagem cognitiva da Gramática de Construções. (Goldberg, 1995; Croft, 2001).

Conforme Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2016), a Gramática de Construções defende o postulado de que o sistema linguístico é estruturado em rede. Essa rede linguística é formada por construções. A noção de construção, nessa corrente teórica, é fundamental para a compreensão do que seja uma gramática de construções. Rosário e Oliveira (2016), a esse respeito, argumentam que a construção é a unidade básica e fundante da gramática.

No que diz respeito à definição de construção, conteúdo que discutiremos de forma mais verticalizada na subseção 2.2.3, Croft (2001) define que a construção consiste no pareamento de forma e sentido por meio de ligações, pelo menos, parcialmente arbitrárias. Croft (2001)

destaca que a construção é fundamentalmente simbólica, uma vez que mesmo as construções sintáticas mais gerais têm regras gerais de correspondentes de interpretação semântica ⁶. Nesse sentido, Furtado da Cunha e Cunha Lacerda (2017) afirmam que todos os níveis de análise gramatical envolvem construções, sejam morfemas, palavras, expressões idiomáticas e, até mesmo, padrões gramaticais maiores.

A partir do século XXI, considerando as interseções entre o Funcionalismo clássico e a Linguística Cognitiva, principalmente na vertente da Gramática de Construções, uma nova perspectiva de estudos linguísticos surge ao redor do mundo, conforme destaca Rosário (2022), sendo no Brasil realizada inicialmente pelo Grupo Discurso & Gramática em pesquisas de autores como Oliveira e Rosário (2015), Furtado da Cunha et. al. (2015), entre outros. Essa nova vertente, a qual o grupo de pesquisa em Linguística Histórica e (Sócio) Funcionalismo – Grupo JANUS/Laboratório de pesquisa em Sociolinguística e Funcionalismos/PPGLin/UESB, do qual sou membro pesquisador, tem realizados inúmeras pesquisas, é a Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, que será discutida na subseção 2.2.

2.2 Linguística Funcional Centrado no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme descrita na última subseção, é uma vertente de estudos que utiliza pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo, considerado como clássico, e da Linguística Cognitiva, especificamente dos estudos da Gramática de Construções. Tal relação não acontece de forma gratuita, mas ocorre a partir de pontos em comum entre essas vertentes. Ao descrever esses pontos em comuns, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013) destacam a rejeição à autonomia da sintaxe, a relação entre discurso e gramática, a análise de dados a partir de enunciados reais e, com isso, a aproximação da semântica e pragmática nas análises.

Nos estudos da LFCU, embora pressupostos do Funcionalismo clássico e da LC sejam utilizados, alguns pressupostos foram refinados e novas assunções surgiram a partir das duas vertentes bases. Rosário (2022), por exemplo, destaca que a gramaticalização, tão cara ao Funcionalismo norte-americano, cedeu espaço para a construcionalização, que será abordada posteriormente nesta seção. Outros posicionamentos foram refinados, como uma visão

⁶ Grammatical constructions in construction grammar, like the lexicon in other syntactic theories, consist of pairings of form and meaning that are at least partially arbitrary. Even the most general syntactic constructions have corresponding general rules of semantic interpretation. Thus, constructions are fundamentally SYMBOLIC units (Croft, 2001, p. 18).

parcialmente motivada da relação entre os eixos da forma e função que compõem a construção, a emergência da gramática em convivência com padrões mais fixos, entre outras coisas. Dito isso, cabe-nos, agora, descrever algumas definições e mecanismos fundamentais para a LFCU, que são importantes para esta pesquisa.

2.2.1 Língua, uso e gramática

A língua, em uma perspectiva funcionalista, é um sistema flexível e que pode se moldar, através do discurso, às necessidades socioculturais do falante. Bybee (2016) a define como um sistema adaptativo complexo. Em defesa dessa concepção, a linguista aponta que a língua apresenta uma grande quantidade de variação e gradiência. Em consonância a essa afirmação, Martelotta (2015) afirma que as línguas são sensíveis às nuances culturais e que apresentam variações e mudanças ao longo do tempo.

Da mesma forma que a língua se mostra como moldável, Bybee (2016) destaca que também apresenta padrões: “A língua também é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões” (Bybee, p.17, 2016). Para entendermos a dinamicidade e regularidade da língua, devemos destacar a importância do uso, por meio do discurso, para a regularização do sistema linguístico.

Conforme Rosário (2015) apresenta, o uso, para a LFCU, diz respeito não apenas ao registro da modalidade falada, mas também ao registro da modalidade escrita, seja na variedade padrão ou não padrão. O discurso, por seu turno, é caracterizado por Oliveira e Votre (2009, p. 99) como “[...]as estratégias criativas dos usuários na organização da produção da linguística”. Assim, a partir da repetição do uso, acontece a regularização de padrões no sistema linguístico, ou seja, na gramática.

A respeito da repetição do uso como motivador de padrões gramaticais, Furtado da Cunha *et al.* (2015) apontam o discurso como ponto de partida e chegada da gramática. Dessa forma, se, por meio da repetição, padrões são criados, em contrapartida, se algum padrão gramatical não se apresenta de forma esperada, volta para o discurso.

Além da estruturação do sistema linguístico ocorrer por meio de experiências cognitivas que estão fora da “estrutura interna da língua”, as partes constituintes dos elementos que compõem a estrutura gramatical também são compreendidas como motivadas por fatores de ordem experiencial cognitivo. Dessa forma, os funcionalistas defendem uma visão motivada entre as partes formais e funcionais do elemento linguístico.

Sob a perspectiva da LFCU, contudo, há uma atualização no que diz respeito à consideração da visão mencionada anteriormente, a partir de uma concepção mais branda sobre a motivação das partes que compõem o elemento linguístico. Nesse sentido, Oliveira (2022) afirma que, inicialmente, há uma relação motivada entre as partes da forma e função, mas devido a repetição, convencionalização e possíveis mudanças essa motivação inicial vai se tornando mais opaca, sendo difícil recuperá-la.

No que concerne à parte motivada da língua, o Princípio da Iconicidade e, conseqüentemente, o da Marcação, trazem luz para a compreensão da relação motivada entre forma e função. Por esse motivo, na subseção seguinte, descreveremos brevemente esses princípios.

2.2.2 O Princípio da Iconicidade e o Princípio da Marcação

A perspectiva funcionalista dos estudos linguísticos defende o pressuposto de que a língua reflete a estrutura da experiência humana. Assim, quando os elementos linguísticos são analisados contextualmente, nota-se um padrão de recorrência que reflete um elo de motivação para criação de novos itens. De acordo Martelotta e Kennedy (2015), na criação de novos rótulos linguísticos, o falante não inventa sequência novas de sons, mas utiliza o material já existente, estendendo o sentido de palavras, ou seja, há uma motivação semântica. Há também a motivação morfológica em que novos elementos são criados a partir de processos derivacionais ou composicionais como é o caso do constructo *olheiro*, por exemplo. Ainda, uma terceira motivação é de caráter fonético, ou seja, quando o som das palavras claramente imita a substância designada. O termo designado para afirmar a relação motivada entre propriedades formais e funcionais é a iconicidade.

O Princípio da Iconicidade é entendido como a correlação motivada e natural entre a forma e a função. Esse princípio é manifestado em três subprincípios, a saber: o Subprincípio da Quantidade, o Subprincípio da Integração e o Subprincípio da Ordenação linear.

Conforme Martellota e Keneddy (2015), o Subprincípio da Quantidade diz respeito a quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade da forma. Como consequência desse subprincípio, há a tendência de que a complexidade de pensamento seja refletida na complexidade de expressão. Com base nisso, embora passíveis de aparecimento em um mesmo contexto de uso, os constructos *veja* e *veja bem* representam diferentes graus de processamento cognitivo e, por isso, apresentam gradiências semânticas distintas entre si manifestadas por aspectos pragmáticos diferentes.

O segundo subprincípio é o Princípio da Integração que prevê que os conteúdos mais cognitivamente próximos estarão manifestados de forma mais integrada no nível da codificação. Assim, entre algumas compreensões, podemos entender que os marcadores discursivos analisados atuam imediatamente sobre a porção textual mais próximos a eles, chamando a atenção do interlocutor para o que será verbalizado logo em seguida.

O terceiro subprincípio é o Subprincípio da Ordenação Linear que corresponde à ideia de que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática. Como poderá ser visualizado na seção 3, os marcadores discursivos se comportam de modo autônomo em relação à sintaxe. Mas, ao aparecerem, em sua maioria, no início de turno conversacional, eles atuam como importante elementos de coesão interacional e contribuem para o estreitamento de atenção do interlocutor para o que vai ser veiculado a seguir. Assim, de modo procedural, eles antecedem a informação mais importante do tópico.

Prosseguindo, Givón (2001) afirma que o Princípio da Marcação pode ser considerado o metaprincípio governante do Princípio da Iconicidade. Ao nos referirmos ao Princípio da Marcação, devemos ter em mente que ele é um princípio dependente do contexto por excelência⁷. Dessa forma, uma estrutura mais marcada em um contexto pode ser menos marcada em outro contexto.

A marcação pode-se dividir em três critérios, a saber: (i) complexidade estrutural: a estrutura mais marcada tende a ser mais complexa, ou larga, que estrutura menos marcada; (ii) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente e, por isso, cognitivamente mais saliente que o correspondente não marcado; (iii) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento que a estrutura não marcada. Conforme Givón (2001), há uma tendência para que esses três critérios coincidam, sendo o mais geral reflexo da iconicidade.

A fim de evidenciarmos a marcação em nosso objeto de estudo, apresentamos os fragmentos em (2) e (3) extraídos de nossos *corpora*:

- (2) DOC: J* H*, você falou aí, né, que existe diferença entre as crianças de antigamente pras de hoje, e o que o senhor acha das crianças que trabalham?
INF: *Olha*, eu acho importante, por que eu falo porque na minha época que eu era criança eu trabalhava pequeno pra poder ajudar meus pais e não via dificuldade ... (J.H, CLIBA, p. 3)

⁷ Markedness is a context-dependent phenomenon par excellence. The very same structure may be marked in one context and unmarked in another. (Givón, 2001, p.27)

(3) DOC: Em relação a mídia eh... você acha que a mídia hoje tem contribuído pra... essa violência que você tanto citou... pra esse desinteresse dos jovens em estudar... eh.. qual que você acha que ta sendo o papel da mídia nesse... nesse aspecto? Ou ela... ela tem influenciado pro bem ou para o mal? INF: *Olha só*, a mídia hoje em dia... ela... prioriza mais o lado da violência infelizmente você liga a TV você vê lá muita coisa só notícia ruim infelizmente muita violência muita agressão física... muita morte... enfim né, (R., PCVC, p. 13)

Os fragmentos em (2) e (3) apresentam estruturas contextuais semelhantes. Ambas as ocorrências foram extraídas do gênero entrevista do tipo pergunta-resposta. Além disso, ambos documentadores enunciam perguntas em que se esperam respostas subjetivas. As porções “o senhor acha” e “você acha”, presentes nos dois exemplos listados, explicitam isso. Ainda, ambos MD destacados aparecem no início de turno conversacional e, discursivamente, funcionam como um conector interacional para chamamento de atenção⁸.

Entretanto, o MD em (3), *olha só*, apresenta uma estrutura mais complexa que em (2), *olha*. Em outras palavras, o MD em (3) é composto pela base verbal + o preenchimento do *slot* adverbial, ao passo que, no exemplo em (2), o *slot* adverbial não é preenchido. Também, no que diz respeito à frequência de uso, *olha* tende a ocorrer mais recorrente do que *olha só* (Martins, 2013; Sambranna, 2017). Assim sendo, podemos dizer que, nesse contexto, *olha só* é mais marcado em relação a *olha*, por ser cognitivamente mais complexo; por agregar, estruturalmente, mais um elemento à construção; e por, nas pesquisas apresentadas, ter mostrado uma frequência menor.

A maior marcação de *olha só* em relação a *olha* consiste, entre outras coisas, em uma maior demanda de atenção. Consequentemente, se discursivamente há funções semelhantes entre os MD, em (2) e (3) há funções pragmáticas distintas, tais como a demanda de atenção. Esclarecemos que, embora estejamos expondo para a discussão da teoria, excertos de fala que apresentem o nosso objeto de estudo, a descrição do funcionamento pragmático do padrão construcional [V_{pv}(adv)]_{MD} em análise nesta dissertação ocorrerá na seção 5- *Análise de Dados*.

Outra atualização na concepção da LFCU sobre o funcionamento da língua é que, no processo de mudança que pode ou não resultar em um novo nó na rede linguística, o que se transforma não é um item isolado, mas toda uma construção que envolve forma e função. Com isso, ressaltamos, mais uma vez, a importância da pragmática e da adoção de uma visão holística, conforme defende Rosário (2022), entre aspectos da forma e da função. Por fim, essa

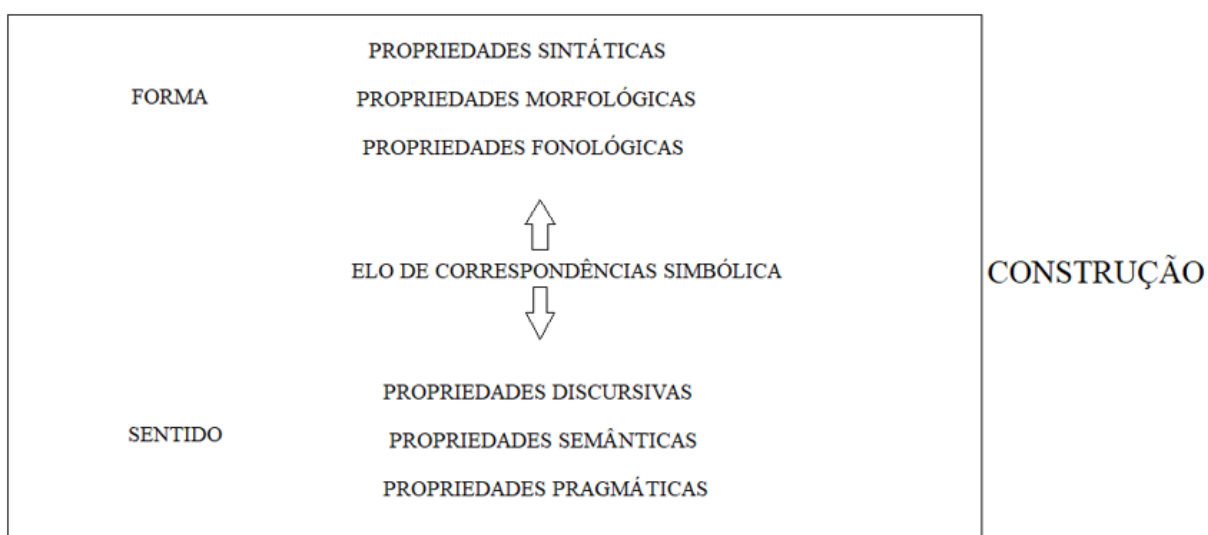
⁸ Conferir a seção 3- *Marcadores discursivos*.

nova concepção permite uma análise do sistema linguístico de construções que vão desde um vocábulo até estruturas sintáticas maiores como SVO. A respeito da construção, vejamos a subseção 2.2.3 *Construção: A unidade básica da gramática*.

2.2.3 Construção: A unidade básica da gramática

Na subseção 2.1 – *Do Estruturalismo ao Funcionalismo Linguístico*, descrevemos a definição de Croft (2001) acerca da construção. Entretanto, Croft (2001) desenvolve, também, um modelo construcional que pode ser visto na Figura 1 a seguir:

Figura 1 – Modelo de Construção Croft (2001)



Fonte: Croft (2001).

O modelo apresentado por Croft (2001) nos permite destacar, com base em Rosário e Oliveira (2016), que o foco de investigação científica em direcionalidade forma/função, sem qualquer primazia de um ou outro polo construcional, além de conferir maior rigor às pesquisas linguísticas, considera seis propriedades construcionais, a saber: sintáticas, morfológicas, fonológicas, discursivas, semânticas e pragmáticas.

Para além do modelo apresentado por Croft (2001), Traugott e Trousdale (2021 [2013]) desenvolvem um modelo construcional que apresenta semelhanças ao proposto por Croft (2001). Vejamos a Figura 2:

Figura 2 – Modelo de construção de Traugott e Trousdale (2021 [2013])

$$[[F]] \leftrightarrow [[S]]$$

Fonte: Traugott e Trousdale (2021[2013]).

Na Figura 2, é possível compreendermos que, no polo da forma, [F], são levados em consideração os aspectos morfológicos, sintáticos e fonológicos. Por conseguinte, no que diz respeito ao polo do significado, [S], são considerados os aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos. A consideração de aspectos discursivos e pragmáticos possibilitou, entre outras coisas, a análise de fenômenos como os marcadores discursivos que constituem objeto de nossa pesquisa.

Na definição de Croft (2001), as construções são unidades simbólicas, um pareamento de forma e sentido, em que, no primeiro polo, estão incluídas propriedades morfológicas, sintáticas, e até fonológicas e prosódicas. No polo do sentido, estão incluídas propriedades semânticas, discursivo-funcionais e, também, parâmetros sociais de uso. Semelhantemente, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) defendem que as construções são unidades simbólicas e convencionais.

Traugott (2022) destaca que a concepção de construção como unidade simbólica se assemelha com o conceito de signo apresentado por Saussure (2012 [1916]), exceto pelo fato de que, sob a concepção cognitivista, a construção engloba desde palavras até estruturas maiores. De outro modo, todo o conhecimento linguístico do falante é organizado em construções dispostas em um grande inventário linguístico⁹. Esse conhecimento abrange desde idiossincrasias e expressões mais concretas até regularidades gramaticais. Pinheiro (2016) elabora um quadro construcional, com base no preenchimento fonológico, que apresenta desde construções menores e mais concretas até construções maiores e mais abstratas. Visualizemos o Quadro 1:

Quadro 1 – *Continuum* de construções gramaticais

Tipo de construção	Exemplo
Palavra	Árvore
Expressão fixa	Bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	Re + base verbal
Esquema sintático semipreenchido	Que mané X, que X o quê
Esquema sintático aberto	SVO (ex.: Réver cabeceou a bola)
Padrão entoacional	Ascendente

Fonte: Pinheiro (2016).

⁹ Conferir seção 2.2.3

O Quadro 1 está organizado a partir do preenchimento fonológico das construções. Pinheiro (2016) reitera que as construções são convencionais e simbólicas, ou seja, são entidades de duas faces com características formais e funcionais na qual aspectos formais sugerem ou substituem aspectos funcionais/conceituais. Essa percepção, em algum modo, se assemelha à concepção Estruturalista, exceto pela defesa de que não há distinção categórica entre o componente lexical e o componente gramatical.

Na concepção construcionista, o conceito de construção é suficientemente amplo para descrever desde idiossincrasias até estruturas sintáticas mais abstratas, conforme visto no Quadro 1. Nessa senda, na palavra *árvore* observa-se a sequência fonológica /aRvorI/ que evoca o conceito mental de árvore. Essa relação simbólica não se restringe apenas as palavras, mas se estende a estruturas gramaticais mais complexas como no esquema morfológico *re + base verbal*, na qual, convencionalmente, o prefixo *re* adjungido à base verbal denota o conceito de repetição de um evento como *refazer* e *reorganizar*.

O conceito de construção, inclusive, é suficiente para determinar relações entre pareamento de forma e função ainda mais abstratas e complexas, sem a necessidade de preenchimento fonológico, por exemplo, conforme o esquema sintático aberto SVO tradicional na gramática do português brasileiro. O padrão formal nessa construção reside na sintaxe de sujeito, verbo e objeto, cujo padrão funcional reside em um agente que atua sobre um paciente.

A partir do Quadro 1, elaboramos um quadro a partir de construções com base verbal *olhar* e *ver*:

Quadro 2 – *Continuum* de construções de base verbal *olhar* e/ou *ver*.

Tipo de construção	Exemplo
Palavra	Olho
Expressão fixa	olho grande
Esquema morfológico	Re + ver
Padrão construcional semipreenchido	[olha (adv)] _{MD}
Esquema sintático aberto	SVO (ex.: O menino olhou o boneco.)
Padrão entoacional	Ascendente (ex.: viu?)

Fonte: Elaboração própria a partir de Pinheiro (2016).

No Quadro 2, a palavra *olho*, cujo preenchimento fonológico /'oʎu/ evoca o conceito mental de um órgão do corpo humano. A relação forma/função também é identificada na expressão idiomática *olho grande* em que há uma perda de correspondência direta entre as partes que compõe a forma e o seu sentido, mas convencionalmente, denota a ideia de pessoas invejosas. O esquema morfológico *rever*, denota a ideia de ver novamente aqui, não

necessariamente no sentido corpóreo, mas também no sentido de rever determinado posicionamento ou situação.

À medida que o esquema construcional se torna mais abstrato, perde-se o preenchimento fonológico como pode ser visto no padrão construcional do marcador discursivo [olha (adv)]_{MD}. Esse padrão, parcialmente preenchido, possibilita o uso de diferentes afixoides no *slot* adverbial: *olha só, olha bem, olha aí*, etc.. Discursivamente, essa construção atua no chamamento de atenção do interlocutor.

Pode-se abstrair, fonologicamente, ainda mais a construção como é o caso do padrão entoacional ascendente dos marcadores discursivos *viu?*, que denotam uma pergunta retórica, sem obrigatoriedade de resposta do interlocutor, apenas para o monitoramento do fluxo conversacional.

Por meio dos Quadros 1 e 2, reafirmamos que, ao definir a construção como unidade básica da gramática, compreendemos que não há uma distinção rígida entre componentes lexicais e gramaticais, ou ainda, itens idiossincráticos e regulares, como é entendido na perspectiva Gerativista. Sob a perspectiva da LFCU, tanto expressões idiossincráticas quanto as generalizações gramaticais são compreendidas como unidades simbólicas que associam diretamente informações formais e informações de sentidos de modo arbitrário.

A arbitrariedade é outro aspecto relacional entre o conceito de construção e os pressupostos saussureanos apontados por Traugott (2022). Segundo Traugott (2022), as construções são arbitrárias uma vez que o pareamento entre forma e função é uma questão convencional sócio-histórica. Por fim, a construção é uma unidade, porque há uma relação tão intrínseca entre a associação do polo e do significado que não pode ser encontrado em nenhum outro.

A respeito da unidade da construção visto como um todo, Traugott (2022) afirma que essas são unidades com estruturas internas complexas. De outro modo, a construção envolve seis propriedades diferentes e passíveis de mudança. Além disso, conforme defendido na perspectiva cognitivista, não há uma distinção rígida entre semântica e pragmática.

Ao utilizar a concepção de construção adotada por Traugott e Trousdale (2021 [2013]), poder-se-ia pensar em uma possível contradição teórica, haja vista que, no Funcionalismo, a relação entre forma e significado são tomados como motivadas, e não arbitrárias. Na visão mais contemporânea do Funcionalismo, contudo, a qual a LFCU se encaixa, defende-se uma visão mais branda da relação entre as partes da construção, de modo que as relações são vistas como parcialmente motivadas, questão que, de alguma forma, já era mencionada no Funcionalismo clássico.

A rigor, as relações entre as partes das construções são motivadas por questões semânticas, morfológicas e fonéticas, como descrito na p. 27 desta dissertação. Martelotta e Kennedy (2015) defendem que estas motivações são produtivas do ponto de vista comunicativo e cognitivo e que uma criação de elementos linguísticos a partir do zero, ou seja, sem nenhuma motivação entre as partes que os compõem seria custoso. Mas, apesar disto, essas motivações tendem a se tornar de difícil recuperação quando a mudança semântica faz o elemento se afastar de sua origem linguística.

Há, contudo, no sistema linguístico exceções. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) descrevem as construções instantâneas que são aquelas construções que não passaram por processos de mudança construcional pois foram tomadas de empréstimo de outras línguas. Assim, ainda que tenham, na língua-fonte, um percurso construcional recuperável e motivado, esses percursos não são percebidos na língua que os tomaram de empréstimo, fazendo-os com que o pareçam arbitrário do ponto de vista da relação entre forma e função.

Ainda sobre as construções, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) as classificam quanto ao tamanho, especificidade fonológica e tipo de conceito. Sobre ao tamanho das construções, elas podem ser atômicas como é o caso de unidades monomorfêmicas como *pé*; complexas, quando as partes constituintes das construções podem ser analisáveis como *chutar o balde*; ou ainda intermediárias, que são parcialmente analisáveis como *enfiar o pé na jaca*.

Sobre a especificidade fonológica, uma construção é substantiva quando é totalmente especificada como é o caso de *olha*; em oposição, é totalmente esquemática quando é uma abstração, como é caso de $[V_{pv} (adv)]_{MD}$; e são intermediárias quando são esquemas parciais, como é o caso de $[veja X_{advérbio}]_{MD}$.

Finalmente, no que diz respeito ao tipo de conceito, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) afirmam que uma construção pode ser procedural ou de conteúdo. As construções procedurais são associadas às relações linguísticas de significado abstrato como as preposições; e as construções serão de conteúdo quando utilizadas referencialmente. Neste caso, estão as classes de palavras como os nomes.

É importante destacar, no entanto, que, sob a ótica da LFCU, há construções totalmente gramaticais, assim como há construções totalmente lexicais. Contudo, há casos em que não é possível defini-las nessa polaridade, uma vez que uma construção pode estar entre esses dois extremos. Assim, adota-se uma visão de *continuum*, tão comum ao Funcionalismo, conforme defende Rosário (2022).

No que diz respeito às construções e as suas organizações na rede linguística, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) descrevem que, na organização hierárquica das construções, três

fatores são levados em consideração em uma perspectiva construcional da gramática. São eles: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Argumentam, ainda, que a produtividade e a composicionalidade são essenciais para a compreensão da rede linguística. Vejamos esses fatores na seção 2.2.4

2.2.4 A rede linguística: composicionalidade, esquematicidade e produtividade

A língua, na concepção teórica adotada nesta pesquisa, não é entendida como sendo pertencente a um módulo específico na mente, antes, é um sistema organizado com base em domínios cognitivos gerais. Considerando que a visão de rede é elementar em uma perspectiva cognitivista para todos os domínios cognitivos, então, a língua também é constituída por rede.

Traugott e Trousdale (2021 [2013]) defendem que “[...] crucial para a ideia de rede são os conceitos de nós e elos entre nós, ‘distância’ entre membros de uma família, grupos de propriedades, graus de fixação e acessibilidade de uma construção” (Traugott, Trousdale, 2021 [2013], p.38). Com isso, o sistema linguístico passa a ser compreendido em um *continuum* em que as construções da rede se interconectam. Naturalmente, nessa relação de elos entre os nós, há construções que compartilham mais propriedades com determinadas construções do que outras.

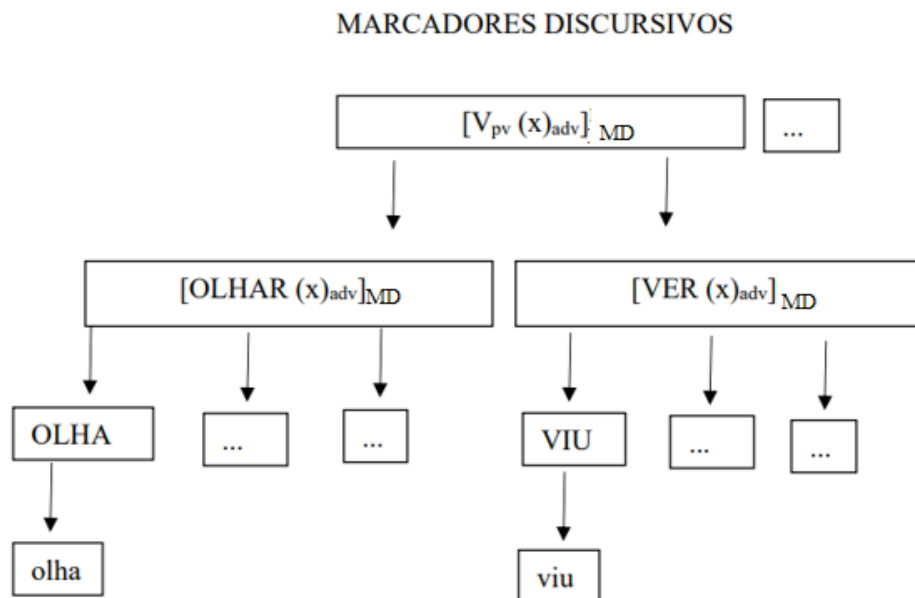
Na rede linguística, as construções se organizam hierarquicamente e, nesse sentido, os fatores de construcionalidade evidenciam essa organização. Segundo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve abstração. Ao pensar em esquematicidade, deve-se ter em mente a associação de padrões mais gerais, os esquemas, que instanciam padrões construcionais mais específicos: subesquemas e microconstruções.

Esses linguistas especificam que esquemas linguísticos instanciam subesquemas e, no nível mais baixo, microconstruções ou padrões construcionais bem especificados. Em pesquisa recente, Teixeira e Rosário (2016) propõem um acréscimo nessa organização hierárquica, com o acréscimo de domínio funcional, uma espécie de universal linguístico com nível mais alto de abstração do esquema e difícil recuperação formal, sendo, por isso, não passível de ocorrer construcionalização, haja vista que o polo da forma não é especificado.

Com o intuito de uma melhor visualização, tomando o nosso objeto como exemplo, na rede hierárquica, os marcadores discursivos estariam no âmbito do domínio funcional devido ao alto grau de abstração; em uma instância abaixo, estaria representado, no esquema mais geral os marcadores discursivos de base perceptivo-visual. Este esquema se especifica em dois

subesquemas $[\text{OLHAR (x) ADV}]_{\text{MD}}$ e $\text{ver VER } [(x) \text{ ADV}]_{\text{MD}}$ em que são instanciados microconstruções com as respectivas base verbal e a possibilidade de preenchimento adverbial. Na instância mais específica dessa rede virtual, estão as microconstruções que podem ser representadas fonologicamente como *olha* e *viu*. Ainda, em um estágio mais abaixo, estão os constructos representados por letras minúsculas. Esclarecemos que, na rede taxonômica proposta, as reticências sinalizam as diferentes possibilidades microconstrucionais. Destacamos, ainda, que um de nossos objetivos nesta pesquisa é estabelecer a rede taxonômica dos marcadores discursivos e que o cumprimento desse objetivo, embora parcialmente anunciado aqui, estará presente na seção *Análise de Dados*:

Figura 3 – Rede simbólica dos marcadores discursivos



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 3 traz um modelo representacional de parte da rede linguística. Considerando a amplitude do domínio funcional dos marcadores discursivos, há a instanciação do esquema dos MD representado pelo padrão $[V_{pv} (adv)]_{\text{MD}}$. Esse padrão instancia dois subesquemas menos esquemáticos, a partir do preenchimento parcial por meio das bases verbais. Por sua vez, os subesquemas instanciam microconstruções variadas que se relacionam, na rede, por meio de nós de similaridade. Como pode ser observado, considerando a rede a partir do movimento *top-down*, há, respectivamente, perda de abstração formal até o preenchimento formal total que pode ser observado nos construtos *olha* e *viu*.

A ideia de rede é fundamental na abordagem adotada, pois as construções linguísticas (mas também outros domínios cognitivos) são organizadas em rede. A ideia de rede, contudo,

não é exclusiva às abordagens construcionistas. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) afirmam que Saussure foi um precursor da noção de rede, haja vista as relações sintagmáticas e paradigmáticas em que a língua é concebida como um sistema interdependente de signos em que o valor de um signo se dá a partir da relação entre outros signos. Em uma abordagem construcional, entretanto, a ideia de rede não é fixa e nem se restringe ao léxico, antes, as redes são dinâmicas e estão em contínua transformação, além de abranger estruturas maiores que o léxico.

Em uma direção *bottom-up*, entretanto, ou seja, de baixo para cima, o que instancia as microconstruções são os construtos, definidos por Traugott e Trousdale (2021 [2013]) como ocorrências empiricamente testadas, sejam elas faladas ou escritas. Considerando que a mudança ocorre na língua em uso, os construtos ajudam a modelar o sistema da língua a partir de instanciações de níveis hierárquicos que constituem a rede linguística. Sublinhamos que os nossos constructos foram retirados do PCVC, PPVC e CLIBA, como veremos detalhadamente na Seção 4.

No que concerne à produtividade, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) apontam que, na maioria dos trabalhos realizados, esse fator está relacionado à frequência. Bybee (2016) realiza uma importante distinção entre frequência de ocorrência (*token*) e frequência de tipo (*type*). A frequência de ocorrência diz respeito à repetição dos construtos no uso linguístico; a frequência de tipo, por seu turno, diz respeito à instanciação de novas microconstruções no padrão construcional. Bybee (2016) afirma que a produtividade se associa diretamente à frequência tipo, haja vista que, quanto maior a quantidade de tipo, maior a produtividade. Em contraponto, frequência de ocorrência muito alta tende a diminuir a produtividade da frequência de tipo, considerando a convencionalização da construção repetida como protótipo.

A composicionalidade diz respeito diretamente ao grau de transparência entre as partes que constituem a construção. De acordo Traugott e Trousdale (2021 [2013]), a composicionalidade diz respeito ao grau que o elo entre forma e significado é transparente. Assim, construções como [*olha só*]_{MD} são vistas como menos composicionais, pois há uma opacidade das funções de cada parte, de modo que ocorre um novo funcionamento a partir da compreensão da construção como um único bloco construcional.

Por fim, no que diz respeito à instanciação de novas construções, podemos dizer que há a tendência para o aumento de esquematicidade e produtividade, mas há diminuição de composicionalidade. A instanciação de novas construções é o produto da construcionalização que difere da mudança construcional. Na próxima subseção, veremos a diferença entre esses dois processos diacrônicos, além da inserção do processo sincrônico da construcionalidade.

2.2.5 Construcionalização, mudança construcional e construcionalidade

Na Linguística Funcional Centrada no Uso, busca-se uma análise do fenômeno linguístico a partir de uma visão integrada dos eixos da forma e da função que compõem a construção. As mudanças que ocorrem na forma e na função, entretanto, não se manifestam, necessariamente ao mesmo tempo, em ambos os polos. Assim, micropassos de mudanças, ou neoanálises, ocorrem diferentemente no polo da forma e da função. Nessa perspectiva linguística, a mudança linguística ocorre, no eixo diacrônico, por meio da mudança construcional ou da construcionalização (Traugott; Trousdale 2021[2013]); ou por meio da construcionalidade (Rosário e Lopes, 2019) no eixo sincrônico.

Traugott e Trousdale (2021 [2013]) afirmam que a mudança construcional é uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção, ou seja, a dimensão da forma e suas propriedades, ou a dimensão da função e suas propriedades. Nesse estágio de mudança, se pensarmos na rede linguística, não houve a instanciação de um novo nó no sistema linguístico.

A construcionalização, por sua vez, é produto de mudanças construcionais que aconteceram entre a forma e função, ou seja, mudanças que ocorrem nos dois polos da construção e que resultaram em um novo nó no sistema linguístico. Traugott e Trousdale (2021[2013]) pontuam que não há construcionalização sem que mudanças morfofossintáticas e semânticas tenham acontecido.

Podemos afirmar, dessa forma, que as mudanças construcionais (mudanças que ocorrem em um dos polos da construção) possibilitam a construcionalização (mudanças que ocorrem em ambos os polos da construção). Assim, para que haja construcionalização, mudanças construcionais devem ocorrer, embora nem toda mudança construcional resulte em construcionalização.

É válido, ainda, ressaltar que, após a construcionalização, outras mudanças construcionais podem ocorrer. Traugott e Trousdale (2021 [2013]) rotulam essas mudanças como pré-construcionais, as mudanças que antecedem a construcionalização, e como mudanças pós-construcionais, as mudanças ocorridas posteriormente a instanciação de um novo nó na rede.

Se, por um lado, temos, como mudanças linguísticas, as mudanças construcionais e a construcionalização que são percebidas diacronicamente; por outro lado, Rosário e Lopes (2019) propõem o conceito da construcionalidade para se referir ao recorte sincrônico dos processos cognitivos de mudança. Rosário e Lopes (2019) definem a construcionalidade como a relação sincrônica entre duas construções que podem ocorrer a partir de um grau de elo

horizontal, em um mesmo nível hierárquico, ou a partir de relações verticais entre construções menos e mais esquemáticas. Nessa dissertação, investigaremos a construcionalidade dos marcadores discursivos de base verbal *ver* e *olhar*, haja vista que partimos de uma análise de *corpora* sincrônica.

Recentemente, Rosário e Lopes (2023) refinam a definição sobre construcionalidade. Esse refinamento busca ressaltar o caráter gradiente das construções linguísticas. Nessa definição atualizada, Rosário e Lopes (2023) conceituam a construcionalidade como a relação sincrônica entre duas ou mais construções de modo que uma construção pode ser apontada como base para a outra a partir de seus níveis de gramaticalidade. A partir dessa definição, os autores ressaltam a ideia de que, em uma pesquisa sincrônica, é possível observar informações sobre o início da trajetória de mudanças ao longo do tempo.

Se é possível a observação de fatores históricos da língua em um recorte sincrônico, os referidos autores defendem que os fatores de construcionalização, apresentados na subseção 2.2.4 (cf.p. 34), podem ser aplicados em uma investigação sincrônica. Além disso, os autores defendem a aplicabilidade de conceitos cognitivos associados a domínios gerais nesse recorte sincrônico.

Considerando que já discutimos a concepção de língua, a organização da estrutura da língua em redes, a dinamicidade da gramática e a importância da experiência cognitiva para a organização gramatical, a construção como unidade básica da gramática, entre outros conceitos, optamos, na próxima subseção, por descrever alguns processos e mecanismos de domínios gerais que regulam o sistema linguístico, questões caras à análise que será realizada na seção de discussão dos dados.

2.2.6 Processos e mecanismos de domínio geral

Em consonância ao que já foi apresentado, na perspectiva da LFCU, a língua é um sistema moldado pelo uso. Nessa senda, Bybee (2016) destaca que os principais instigadores do modelamento do sistema linguístico estão no uso da língua e não no seu processo de aquisição.

Nessa concepção, a gramática passa a ser compreendida, entre outras coisas, como um espaço de armazenagem do vocabulário, categorias mais abstratas, nas palavras de Bybee (2016), internalizados através do tempo. Assim, a gramática se modelou através do tempo para o armazenamento das informações apreendidas na experientiação, o que reitera seu caráter dinâmico e mutável. Se o uso é o “palco” onde mudanças acontecem, a inferência pragmática

e a repetição de processos e mecanismos de domínio geral e são “atores” envolvidos no processo de mudança linguística.

Bybee (2016) afirma que os atos de fala nunca são totalmente explícitos e requerem um grande uso de inferência. Ou seja, em uma enunciação é possível que o ouvinte interprete mais do que é expresso. Em muitos casos, as inferências obtidas pelos ouvintes são replicadas em novos contextos e, repetidamente, eles vão se expandindo em novos contextos sendo convencionalizados como parte do novo significado.

A respeito da inferenciação, Traugott e Dasher (2004 [2001]) afirmam que a principal força-motriz no processo regular de mudança semântica é pragmática e dependente do contexto. Dessa forma, de acordo a concepção dos autores, o elemento linguístico apresenta um sentido inicial convencional, mas, durante a interação em andamento, o sentido é negociado e construído colaborativamente.

Traugott e Dasher (2004 [2001]) destacam que essa relação interacional entre os participantes do discurso não é igual. Desse modo, no circuito da fala¹⁰, não há uma relação simétrica entre os participantes da cena enunciativa. Embora falante/escritor e ouvinte/leitor sejam participantes ativos durante uma situação comunicativa, as escolhas subjetivas do falante/escritor podem, ou não, produzir novas análises, ou seja, neoanálises, por parte do ouvinte/leitor. Essas novas interpretações a partir do contexto são rotuladas por Traugott e Dasher (2004 [2001]) como inferências sugeridas.

Especificamente, o surgimento de inferências sugeridas é definido por aqueles linguistas como implicaturas que são regularmente associadas ao material linguístico no espaço sintático. Dessa forma, Traugott e Dasher (2002) descrevem que o indivíduo pode realizar uma inovação linguística por meio de sua criatividade. Essa inovação ocorre instantaneamente para esse indivíduo, podendo ou não ser replicado nos diferentes gêneros e tipos textuais deste próprio indivíduo. Os autores prosseguem que esse uso na maioria das vezes não se espalha a outros falantes, mas, em algumas situações isso ocorre. Assim, pensando em uma comunidade linguística, essa inovação é propagada de modo gradual, embora para cada indivíduo que adquira esse novo sentido seja instantâneo, haja vista que as experiências humanas são quase sempre similares. Devido a isso, esses autores citam Bolinger (1971) para dizer que, no curso do tempo, essas inovações/inferências tornam-se referências, ou seja, fazem parte do sentido de determinada (micro)construção.

¹⁰ Termo utilizado por Saussure (2012 [1916]) para se situar o uso da língua.

A construção de sentido no discurso nos leva a retomar Ferrari (2020) para afirmarmos que a neutralidade linguística é uma idealização. Isso significa que todos os eventos linguísticos são marcados por manifestação da subjetividade do falante, seja a partir de usos mais ou menos subjetivos. Para Traugott e Dasher (2002), a subjetividade é a expressão do *self* e a representação da perspectiva do falante no discurso. Isso significa que as escolhas lexicais envolvidas para a expressão do conteúdo manifestam a perspectiva subjetiva do sujeito falante.

Reiteramos que o discurso não se caracteriza apenas pela enunciação do falante, mas, segundo Traugott e Dasher (2002), a díade falante-ouvinte é o fundo para a comunicação linguística. Nessa díade, o falante tem, obviamente, consciência do seu interlocutor. Nessa direção, de acordo Oliveira (2022), em uma etapa mais avançada do discurso, entra em cena o recrutamento efetivo do ouvinte, sendo-o convidado para partilhar pontos de vistas, crenças e avaliações.

Essa etapa mais avançada é o que Traugott e Dasher (2002) caracterizam como intersubjetividade: o envolvimento da atenção do falante em direção ao ouvinte como participante do evento discursivo. Oliveira (2022) afirma que, quanto mais intersubjetiva é uma expressão, mais ela se torna abstrata e polissêmica, dando margem à interpretações menos consensuais, em um processo de inferência sugerida. Os marcadores discursivos são um exemplo desse estágio avançado e, ao utilizá-lo, o falante busca monitorar a interação por meio do chamamento de atenção para o que está sendo dito, estreitando as relações de sentido.

Retomando o que foi descrito no parágrafo anterior a respeito das inferências serem implicaturas que são associadas ao material linguístico no espaço sintático, o processo de metonimização e, conseqüentemente, o mecanismo da metonímia surge como um importante fator de mudança linguística. Traugott e Dasher (2004 [2001]) mostram que, durante muito tempo, o uso metonímico foi associado largamente a idiossincrasias com referências externas, por exemplo, a casa branca para o presidente dos Estados Unidos. Essa concepção, todavia, passou por alterações fundamentais, sobretudo, no âmbito da Linguística Cognitiva.

A LC foi propulsora de uma nova forma de conceber a metonímia por meio da Semântica de Frames e o frame metonímico em que, resumidamente, componentes dos frames são parte do todo. Traugott e Dasher (2004 [2001]) destacam o frame de restaurante em que comidas e clientes são algumas das partes que compõem o todo. Assim, conforme exemplos dos autores “O sanduíche de presunto quer um segundo copo de coca” envolve relações metonímicas não apenas da pessoa que solicita o sanduíche, mas também todo o frame do restaurante e o nosso modelo mental dele.

Por meio dessa nova concepção cognitiva, a metonímia passar a ser vista como um fator primordial na mudança semântica. Considerando os polos construcionais, a metonímia se associa ao polo formal haja vista que ocorre no âmbito sintático e envolve relações de contiguidade e indexicalidade, havendo alterações em um mesmo domínio, conforme pensamentos de Traugott e Dasher (2004 [2001]).

Ferrari (2020) afirma que essa relação de contiguidade ocorre em termos de associações na experiência. Nessa relação, a metonímia coloca em evidência um domínio específico de um frame complexo. A respeito da esquematicidade metonímica, Oliveira (2022) processa a metonímia como:

Figura 4 – O esquema metonímico

ELEMENTO 1 + ELEMENTO 2 = ELEMENTO 3 (1+2)

Fonte: Oliveira (2022)

A Figura 4 demonstra o processo virtual associativo característico da metonímia. O elemento 3 é utilizado e compreendido entre os falantes a partir da relação contígua entre aspectos do elemento 1 e do elemento 2. Oliveira (2022) destaca que essa contiguidade de elementos na ordenação sintática pode levar a reinterpretação de constituintes sintagmáticos. Vejamos dois exemplos simbólicos dessa relação contígua na propriedade sintática.

(4) [Olha] [só o que vou te mostrar] ...

(5) [Olha só] [o que vou te mostrar] ...

No exemplo 4, o elemento *só* se comporta como um advérbio que focaliza o objeto a ser visualizado. Em contrapartida, no exemplo 5 *só* se associa ao *olha* constituindo-se como um único bloco, havendo um novo elemento 3 (*olha só*) a partir da relação associativa e sintagmática de dois outros elementos (elemento 1 = *olha* + elemento 2 = *só*). Nessa relação metonímica, *olha só* demonstra sentidos distintos dos seus dois constituintes primários, *olha* e *só*.

Há, nos estudos funcionalistas, um mecanismo estritamente associado à metonímia, mas que ocorre no âmbito funcional da construção: a metáfora. A esse respeito, Lakoff e Johnson (1980) descrevem a essência da metáfora como o entendimento e experiência de uma coisa em termos de outra¹¹. O mecanismo da metáfora é tão importante e comum no uso linguístico

¹¹ The essence of metaphor is understading and experiencing one kind of thing in terms of another. (Lakoff; Johnson, p. 2 e 3, 1980).

que Traugott e Dasher (2004 [2001]) destacam que ela é modo de pensar generalizado, um aspecto fundamental da cognição humana e, também, da linguagem, tão fundamental que é inconcebível conceber a linguagem sem a metáfora.

Ao considerar a metáfora como a experiencição de uma coisa em termos de outras, deve-se pensar a metáfora enquanto operação entre domínios diferentes. Nesse sentido, Ferrari (2020) destaca a correspondência entre um domínio-fonte e um domínio-alvo. No que diz respeito a esse processo, Oliveira (2022) afirma que há uma unidirecionalidade de modo que a metáfora parte do que é mais concreto para o que é mais abstrato, do menos subjetivo para o mais subjetivo.

A fim de ilustrar o mecanismo da metáfora a partir do nosso objeto, se pensarmos em *olhar* enquanto verbo, teríamos ali o domínio-fonte a partir de uma base corpórea e, portanto, mais concreto. A fim de alcançar uma maior expressividade a partir de usos mais abstratos, o uso de *olhar* e suas desinências passou a ser empregado em situações mais abstratas por meio de negociações de sentidos através de inferências sugeridas. Assim, *olha* passou a ser empregado em contextos mais procedurais, sendo direcionado ao aspecto discursivo do texto.

Nos estudos funcionalistas contemporâneos, a qual a LFCU se acomoda, há uma visão holística do funcionamento linguístico. Dessa forma, há uma visão holística também no que diz respeito a metonímia e a metáfora, considerando que, para se chegar a um processo, deve-se levar em consideração o outro, uma vez que reinterpretações de forma e função ocorrem continuamente. Ratificamos que, a esse respeito, Traugott e Dasher (2004 [2001]) relacionam a metáfora ao polo da função, considerando a proximidade conceitual, e a metonímia ao polo da forma, considerando as associações sintagmáticas. Ferrari (2020) afirma que não há distinção nítida no qual um processo acaba e outro se inicia, propondo uma continuidade entre metonímia e metáfora.

No curso do uso linguístico, é necessário que as inferências sugeridas a partir da interação que contribui para alteração da construção, seja no polo formal por meio da metonímia ou no polo funcional por meio da metáfora tenham um alto nível de frequência de uso para que assim haja convencionalização entre os falantes. Bybee (2016) destaca que alta frequência de uso, incluindo uso redundante, é um pré-requisito para a obrigatoriedade de determinada construção. Assim, inferências ou construções com um índice de uso muito baixo podem ocasionar em desaparecimento delas mesmas.

Sobre a incidência de alta produtividade no uso linguístico, Bybee (2016) afirma que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua. Precisamente, todas as circunstâncias de uso influenciam na representação cognitiva da língua. Assim, uma construção

é generalizada por um acúmulo de exemplos experienciados no uso constituindo o processo de memória enriquecida.

A memória enriquecida é um processo de domínio cognitivo caro aos estudos funcionalistas, mas não considerados nos estudos estruturalistas, uma vez que, na concepção formalista, redundâncias e variações no código linguístico são extraídas, ao invés de serem armazenadas na memória. Além disso, o papel da repetição e/ou imitação na perspectiva estrutural é atenuada.

No Funcionalismo, porém, todo uso linguístico exerce força e impacta as construções e a rede linguística consequentemente. Segundo Bybee (2016), cada ocorrência reforça a representação de um item exemplar. Os efeitos de frequência, entretanto, serão somente notados após um grau de acúmulo de frequência. Esse acúmulo de frequência, por sua vez, só é dotado de significado a menos que desde a primeira ocorrência seja registrada na memória.

O uso de determinado exemplar na interação reforça-o na representação cognitiva em todos as suas propriedades. A alta frequência de uso, assim, influencia em aspectos fonéticos como a redução fonética; morfossintáticos como a vinculação entre dois constituintes sintagmáticos que passam a ser associados como um único bloco por meio de um processo chamado de *chunking*. Processos e mecanismos aliados aos efeitos de repetição dão forma a estrutura gramatical da língua.

A memória enriquecida, no entanto, não diz respeito apenas ao armazenamento de propriedades linguísticas. Para Bybee (2016), a memória enriquecida registra detalhes da experiência. Logo, cada exemplar de uma construção inclui informações sobre seus contextos de uso e, consequentemente, informações sobre inferências feitas em tais contextos. Isso contribui para o entendimento de como novas construções surgem com base em exemplares de construções mais antigas a partir de suas pistas contextuais. Antes de nos aprofundarmos a esses mecanismos analógicos, comentaremos sobre os efeitos de repetição da memória enriquecida em sequências discursivas utilizadas juntas.

Bybee (2016) define o *chunking* como o processo pela qual sequências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas. Assim, a partir da repetição de unidades sintagmáticas diferentes como [olha] + [só] em um mesmo contexto, há a possibilidade do surgimento de um novo pareamento em que há a combinação sintática [olha só], que exerce uma nova função diferente das anteriores. A respeito desses novos pareamentos, Bybee (2016) defende que o *chunking* é base cognitiva para a morfossintaxe. O principal fator que aciona o *chunking* é a repetição. Desse modo, sequências acessadas juntas de forma recorrente tendem a ser compreendidas juntas.

Destacamos que, no processo de *chunking*, há uma tendência de redução da massa fonética das construções, motivada pela relação sequencial das partes que compõem o *chunk* considerando a frequência alta em que essas unidades são utilizadas. Assim, ainda que, nesta pesquisa, não contemplemos as propriedades fonética/fonológicas, é provável que a construção marcadora discursiva *olha só* possua uma entonação prosódica diferente da estrutura sintagmática *olha só*¹². Ainda, na seara formal da construção, destacamos que, nas estruturas processadas como *chunk*, há perda de transparência semântica, uma vez que há perda de analisabilidade dos elementos que compõem esse agrupamento construcional. Essa perda de analisabilidade ocorre, muitas vezes, além de motivadas por questões de repetição, pelos contextos em que esses novos agrupamentos se inserem.

Ainda sobre o *chunking*, Bybee (2016) argumenta que, para fins de processamento, tudo é um *chunk*. Isso posto, este processamento deve ser pensado em um *continuum* a partir de sequências pouco utilizadas até as mais utilizadas. No polo das sequências mais acessadas, Bybee (2016) destaca os *chunks* com marcadores discursivos. O *continuum* diz respeito não apenas à frequência, mas também a estruturação da gramática. Assim, *chunks* menores são inseridos dentro de *chunks* maiores e isso compõe a estrutura hierárquica gramatical. Estruturas maiores de *chunks* tendem a ser acessadas com menor frequência. A correlação entre complexidade e frequência nos *chunks* retoma o Princípio da Marcação já discutido em que estruturas mais complexas cognitivas e menos frequentes em determinados contextos tendem a ser mais marcadas em relação a outras estruturas.

A alta frequência de uso não contribui apenas para a criação de *chunks* e, consequentemente, para a estruturação do sistema linguístico, mas também reforça exemplares, destacando-os como prototípicos de determinada categoria. A esse respeito, Bybee (2016) afirma que as construções são organizadas em categoria. Antes de nos determos na descrição da categoria, atentemo-nos ao processo de analogia que contribui para a categorização de determinadas construções em contextos específicos.

Conforme sinalizado nos parágrafos anteriores, a mudança linguística ocorre no uso a partir da interação entre falantes em vez de ocorrer no processo de aquisição da língua. A respeito do uso como lugar da mudança, a analogia é um processo efetivo na criatividade do indivíduo para a utilização de um novo item em uma construção.

¹² Nesta dissertação, as propriedades de natureza fonético-fonológica não foram contempladas, considerando que essas entrevistas gravadas armazenadas nos *corpora* selecionados foram gravadas em ambiente aberto, sem isolamento acústico, inviabilizando a precisão técnica necessária para a análise dos marcadores discursivos a partir dessas propriedades.

A efetividade da analogia para criação de novas construções ocorre pois o processo analógico se associa diretamente ao conceito de similaridade. Esse mecanismo diz respeito à criação de novas construções com base em construções mais antigas. Em outras palavras, o indivíduo utiliza a língua criativamente a partir de novos padrões que se baseiam em enunciados anteriores já existentes. Enquanto maior a semelhança com os padrões existentes, maior a probabilidade dessa construção ser aceita pela comunidade linguística.

Entretanto, à medida que uma construção de alta frequência é utilizada, menor é a possibilidade de ela sofrer mudança analógica. Sobre isso, Bybee (2016) apresenta o Efeito de Conservação que consiste na defesa de que um item acionado frequentemente aciona na mente dos falantes o nível de ativação latente. Essa ativação mais imediata a torna como um exemplar prototípico da construção, diminuindo as chances de mudança analógica para essa construção.

Traugott e Trousdale (2021 [2013]) fazem uma importante distinção entre o mecanismo da analogia e o pensamento analógico. O mecanismo da analogia, por meio de neoanálises, ou seja, micromudanças no polo da forma ou função, resulta na criação de um novo pareamento entre forma e função. O pensamento analógico é a motivação que possibilita a mudança, sem necessariamente tê-la como resultado.

Oliveira (2022), a partir de assunções de Traugott e Trousdale (2021 [2013]) e Bybee (2016), destaca que a neoanálise¹³ é um mecanismo mais geral que analogia. Toda analogia é um caso de neoanálise, mas nem toda neoanálise é uma analogia por não constituir esquemas replicáveis. Ainda, a frequência de uso, ou repetição, é fator importante para a ocorrência de neoanálise, considerando que, como afirma Oliveira (2022), fazemos melhor o que fazemos sempre.

Além da frequência de uso, é importante que esses movimentos de neoanálises sejam compartilhados por uma comunidade de falantes. Uma nova interpretação que parte apenas de um falante é uma inovação linguística, mas, para que haja mudança, é preciso, além da frequência, que o novo arranjo construcional seja compartilhado por uma comunidade de falantes.

A categorização é um processo que se relaciona com outros processos e diz respeito à similaridade ou emparelhamento de identidades em que construções são associadas a representações estocadas, constituindo, assim, a base do sistema linguístico. Essas representações estocadas ocorrem por meio da memória enriquecida que é um processo de

¹³ Oliveira (2022) utiliza a expressão reanálise. Em consonância com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), preferimos utilizar a expressão neoanálise.

estocagem mental de detalhes de experiências biossociocomunicativas que contribuem para o fortalecimento e a categorização de padrões construcionais. Com base na memória enriquecida, destaca-se que todas as ocorrências linguísticas são importantes para a constituição do sistema linguístico.

Ferrari (2020) afirma que a categorização é o processo pelo qual agrupamos entidades semelhantes em classes específicas. Nesse processo, a nossa capacidade de memória é muito importante. Além disso, Ferrari (2020) destaca que não há limites rígidos que separam diferentes categorias, havendo uma zona de intersecção. Dessa maneira, precisamos ser sensíveis para perceber que a construção considerada como prototípica para uma categoria não é fixa, varia de acordo o contexto, podendo, em outro contexto, a mesma construção não ser o protótipo daquela categoria.

Bybee (2016) descreve que as construções não são objetos naturais, antes são convencionais. Nesse sentido, o grau de ocorrência dos elementos linguísticos pode influenciar na categorização. Nessa senda, se um elemento estocado é utilizado com maior frequência, é provável que esta construção seja tomada como prototípico para a categorização de novos itens. Dessa forma, se *olha* é o elemento mais frequente no que concerne aos marcadores discursivos, é provável que novos itens sejam inseridos na categoria de marcadores discursivos a partir de relações de semelhança formal e/ou semântica com o item prototípico.

O nível de frequência não é o único fator a ser considerado na formação de categorias. Conforme Ferrari (2020), o contexto também pode influenciar os membros centrais e, portanto, prototípicos, dos membros mais periféricos. Ao se referir ao contexto, incluem-se questões linguísticas como o tipo de discurso e o ambiente linguístico ao qual a interação ocorre, a própria memória estocada na mente dos falantes e, também, a cultura em que as expressões são utilizadas.

Retomando os expostos, percorremos, nesta seção, uma pequena trajetória da constituição da Linguística enquanto caráter científico a partir da consideração dos polos formalistas e funcionalistas. A partir dessa descrição, nos posicionamos quanto ao polo linguístico adotado e nos adentramos nos pressupostos teóricos da abordagem da LFCU. Nessa abordagem, há uma relação estreita entre língua, uso e gramática de forma que o sistema linguístico é moldado a partir do uso de elementos que os falantes utilizam na situação discursiva.

Ademais, considerando o uso como fator de criação gramatical, o sistema linguístico é entendido como dinâmico e estruturado em rede. A rede linguística é organizada em nós e tem como seu elemento central a construção. Por sua vez, a construção é um pareamento de forma

e função que envolve desde estruturas monomorfêmicas até níveis linguísticos maiores como os gêneros textuais. Ainda, expomos que a construção é uma estrutura complexa que pode ser pensada em tamanho, especificidade fonológica e tipo de conceito.

As alterações na rede linguística ocorrem justamente porque as construções mudam. Entretanto, as mudanças que alteram a construção, fazendo com que haja alteração no sistema, não ocorrem no momento de aquisição da língua, mas no uso linguístico. Além disso, os processos e mecanismos que atuam sobre a construção fazendo com que elas se alterem a fim de atingir as necessidades sociocomunicativas são de ordens de domínio geral por meio da experiência do indivíduo com o mundo exterior a ele. Esses processos foram discutidos durante esta seção tais como *chunking*, *memória enriquecida*, *metáfora* e *metonímia*.

Isso posto, na próxima seção, nos atentaremos a descrição do grupo pragmático dos marcadores discursivos a partir de seus traços constituintes e funcionalidade. Para isso, buscamos realizar uma investigação que contemple desde os escritos na gramática normativa e, portanto, mais tradicionais, até pesquisas linguísticas mais recentes em nível de dissertação de mestrado e tese de doutorado.

3 MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos (MDs) constituem um grupo de elementos diversificados. Essa diversificação diz respeito não apenas a sua constituição, mas também às diferentes definições e terminologias aplicadas pelos pesquisadores. Charaudeau (2004), a respeito das diferentes nomenclaturas relacionadas aos MDs, menciona, entre outros termos: apoio discursivo, pontuadores e marcadores de estruturação da conversação. A respeito da funcionalidade, Charaudeau (2004) os considera como polifuncionais, uma vez que atuam em diferentes pontos tais como a estrutura da interação e a coerência textual.

Embora discussões sobre os MDs tenham ganhado destaque a partir da inserção funcionalista dos estudos linguísticos, por meio de abordagens cognitivas e textuais, a menção a esse grupo de palavras ocorreu bem antes. Na década de 30 do século passado, ao utilizar o termo “expressões de situação”, Said Ali (1930) destacou que, apesar de parecerem “sobra”, nas proposições analisadas com os recursos gramaticais, elas possuem funcionalidade, haja vista que, ao tentar eliminá-las, as proposições se tornavam mais vagas e falhas na transmissão daquilo que se tem em mente.

Figuram muitas vezes no falar corrente, e em particular nos diálogos, palavras e frases que parecem de sobra nas proposições quando estas se analysam com os recursos usuas da grammatica e da logica. Todo mundo as emprega espontaneamente, mas não a esmo, e sim em determinadas condições. Não são desnecessárias. Basta tentar eliminá-las, para ver que as proposições se tornam mais vagas e falhas de certo intuito que temos em mente (Said Ali, 1930, p. 49).

Desse modo, reconhecendo a importância e considerando a diversidade relacionada aos marcadores discursivos, propomos, inicialmente, uma investigação em uma perspectiva prescritiva da gramática tradicional, observando se há alguma menção sobre esses termos que possa estar relacionada aos marcadores discursivos e, com isso, verificar o que os gramáticos (não) relatam sobre os MDs. Após isso, buscaremos em gramáticas descritivas o que há sobre o fenômeno linguístico em análise. Por último, nesta seção, focalizaremos a investigação dos marcadores discursivos a partir de análises de pesquisas linguísticas contemporâneas presentes em artigos, teses e dissertações.

Por fim, conforme mencionado anteriormente, o grupo que constitui o que denominamos marcadores discursivos é nomeado por outros estudiosos a partir de diferentes terminologias. Desse modo, nas subseções posteriores, respeitando a concepção terminológica

adotada por cada pesquisador, utilizaremos expressões como marcadores conversacionais, expressões de situação e outros termos para designar o que compreendemos e optamos por denominar como marcadores discursivos.

Assim, como fizemos na seção anterior, ratificamos que, por vezes, traremos exemplos de nossos *corpora* para compor o diálogo a respeito do fenômeno em estudo.

3.1 Marcadores discursivos e a gramática prescritiva

No que diz respeito às gramáticas prescritivas, escolhemos 3(três) compêndios, considerados na área de língua portuguesa como referência, para analisarmos. São eles: *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (2017), *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* de Evanildo Bechara (2010) e a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* de Rocha Lima ([1957] 2011).

É importante ressaltar que a gramática prescritiva difere das outras gramáticas no que diz respeito à sua aplicabilidade e propósito. Nesse sentido, investigamos, antes, o que os autores das referidas obras compreendem como gramática prescritiva e o objetivo dessas obras. Após isso, buscamos investigar menções acerca dos MDs.

Bechara (2010), entre as questões que apresenta, distingue o que seria o exemplar do correto e, nesse rol de distinções, diferencia a gramática descritiva e a gramática normativa. Sobre a primeira distinção, o gramático aponta que o exemplar é uma forma, entre várias outras, que constitui a língua e que nada tem a ver com o correto ou incorreto. A concepção de correto ou incorreto para o autor associa-se com a conformidade de estrutura de determinada língua funcional, sendo um juízo de valor. Cunha e Cintra (2017), por seu turno, argumentam que a língua padrão é, entre as outras variedades, a mais prestigiada, atuando como uma norma de ideal linguístico, de outro modo, a língua exemplar.

Sobre a distinção entre gramática descritiva e a gramática normativa, Bechara (2010) afirma que a primeira é uma disciplina científica que registra e descreve, como o nome sugere, um sistema linguístico em todos os seus aspectos. A gramática normativa, por sua vez, é uma disciplina pedagógica que elenca e recomenda os fatos considerados como exemplares.

Rocha Lima ([1957] 2011), ao conceituar o que é a gramática normativa, afirma que é uma disciplina didática classificando e sistematizando o que em determinada época representa o ideal de expressão correta. Esse ideal é encontrado nas obras de grandes escritores em que o uso idiomático é estabilizado e consagrado.

No que diz respeito aos conteúdos presentes nas obras normativas analisadas, não encontramos nenhuma menção ao que pode ser considerado como os marcadores discursivos. A ausência de qualquer discussão sobre o tema nos leva a afirmar que, para esses autores, os marcadores discursivos não fazem parte da língua exemplar que deve ser ensinada nas disciplinas escolares a partir de textos de escritores “corretos” e consagrados.

3.2 Marcadores discursivos e a gramática descritiva

No que diz respeito às gramáticas descritivas, optamos, também, por analisar 2(dois) compêndios, considerados na área da linguística, como obras de referência São eles: *Gramática Descritiva do Português*, de Mário Perini (2005) e *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba de Castilho (2014). Assim como fizemos na subseção anterior, aqui, também, mencionaremos, inicialmente, o propósito das gramáticas descritivas antes de debruçarmos na discussão do nosso objeto de estudo propriamente dito.

As gramáticas descritivas caracterizam-se por se comportarem de modo diferente das gramáticas prescritivas na análise dos fenômenos da língua, tendo em vista, sobretudo, a intenção de descrever fenômenos como eles efetivamente são realizados na língua. Perini (2005) e Castilho (2014) convergem na proposta de descreverem, em suas respectivas obras, novas maneiras de compreender fenômenos linguísticos do português brasileiro e explicitam tal intenção nas gramáticas.

Perini (2005), ao afirmar que as gramáticas existentes estão defasadas, objetiva descrever a gramática do português a partir de princípios teóricos rigorosos, com inserções de resultados de pesquisas linguísticas contemporâneas à época a fim de se chegar a análises bastante diferentes do usual. Castilho (2014), por seu turno, objetiva estudar a gramática da língua a partir do seu estágio mais atual, a partir de diferentes pontos de vistas teóricos, abdicando-se de estudos exclusivamente filológicos.

Por outro lado, há, além da convergência entre essas obras, algumas divergências. Entre as diferenças, podemos afirmar que a principal delas consiste em que Perini (2005) considera, em sua obra apenas o português padrão escrito, ao passo que Castilho (2014) considera a conversação falada.

Sobre os marcadores discursivos, não encontramos na obra de Perini (2005) nenhuma menção explícita a respeito dos MDs. Esse tema, no entanto, é abordado na gramática de Castilho (2014), ainda que o gramático não o trate de forma exaustiva e aprofundada.

Castilho (2014) descreve os MDs como uma classe polifuncional, podendo, assim, desempenhar mais de uma função e afirma que podem ser apresentados de diferentes modos: pelas classes gramaticais, pela posição sintática, pela função semântica. O linguista expõe, ainda, um quadro-síntese sobre os MDs. A seguir, trazemos, em uma versão reduzida, o quadro proposto por Castilho (2014). Vejamos:

Quadro 3 – Marcadores discursivos: Funções e posições no enunciado

MARCADORES PRAGMÁTICOS OU INTERPESSOAIS (orientados para interlocutor)	MARCADORES TEXTUAIS OU IDEACIONAIS (orientados para o texto)
Iniciais: Ah ... Olha ... E aí, tudo bem ?	Iniciam o tópico: Bom ... Bem ... Assim ..
Mediais : ... é ... É claro ... Tô entendendo ...	Recusam o tópico : Essa não ... Peraí, sem essa ... Corta essa ...
Finais: ... Entende? ... né? ... viu?	Aceitam o tópico : Tá bom ... Vamos lá ... Fala ...
	Organizam o tópico : Inicialmente ... Primeiramente ... E tem mais ...
	Modalizam o tópico : Sim, mas ... Parece que ... Eu acho que ...
	Finalizam o tópico : E coisa e tal ... Valeu ... É isso aí ...

Fonte: Castilho (2014, p. 229-230).

No Quadro elaborado por Castilho (2014), os MDs são divididos em dois grupos: i) marcadores pragmáticos ou interpessoais e ii) marcadores textuais ou ideacionais. No primeiro grupo, a função dos MDs orienta-se para o interlocutor. Nesse grupo, os MDs aparecem em posições iniciais, como *olha*; ou mediais e finais, como *viu*. O outro grupo, o dos marcadores textuais, como o nome sugere, são orientados ao texto. Esses MDs aparecem no tópico para iniciá-los, finalizá-los, modalizá-los, aceitá-los, organizá-los, entre outros. Nesse grupo, Castilho (2014) não exemplificou nenhum MD cujo padrão corresponda a $[V_{pv}(adv)]_{MD}$.

A ausência dos referidos MDs no grupo dos marcadores textuais naturalmente não elimina a possibilidade de existência deles na língua em uso. Destacamos que o quadro

apresentado por Castilho (2014) não é exaustivo, no sentido de elencar todos os MDs existentes. Assim, na seção 5, *Análise de Dados*, trataremos, com maior rigor a discussão sobre a funcionalidade dos MDs sob o padrão $[V_{pv}(adv)]_{MD}$.

3.3 Marcadores discursivos e as pesquisas científicas

Nesta subseção, trataremos o que as pesquisas científicas têm tratado sobre os marcadores discursivos. Conforme descrito na introdução desta seção, as pesquisas acerca dos marcadores discursivos ganharam força a partir dos estudos desenvolvidos no polo funcionalista, sobretudo a partir das últimas décadas do último século. Entre estas pesquisas seminais, destacamos os trabalhos desenvolvidos por Schiffrin (1987), Fraser (1999) e Marcuschi (2003), além de outras pesquisas significativas como as desenvolvidas por Risso, Silva e Urbano (2006), Brinton (2017) e Traugott (2022).

Tal como descrito anteriormente, há uma variedade de terminologias empregadas para se referir ao grupo dos marcadores discursivos. Essa diversidade não é apenas uma questão de nomenclatura, mas de ponto de vista adotado sobre o fenômeno. Assim, os marcadores discursivos podem ter concepções funcionais distintas a partir de diferentes pesquisas adotadas sob variadas abordagens teóricas.

Schiffrin (1987) define os marcadores discursivos como elementos sequencialmente dependentes que agrupam unidades de conversa¹⁴. Segundo a pesquisadora, os marcadores discursivos são sintaticamente independentes da estrutura a qual se correlacionam, bem como não se relacionam exclusivamente com o significado proposicional da sentença. Dessa forma, uma definição sintática dos marcadores discursivos deixaria de fora uma série de elementos que atuam nesse grupo pragmático. Por isso, por mais vago que possa parecer, “unidades da conversa” é a melhor definição, na concepção da autora, haja vista que este termo engloba sentenças, proposições, atos do discurso, unidades tonais etc.

Ainda, Schiffrin (1987), ao defini-los como elementos sequencialmente dependentes, destaca que os marcadores são dispositivos que atuam no âmbito discursivo, ou seja, são sequencialmente dependentes da estrutura discursiva, mas não são dependentes das estruturas menores da conversa, como a sentença, que compõe o discurso. Acerca do funcionamento dos MDs, a pesquisadora destaca que eles atuam de forma indexical, como “indicadores

¹⁴ I operationally define markers as sequentially dependent elements which bracket units of talk (Schiffrin, 1987, p. 31).

contextuais”¹⁵, seja no âmbito interacional dos participantes ou seja no âmbito textual, agindo de forma anafórica e/ou catafórica, contribuindo para a coerência do discurso. No que tange especificamente aos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*, a autora não desenvolveu um trabalho mais detalhado, mas considerou em suas sugestões como passível de análise.

Fraser (1999), ao descrever sobre o grupo dos marcadores pragmáticos, conceitua os marcadores discursivos como um grupo formado por expressões linguísticas carregadas de significado que podem ser enriquecidos pelo contexto, além de sinalizar uma relação entre duas mensagens sobre o que o falante deseja expressar entre o enunciado introduzido pelo marcador e o enunciado anterior ao marcador. Fraser (1999) apresenta o modelo formal inicial dos MDs como < S1. DM + S2 >, no qual S1 representa o segmento discursivo anterior ao marcador discursivo, DM representa o marcador discursivo vinculado a S2, que é o segmento posterior a qual ele faz parte.

Para compreendermos melhor o modelo inicial de MDs apresentado por Fraser (1999), apresentamos um exemplo extraído do próprio autor:

(6) Nós saímos tarde. *Mas*, chegamos em casa no horário.¹⁶ (Fraser, 1999, p.939. Tradução nossa)

Com base no exemplo (6), temos um enunciado primeiro e anterior ao marcador destacado em *itálico*. Nesse enunciado, há uma proposição inicial que, a partir do contexto em que está inserido, poderia levar o interlocutor a interpretar que os agentes da oração chegaram tarde em casa, já que eles saíram tarde. Entretanto, o marcador discursivo é utilizado para sinalizar que, apesar do primeiro ato, eles chegaram em casa no horário, contrariando as expectativas mais óbvias tomadas a partir do primeiro enunciado S1 e direcionando a interpretação do interlocutor para a segunda parte do enunciado S2.

Fraser (1999), contudo, argumenta que nem sempre os MDs relacionam o segmento S2 com o S1 imediatamente anterior. Há casos em que os MDs relacionam outros segmentos mais distante do S1, embora, de forma mais recorrente, esse grupo, a rigor, relaciona S1 com S2. Ademais, um MD não precisa, necessariamente, introduzir S2, mas pode ocorrer em posição medial ou final. Apesar dessas possibilidades, o pesquisador afirma que, sintaticamente, os marcadores discursivos se comportam como uma conjunção subordinada e vinculam duas mensagens. Sobre os MDs de base perceptivo-visual, questão particular de nosso interesse nesta pesquisa, não encontramos menção alguma no trabalho desenvolvido por Fraser (1999).

¹⁵ Contextual coordinates (Schiffrin, 1987, p. 327).

¹⁶ We left late, However, we arrived home on time (Fraser, 1999, p. 939).

No Brasil, conforme Martins (2013), Marcuschi foi um dos primeiros pesquisadores a desenvolver um estudo mais extenso sobre os marcadores conversacionais no português do Brasil. Marcuschi (2003) empregou o termo marcadores conversacionais para se referir ao grupo de palavras que podiam funcionar tanto na organização textual quanto interacional, haja vista que podiam desempenhar funcionalmente papel de ligação entre unidades comunicativas ou orientação entre os falantes.

Além das funções textuais e interacionais, Marcuschi (2003) trouxe outras características pertencentes aos marcadores conversacionais. O linguista descreveu que esses marcadores aparecem em diferentes posições sintáticas e discursivas, e que são divididos em: i) verbais, como *olha*; (ii) não-verbais, como o *manejo de cabeça*; e iii) suprasegmentais, que, embora sejam linguísticos, não possuem natureza verbal, como *hum-hum*.

Por fim, no que diz respeito à descrição de Marcuschi (2003), o pesquisador elaborou um quadro de sinais conversacionais a fim de uma melhor visualização. Os marcadores de origem perceptivo-visual aparecem nos grupos de sinais do falante para ouvinte, na posição pré-posicionada, ou seja, no início de turno conversacional ou segmento discursivo como é o caso de *olha* no excerto em (7) extraído de nossos *corpora*:

(7) DOC: Uhum. Tem... tem amigas de infância que... passaram por alguns... por algum momento engraçado, alguma coisa assim?
INF: *Olha* ... eh... eu tenho... tive algumas amigas de infância, mas que eu não cultivei a amizade até hoje. Muitas foram embora daqui, ôtras num sei que aconteceu, mas já tive muitas... muitas histórias interessantes quando... na infância. Eu me lembro de uma história (PCVC, A. p. 23).

Marcuschi (2003) também elencou exemplos de MDs de base perceptivo-visual em posição pós-posicionada, ou seja, no final de turno conversacional ou segmento discursivo, conforme podemos ver na ocorrência apresentada em (8) extraída de nossos *corpora*. Observemos:

(8) DOC: É verdade. Cê se lembra de algum fato que tenho ocorrido quando cê estudava antes naquela época? Alguma história?
INF: Tem muito tempo. É tempo, *viu*? (M.S.S., PPVC, p. 7).

Destacamos que, no grupo dos sinais do ouvinte para o falante, não foram exemplificados nenhum marcador de base perceptivo-visual. Reiteramos, porém, que, assim como pontuado anteriormente, no quadro apresentado por Castilho (2014), a ausência do fenômeno linguístico analisado nesta dissertação no quadro de Marcuschi (2003) não representa

a inexistência desses MDs nessa situação. Mais uma vez, reiteramos que as análises de dados possibilitarão uma descrição mais detalhada.

Por meio da descrição das concepções adotadas por três linguistas diferentes, são constatadas algumas semelhanças acerca dos MDs, bem como, também, divergências. Entre as semelhanças, destacamos o papel de ligação, seja textual ou interacional, que esses marcadores desempenham. As divergências, por conseguinte, como o grau de vinculação sintática a qual os MDs se adjunge ou a porção textual escopada, derivam do posicionamento teórico adotado que, embora tragam algumas dificuldades consensuais, contribuem para uma visão ampla acerca do tema.

Refletindo sobre a necessidade de uma visão ampla sobre o assunto, trazemos Penhavel (2012), que, baseando-se em Fisher (2006a), apresenta ao menos três tipos de abordagens gerais dos marcadores discursivos: o primeiro tipo em que consideram MDs como expressões afixadas a um enunciado matriz com função conectiva e relação aspectual com a segunda parte do enunciado visto por exemplo na pesquisa de Fraser (1999), já exemplificada nesta seção; o segundo tipo em que consideram os MDs como um enunciado completo com função de gerenciamento conversacional, visto por exemplo em pesquisa de Fisher (2000), a qual não é do nosso interesse neste texto; e o terceiro tipo de abordagem que consideram os MDs tanto com funções textuais quanto interacionais, como visto em pesquisa Schiffrin (1987). As funções textuais e interacionais desempenhadas pelos marcadores discursivos serão discutidas de forma aprofundada, por meio de definições e exemplos, ainda nesta seção a partir de pesquisa elaborada por Risso, Silva e Urbano (2006), bem como reformulações propostas por Guerra (2007).

Uma vez descrito essa variedade teórico-metodológica acerca dos MDs, voltemos às definições conceituais deste fenômeno. Embora Marcushi (2003) tenha sido um expoente nas pesquisas mais robustas sobre tema, Risso, Silva e Urbano (2006) desenvolveram pesquisas minuciosas e relevantes acerca dos marcadores discursivos. Risso, Silva e Urbano (2006) definem os MDs como um grupo de elementos de constituição diversificada, que se pode atribuir de forma homogênea a condição de uma categoria pragmática bem delimitada linguisticamente. Apesar de não mencionarem, como Marcushi (2003), elementos não-verbais como pertencentes aos grupos dos marcadores, Risso, Silva e Urbano (2006) destacam que os MDs envolvem sons não lexicalizados (*hum hum*) e lexicalizados (*veja só*).

Além dessa definição funcional, os pesquisadores reconhecem a diversidade de estudos sobre os MDs, ao destacarem a ampla bibliografia produzida acerca dos marcadores discursivos. Essa variação de estudos se mostra evidente, inclusive, em diferentes terminologias

empregadas sobre o tema. Algumas dessas terminologias foram por nós, descritas no parágrafo introdutório desta Seção.

As diferentes abordagens, contudo, parecem não chegar a um denominador comum sobre o grupo que constitui os marcadores discursivos. Risco, Silva e Urbano (2006) descrevem a falta de preocupação ou consenso quanto à delimitação das propriedades dos marcadores discursivos, o que resulta na agregação de elementos linguísticos no grupo dos marcadores discursivos que nada tem a ver com esse grupo, criando assim uma categoria sem forma.

A partir dessas inquietações, Risco, Silva e Urbano (2006) estabeleceram 10 (dez) variáveis com seus respectivos traços para que se possa estabelecer traços comuns aos marcadores discursivos. Essas variáveis e seus respectivos traços podem ser visualizadas no Quadro 4.¹⁷

Quadro 4 – Variáveis e traços dos marcadores discursivos

VARIÁVEIS	TRAÇOS
Padrão de recorrência	1-baixa frequência, 2- média frequência e 3- alta frequência
Articulação do segmento do discurso	1-sequenciador tópico, 2-sequenciador frasal e 0- não-sequenciador.
Orientação da interação	1-secundariamente orientador, 2-basicamente orientador e 0-fragilmente orientador.
Relação com o conteúdo proposicional	1- exterior ao conteúdo proposicional , 0-não exterior ao conteúdo e 2- não se aplica.
Transparência Semântica	2-totalmente transparente, 1- parcialmente transparente , 0-opaco e 3-não se aplica.
Apresentação formal	1- forma única e 2-forma variante.
Relação sintática com a estrutura oracional	1- sintaticamente independente e 0-sintaticamente dependente.
Demarcação prosódica	1- com pauta demarcativa e 0-sem pauta demarcativa.
Autonomia comunicativa	1- comunicativamente autônomo e 0-comunicativamente não-autônomo
Massa fônica	1- até três sílabas tônicas , 2-além de três sílabas tônicas.

Fonte: Elaboração própria baseado em Risco, Silva e Urbano (2006).

Conforme exposto no Quadro 4, Risco, Silva e Urbano (2006) estabeleceram criteriosamente dez variáveis para a classificação dos marcadores discursivos. De forma objetiva, tentaremos, baseados nesses linguistas, descrever brevemente as características de cada variável.

O *padrão de recorrência* é uma importante variável, considerando a metodologia de pesquisa que envolve aspectos quantitativos e qualitativos. Afirmamos, entretanto, a

¹⁷ Por questões de formatação de página, este quadro está disposto na página seguinte.

difficuldade em estabelecer um índice de frequência objetivo. Desse modo, em nossa dissertação, trataremos de construções mais produtivas e menos produtivas.

Articulação de segmento do discurso e orientação da interação são, conforme os linguistas, variáveis relacionadas à função textual do MD. A primeira variável diz respeito ao estabelecimento de nexos coesivos em diferentes posições e porções textuais, tais como estruturas maiores como tópico, menores como a frase e, ainda, quando não se aplica, ao passo que a segunda diz respeito à concepção de que todo mecanismo com estatuto textual cumpre uma função interacional, ainda que frágil (traço 0), com o envolvimento recíproco dos parceiros (Risso; Silva; Urbano, 2006, p. 26) .

A *relação com o conteúdo proposicional* considera a relação dos marcadores discursivos com as diferentes porções textuais escopadas. De outro modo, essa variável considera se os marcadores discursivos se relacionam com as demais porções textuais de forma que a ausência desses elementos comprometa o sentido proposicional.

A *transparência semântica* diz respeito ao (não) uso no seu sentido composicional, ou seja, o sentido primeiro apresentado pelos dicionários gramaticais. Assim, o traço totalmente transparente significa que o elemento analisado mantém seu sentido primeiro recuperável. Por sua vez, quando um elemento apresenta o traço opaco, houve mudanças construcionais, por meio da repetição de uso e inferências, que o levou a perder a analisabilidade das partes que compõem esses elementos.

A *apresentação formal* corresponde a variabilidade formal dos marcadores discursivos. Conforme Risso, Silva e Urbano (2006), o MD *olha*, por exemplo apresentaria variabilidade formal: *olhe*. Pontuamos, entretanto, que, em nossa pesquisa, consideramos *olha* e *olhe* como construções diferentes.

A *relação sintática* com a estrutura oracional reúne os traços para averiguação da hipótese de que os marcadores discursivos são sintaticamente dependentes ou não da estrutura gramatical adjacente.

A *demarcação prosódica* diz respeito à variação melódica do contexto em que os marcadores discursivos ocorrem. Conforme Risso, Silva e Urbano (2006), os marcadores discursivos apresentam pauta demarcativa. Nesta pesquisa, no entanto, não conseguimos contemplar esta variável.

A *autonomia comunicativa* apresenta traços para averiguação da hipótese de que os marcadores discursivos se comportam formalmente com ou sem autonomia comunicativa;

A *massa fônica* diz respeito ao número de sílabas que compõem os marcadores discursivos. Os autores optaram por estabelecer um limite de até três sílabas ou além de três sílabas tônicas.

Risso, Silva e Urbano (2006) concluem que as variáveis apresentam determinados traços definidores, que estão destacados em negrito no Quadro 4. Esses traços definidores foram selecionados a partir de uma análise extensa de marcadores discursivos e representam os traços mais frequentes. Em função disso, foram eleitos como traços definidores. Os autores afirmam, contudo, que a condição atribuída a marcadores discursivos não diz respeito à ocorrência de todos os traços simultaneamente. Assim, esse grupo pragmático é concebido em termos de um *continuum* em que podemos pensar nos marcadores discursivos enquanto categorização entre mais prototípicos e menos prototípicos.

No que tange aos marcadores considerados como prototípicos e, por isso, constituídos por traços definidores considerados como nucleares da classe dos MDs, estão características como a: i) falta de autossuficiência comunicativa; ii) independência sintática; e iii) exterioridade dos MDs em relação ao conteúdo proposicional. Risso, Silva e Urbano (2006) apresentam, ainda, outros dois traços que se contrapõem entre si e se unem aos três já mencionados, que são: iv) orientação de interação e v) articulação tópica.

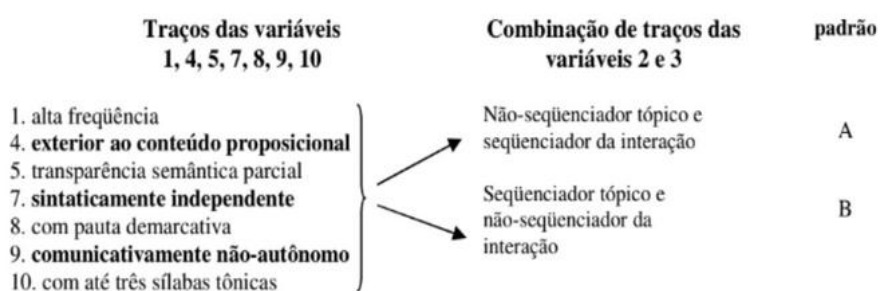
Os traços iv) e v), apresentados anteriormente e extraídos das variáveis *articulação do segmento do discurso* e *orientação da interação*, revelam uma correlação entre essas variáveis. Essa é a razão por não termos destacado o traço forte no Quadro 4. Conforme, Risso, Silva e Urbano (2006), as ocorrências basicamente orientadoras provém, em sua maioria, da correlação com o traço não-sequenciador. Em contrapartida, os elementos que apresentam o traço de sequenciamento tópico apresentam, também, os traços fragilmente ou secundariamente orientadores. Assim, na constituição prototípica dos MDs, há, necessariamente o contrabalanceamento entre as variáveis basicamente orientadora e sequenciamento tópico. Por não ser tão recorrente, a presença simultânea desses traços não caracteriza o MD como prototípico.

Em uma proposta mais recente, Guerra (2007) sugere a reformulação dos traços presentes na variável *Orientação da interação*. Ao considerar que os traços 1 e 0 não são decisivos para o estatuto de marcador discursivo, a linguista propõe que esses traços sejam substituídos pelo traço não-sequenciador da oração. Por sua vez, o traço orientador da interação seria substituído por sequenciador da orientação.

Considerando a correlação já citada entre as variáveis *Articulador do segmento do discurso* e *Orientação da interação*, Guerra (2007) propõe um reajuste de combinações para o

estabelecimento dos MDs prototípicos, a saber: não-sequenciador tópico e sequenciador da orientação e sequenciador tópico e não-sequenciador da interação. Ainda, contrapondo a pesquisa-base de Risso, Silva e Urbano (2006), a autora considera a combinação sequenciador tópico e sequenciador da orientação como traços prototípicos dos marcadores discursivos. A Figura 5 apresenta a proposta de Guerra (2007):

Figura 5 – Reformulação dos traços dos marcadores discursivos



Fonte: Guerra (2007).

Na Figura 5, os traços destacados em negrito, em correlação com os traços apresentados das variáveis 2 e 3, representam os MD prototípicos. Nessa proposta, a prototipicidade dos MDs apresenta apenas dois padrões: A, a partir de sequenciamento interacional; e B, a partir de um sequenciamento tópico. Deve-se considerar que os traços iv) e v) não são excludentes entre si, de modo que um marcador discursivo pode ser primariamente interacional e, secundariamente, sequenciador, e vice-versa, desempenhando mais de uma função. Vale ressaltar, também, que a análise de Risso, Silva e Urbano (2006) dialoga, em certo ponto, com a de Schifffrin (1987) e Marcuschi (2003), ao considerar os marcadores como funcionando textual e internacionalmente.

Além do trabalho desenvolvido por Risso, Silva e Urbano (2006), outras pesquisas que buscam apresentar delimitações formais e/ou funcionais para a delineamento dos marcadores discursivos têm chegado a resultados que corroboram e se assemelham ao apresentado por esses pesquisadores brasileiros. Entre essas pesquisas, destacamos Brinton (2017) e Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019).

Brinton (2017) apresenta uma definição de marcadores discursivos ou, conforme a terminologia empregada por ela, marcadores pragmáticos que engloba aspectos formais tais como fonológico, lexical e sintático; funcionais como as características semânticas e funcionais; e, ainda, aspectos sociolinguísticos e estilísticos, que são encontrados nesse grupo

pragmático. O Quadro 5 sintetiza a definição dos MDs a partir de suas características formais, funcionais, sociais e estilística.

Quadro 5 – Características de marcadores pragmáticos

Características fonológicas e lexicais
a) Os marcadores normalmente apresentam tamanho reduzido morfológica e sintaticamente, mas podem apresentar-se em estruturas maiores como frase ou cláusula.
b) Os marcadores podem formar um grupo tonal diferente, embora possam, também, se vincular a outras unidades prosódicas.
c) Os marcadores não constituem um grupo de palavras tradicional, embora sejam associados aos advérbios, conjunções e interjeições.
Características sintáticas
d) Os marcadores atuam fora da estrutura sintática ou são vagamente associados a ela.
e) Os marcadores ocorrem preferencialmente nas periferias da cláusula (inicial ou final), mas podem ocorrer em posição medial.
f) Os marcadores são gramaticalmente opcionais. Contudo, oferecem funções pragmáticas importantes (são, de algum modo, não-opcionais pragmaticamente).
Características semânticas
g) Os marcadores são elementos procedurais e não composicionais. Não possuem ou possuem pouco significado proposicional/conceitual.
Características funcionais
h) Os marcadores são multifuncionais e apresentam uma diversidade de funções pragmáticas.
Características sociolinguísticas e estilística
i) Os marcadores ocorrem predominantemente na modalidade oral. Marcadores orais e escritos podem variar em forma e função.
j) Os marcadores são frequentes e salientes no discurso oral.
k) Os marcadores são estilisticamente estigmatizados, especialmente na modalidade escrita ou no discurso formal.
l) Os marcadores são utilizados em diferentes modos e frequências por homens e mulheres.

Fonte: Brinton (2017).

Considerando o Quadro apresentado por Brinton (2017) e os traços-fortes identificados por Risso, Silva e Urbano (2006), observamos algumas semelhanças. Por exemplo, podemos associar a característica *a)* apresentada por Brinton (2017) com a variável *massa fônica reduzida apresentada* por Risso, Silva e Urbano (2006); a característica elencada em *b)* pela pesquisadora norte-americana com a variável *pauta demarcada* apresentada pelos pesquisadores brasileiros; a característica em *d)* e *g)* com as variáveis independência sintática e exterior ao conteúdo proposicional; a característica em *h)* com a correlação entre as variáveis basicamente orientador e sequenciamento tópico descritas por Risso, Silvo e Urbano (2006) e, aprofundada, posteriormente por Guerra (2007). Essas características em comum, embora não sejam discretas, contribuem para uma delimitação acerca do grupo dos marcadores discursivos.

Em trabalho mais recente, Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) definem os marcadores discursivos como: (a) expressões invariáveis, que são (b) sintaticamente independentes, (c) prosodicamente separados do resto do enunciado e (d) com função metatextual. Nessa definição, apesar de divergirem na concepção de que os marcadores sinalizam relações entre cláusulas, como proposto por Schiffrin (1987), notamos semelhanças formais e funcionais com as definições apresentadas anteriormente, tais como autonomia sintática e separação prosódica no que concerne ao polo da forma e função metatextual, no que diz respeito ao polo da função.

Recentemente, Traugott (2022) desenvolveu uma vasta pesquisa sobre o que considerado por ela como marcadores de estruturação do discurso. No desenvolvimento desse grupo discurso, a autora concorda com a concepção de Fraser (1996) em avaliar os marcadores pragmáticos como um “guarda-chuva”, no qual são abrigados diversos subgrupos e, entre esses, os marcadores discursivos.

Sobre os marcadores pragmáticos, Traugott (2022) elenca uma série de características que comumente são aceitas acerca deste grupo. Especificamente, a autora traz oito características, que são:

- a) Não-condição de verdade;
- b) Oferecem pistas contextuais e instruem no processamento sobre como interpretar a cláusula (procedural);
- c) Multifuncionais;
- d) (inter)subjativos;
- e) Não integrado sintaticamente com a cláusula;
- f) Normalmente, apresentam mobilidade. Utilizáveis em diferentes posições da sentença: pré-clausal, pós-clausal e medial. Entretanto, nem todos os marcadores pragmáticos ocorrem em todas as posições.
- g) Reduzidos;
- h) Delimitado por um envelope prosódico. (ou vírgula na modalidade escrita). (Traugott, p.60,2022. Tradução nossa)¹⁸

As características apresentadas por Traugott (2022) sobre o amplo grupo dos marcadores pragmáticos em que os marcadores discursivos se inserem vai ao encontro com o

¹⁸ a) non-truth-conditional, b) contextualizing cues and processing instructions about how to interpret the host clause (procedural), c) multifunctional, d) (inter)subjective, e) not syntactically integrated with the host clause, f) often mobile, i.e. usable in several positions in the clause; typically these positions are pre-clausal, post-clausal, and medial, but not all PMs occur in all positions, g) short, h. set off by a prosodic envelope (or comma in writing) (Traugott, 2022, p. 60).

que foi apresentado por outros pesquisadores nesta dissertação, o que corrobora para uma definição consistente do que consideramos como marcadores discursivos.

Isso posto, compreendemos os marcadores discursivos como um grupo pragmático originado por construções de diferentes classes de palavras. Apesar da variação de classes gramaticais a qual os MDs são construcionalizados, esse grupo apresenta propriedades formais e funcionais regulares e observáveis translinguisticamente.

Funcionalmente, os marcadores discursivos apresentam perda semântica se comparado às classes gramaticais das quais os MDs se originam. Entretanto, se há perdas por um lado, ganham-se, por outro lado, funções discursivo-pragmáticas, ou seja, atuam como elementos coesivos, contribuindo para a coesão entre as unidades do texto e/ou os participantes da interação comunicativa, apresentando, direcionando e delimitando pistas contextuais que facilitam o processamento do que se deseja expressar para o seu interlocutor.

Sobre as características formais, os marcadores discursivos apresentam autonomia sintática em relação às demais partes que compõem a sentença, podendo aparecer em posições inicial, medial e final, ou, ainda, de forma isolada na enunciação. Normalmente, os marcadores discursivos apresentam tamanho reduzido.

A fim de demonstrar as diferentes funções exercidas pelos marcadores, apresentamos o exemplo extraído de Martins e Cunha Lacerda (2015) acerca de *veja bem* e suas funções cumulativas textuais e interacionais:

(9) F: É, piscina, ginástica agora isso daí que agora tá em moda né, que tá na moda, né, ficar frequentando academia, Equipe 1, não sei o quê, e tal, são mais preguiçosos, só gostam disso.

E: [?]

F: É, não, porque *veja bem*, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei. Agora, as minhas filhas já são mais preguiçosas. Gostam, muito, de uma piscinazinha, dar uma nadada, ou então malhar numa academia (*Corpus Sincrônico NURC/RJ*, entrevista 5, grifo do autores).

Conforme elucidado por Martins e Cunha Lacerda (2015), nesse contexto, o MD atua textualmente na sustentação de avaliação negativa dos jovens por justificação, ao passo que, no funcionamento interacional, o MD destacado, *olha*, atua na chamada de atenção do interlocutor para a enunciação avaliativa que seguirá imediatamente.

O exemplo apresentado por Martins e Cunha Lacerda (2015) não é único no que diz respeito à multifuncionalidade textual-interativa dos marcadores discursivos. Em pesquisa

anterior, Risso (1999) já destacava a multifuncionalidade de *olha* em contextos como o apresentado por ela, observemos:

(10) DOC: E como passavam o dia?

INF: *Olha* eu era tão pequena sabe que eu já não me lembro disto ... o que é que a gente fazia? A gente andava pra ... por aqui, por ali ... mas o que a gente fazia mesmo eu não ... posso dizer (DID-POA-045, exemplo extraído de Risso 1999, p. 260, grifo do autor).

Conforme Risso (1999), em contextos semelhantes a esse, *olha* atua sequencial e interativamente. No que diz respeito à função mais textual, o MD articula dois turnos interdependentes contribuindo para uma parcela de construção textual coesa e coerente. Interacionalmente, marcadores discursivos como esse atuam no atendimento da expectativa do interlocutor, cumprindo uma interação verbal.

Ainda, no que tange às variáveis *Articulação do segmento do discurso* e *Orientação da interação*, embora não excludentes, Risso, Silva e Urbano (2006) destacam que elas apresentam as funções gerais dos marcadores discursivos. Assim, a presença do traço iv) diz respeito a marcadores discursivos sequenciadores, com funções voltadas mais textualmente, ao passo que o traço v) diz respeito aos marcadores discursivos voltados às funções mais interacionais.

Considerando a abrangência dos traços presente nas variáveis *Articulação do segmento do discurso* e *Orientação da interação*, podemos afirmar que essas são macrofunções textuais e interacionais. Entretanto, há, inseridos nessas macrofunções, funções específicas que ocorrem em determinados contextos. Com a finalidade de descrever essas funções, elaboramos o quadro com base na pesquisa de Martins (2013) que não apresenta uma distinção rígida entre a macrofunção textual ou interativa. Vejamos:

Quadro 6 – Funções dos marcadores discursivos com base em Martins (2013)

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO
Prefaciação	Atuação na preparação de declarações subsequentes.
Estrutura argumentativa	Apresentação de função catafórica de apontamento para a exposição e sustentação de um ponto de vista.
Discurso reportado	Atuação na introdução de discurso direto do próprio falante ou de um terceiro por meio de um verbo <i>dicendi</i> .
Interjeição	Função fática que denota sentimento do falante, bem como caráter avaliativo.
Contraexpectativa	Atuação na quebra de expectativa pela presença de uma construção contrastiva. Verificar se os verbos devem estar no singular ou no plural

Fonte: Adaptado de Martins (2013).

As definições sucintas apresentadas no Quadro 6 serão alvo de maior descrição e correlação com as ocorrências encontradas em nossos *corpora* na seção destinada às análises de dados. Ressaltamos que, nas pesquisas contemporâneas, encontramos outras definições funcionais para os marcadores discursivos a partir de pesquisas de Rost (2002) e Guerra (2007). Por apresentarem em suas obras funções organizadas nas macrofunções interacionais e textuais, optamos por elaborar duas subseções, *A função interacional dos marcadores discursivos* e *A função textual dos marcadores discursivos* para descrever de forma mais aprofundada o funcionamento dos marcadores discursivos.

3.3.1 A função interacional dos marcadores discursivos.

Urbano (1999), ao desenvolver uma profunda pesquisa acerca dos marcadores discursivos interacionais, descreve que

O conceito de interação tem uma abrangência considerável, não se referindo apenas ao processo de relação interpessoal bem caracterizado (envolvimento do falante com o ouvinte e vice-versa), mas também ao processo de manifestação pessoal, quando, por exemplo, o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais, envolvendo-se, pois, com o conteúdo (como **acho**), ou compromete retoricamente seu interlocutor (como **digamos**) (Urbano, 1999, p. 198, grifos do autor).

Com base nas palavras de Urbano (1999), percebemos que a noção interacional envolve aspectos tanto intersubjetivos quanto subjetivos. No que diz respeito à funcionalidade voltado à orientação, Urbano (1999) apresenta seis traços distintos. Importa, contudo, destacar que o pesquisador afirma que a função norteadora e presente nos seis traços é a função fática.

Em pesquisa posterior, Rost (2002) apresenta algumas funções inseridas na macrofunção interacional a qual estamos discutindo nesta subseção. Essas funções apresentadas pela linguista dizem respeito, especificamente, aos MDs *olha* e *veja*. Entretanto, não há nada que restrinja essas funções às outras construções do paradigma dos marcadores discursivos.

A fim de uma melhor visualização, elaboramos o Quadro 7 a partir da proposta de Rost (2002), em que constam as funções presentes na macrofunção interacional e suas definições. Vejamos:

Quadro 7 – Funções interacionais dos marcadores discursivos baseado em Rost (2002)

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO
Advertência	Expressa dúvida, advertência ou incredulidade expressa pela informação do interlocutor.
Interjetiva	Expressa a Manifestação de surpresa, alegria ou decepção do falante ao seu interlocutor.
Atenuadora	Expressa o Não comprometimento do falante em relação à informação. Indica posição de incerteza.
Planejamento verbal	Expressa a Busca de tempo para organização textual e manutenção do contato.
Prefaciadora	Expressa o Desvio do tópico da pergunta.

Fonte: Elaboração própria com base em Rost (2002).

O Quadro de Rost apresenta seis funções relacionadas à macrofunção interacional. Essas funções não são excludentes entre si, considerando que, em um contexto específico, o MD pode desempenhar mais de uma função, ou seja, em uma ocorrência, um marcador discursivo pode atuar como planejamento verbal ao mesmo tempo em que contribui para atenuação da informação subsequente a ser veiculada.

A descrição mais rigorosa das funções apresentadas por Rost (2002) será comentada posteriormente na seção de Análise de Dados. Reiteremos, todavia, que essas não são as únicas funções voltadas à macrofunção orientacional encontradas nas pesquisas contemporâneas. Guerra (2007) apresenta, também, outras funções com base na pesquisa de dissertação desenvolvida por ela. Essas funções podem ser visualizadas no Quadro 8. Observemos:

Quadro 8 – Funções interacionais dos marcadores discursivos baseado em Guerra (2007)

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO
<i>Checking</i>	Busca de aprovação discursiva que parte do falante em direção ao ouvinte.
<i>Feedback</i>	Manifestação de acompanhamento enunciativo por parte do ouvinte em direção ao falante.
Iniciadores	Desencadeamento da interação.
Injuntiva / Interpelativa	Chamamento de atenção do interlocutor para o ato da interação.

Fonte: Guerra (2007).

A respeito das funções interacionais apresentadas por Guerra (2007), notamos quatro funções diferentes. Em comparação ao quadro extraído de Rost (2002), as funções de busca de aprovação discursiva como *checking* e *feedback* são novidades. Ademais, a função iniciadora se correlaciona com a função de planejamento verbal sempre que esses marcadores aparecem

em posição inicial. Por sua vez, a função interpelativa definida por Guerra (2007) se assemelha à macrofunção geral, compreendidas por nós nesta pesquisa como chamamento de atenção.

Assim como descrito nas funções apresentadas por Rost (2002), reiteramos que as descrições das funções orientacionais apresentadas por Guerra (2007) será mais bem discutida na seção de Análise de dados.

Na subseção seguinte, *3.3.2 Funções sequenciadoras dos marcadores discursivos*, descreveremos as funções textuais do paradigma dos marcadores discursivos apresentadas pelas pesquisas linguísticas selecionadas para a análise.

3.3.2 Funções sequenciadoras dos marcadores discursivos

Segundo Risso (2006), os marcadores discursivos que desempenham função textual apresentam, além dos traços do núcleo-piloto dos marcadores discursivos, traços que trazem uma forte expressão de sequencialização tópica que pode ser visto na variável articulação de segmento discursivo. Nas palavras da pesquisadora, o grupo de palavras que desenvolve essa função está envolvido no amarramento comunicativo de porções textuais, bem como o encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto.

Risso (2006) destaca que a sequencialização estrutural desencadeada por esses marcadores ocorre, entre outros contextos, em turnos de perguntas e respostas interdependentes entre si, ou seja, os marcadores discursivos que exercem funções textuais podem, entre outras coisas, relacionar um turno precedente do interlocutor com o turno do falante, estabelecendo um vínculo com a dialogicidade sob a perspectiva bakhtiniana.

Naturalmente, as funcionalidades presentes nos marcadores discursivos que exercem a função sequenciadora não dizem respeito apenas ao contexto dialógico. Rost (2002), ao tratar dos marcadores *olha* e *veja*, afirma que esses MDs não ocorrem apenas ao contexto pergunta/resposta e, assim, apresenta algumas funções textuais desempenhadas pelos marcadores discursivos, que podem ser visualizados no Quadro a seguir:

Quadro 9 – Funções textuais dos marcadores discursivos

FUNÇÃO	DEFINIÇÃO
Retórica	O falante inicia uma auto-resposta a partir de uma pergunta retórica feita pelo próprio falante.
Exemplificativa	Os MDs acrescentam à porção textual informações que particularizam e/ou exemplificam o que está sendo enunciado.

Causal	Conexão de duas orações que encerra a causa que acarreta a consequência, explicação ou conclusão contida na primeira parte.
Concessiva	Concessão, tolerância; ou ainda, certeza ou “quase certeza”.

Fonte: Rost (2002).

No Quadro 9, observamos quatro funções voltadas à função textual. Assim como as sobreposições funcionais dos marcadores interacionais, os MDs textuais podem acumular mais de uma função. Destacamos, contudo, que essa função atribuída aos MDs se relaciona diretamente com o contexto a qual estão inseridos e, por conseguinte, com as outras porções textuais que compõem o texto. Assim, não há como prever se um MD é retórico, exemplificativo etc. se esse marcador não estiver inserido em um contexto.

Assim como descrito na subseção anterior, as funções apresentadas no Quadro 9 com base na pesquisa de Rost (2002) não esgotam as possibilidades funcionais desempenhadas por marcadores discursivos na macrofunção textual. Como prova disso, Guerra (2007) acrescenta, como funções textuais dos marcadores discursivos, a introdução, o sequenciamento e o fechamento de um tópico.

Diante de tudo o que foi pontuado nessa Seção, afirmamos que realizamos uma descrição teórica acerca dos marcadores discursivos que contemplou desde pesquisas em gramaticais prescritivas até pesquisas científicas contemporâneas. A partir das definições e discussões descritas, entendemos os marcadores discursivos como um grupo pragmático composto por elementos diversificados o que os fazem ser dispostos em um *continuum*. Apesar da gradiência que os compõem, há traços fortes aplicáveis a este grupo. São eles: autonomia sintática, haja vista que podem aparecer em diferentes posições na estrutura sintática; exteriores ao conteúdo proposicional, considerando que eles atuam como elementos procedurais não havendo nenhuma vinculação lexical com os demais componentes da cláusula e são elementos que atuam de forma subsidiária no discurso, ou seja, embora não apresentem sentido lexical, atuam como marcadores que destacam porções textuais desejadas e direcionam o sentido desejado entre os interlocutores por meio do chamamento de atenção para partes específicas do discurso.

Por atuarem como marcadores do discurso, esse grupo pragmático funciona como elementos coesivos, seja na coesão textual propriamente dito ou na coesão interacional a partir da negociação de sentido entre interlocutores. Dessa forma, em contextos apropriados, os marcadores discursivos são elementos essenciais para a construção de sentido. Esses contextos ocorrem sobretudo na modalidade oral da língua em que a construção de sentido ocorre de

maneira *on-line* a partir da interação dos falantes e das inferências obtidas através da negociação de sentidos.

Na Seção 4, descrevemos as etapas adotadas para a realização desta dissertação, apresentando as características dos *corpora* selecionados, o método utilizado para esta pesquisa, além *software* usado para coleta de dados do nosso objeto de estudo.

4 METODOLOGIA

Na Seção 2, destinada aos pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa, ora dissertação, foi descrito que nos ancoramos teoricamente à abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU. Importante, nesse momento, chamar atenção para a parte final da terminologia que intitula essa abordagem: “centrada no uso”. Conforme Rosário (2022) mencionou, isso se deve à sugestão do pesquisador e professor Mário Martelotta, que defendia que o uso é tão central nessa abordagem linguística que era necessária a alteração terminológica de Linguística Baseada no Uso, uma tradução literal de *Usage-based Linguistics*, para Linguística Funcional Centrada no Uso.

A análise linguística a partir da língua em uso é caro não apenas à abordagem da LFCU, mas, de um modo geral, em toda teoria que se baseia no uso e que, assim, situa-se no polo funcionalista, conforme categorização realizada nesta pesquisa. Nessa perspectiva, então, todos os dados encontrados são considerados na análise linguística. A esse respeito, Bybee (2016) afirma que cada dado na língua influencia a memória e, conseqüentemente, a rede linguística, haja vista que ele pode reforçar um exemplar existente ou, ainda, acrescentar um outro exemplar em determinado feixe.

Prosseguindo, ainda baseando-nos em Bybee (2016), é no uso linguístico que as mudanças no sistema ocorrem e não, exatamente, no processo de aquisição da língua. Essa proposição enfatiza ainda mais a necessidade de uma análise linguística a partir de dados extraídos de situações comunicativas reais, sejam esses dados retirados da modalidade escrita ou oral da língua. Além disso, evidenciamos a necessidade de uma análise pautada na quantificação de dados, uma vez que cada dado é importante para o entendimento do sistema linguístico seja no seu aspecto regular ou dinâmico e, também, há a necessidade de que esses dados sejam analisados individualmente, considerando que os contextos linguísticos oferecem ao linguista pistas acerca do funcionamento da língua.

A aplicação da metodologia em nossa pesquisa sucede uma série de procedimentos anteriormente realizados. Lopes e Rosário (2023) apresentam, como etapas do procedimento da metodologia de uma pesquisa baseada na LFCU, a escolha do objeto da pesquisa, revisão da literatura, análise piloto e constituição de hipóteses, seleção ou constituição do(s) *corpus(corpora)* e análise sistemática, tabulação de ocorrências e apresentação de dados.

A respeito do objeto de pesquisa, Lopes e Rosário (2023) sugerem que os objetos escolhidos nas pesquisas ancoradas pela LFCU devam priorizar, em algum nível, a contradição das descrições gramaticais vigentes, sejam de uso marginal e/ou ainda não tenham sido (ou

tenham sido pouco) descritos na descrição linguística e apresente nível esquemático. Os marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* no padrão construcional $[V_{pv} (adv)]_{MD}$ contemplam todos esses aspectos. Na subseção 3.1 (cf. p.44), descrevemos que esse grupo pragmático não é referido nas obras prescritivas tradicionais. Por não haver uma sistematização gramatical, esse grupo pragmático é tido como estigmatizado e marginalizado pela crença popular, ainda que sejam efetivos na língua em uso. Ao lado disso, o domínio funcional dos marcadores discursivos apresenta uma esquematicidade produtiva, o que envolve o esquema dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*, objetos desta dissertação.

Lopes e Rosário (2023) relatam que uma pesquisa científica dificilmente parte do zero. Nesse sentido, é aconselhável na elaboração da revisão da literatura uma investigação que parte de estudos mais clássicos até informações mais contemporâneas. Dessa maneira, de acordo os autores, uma investigação cronológica que parta de obras mais antigas até pesquisas mais contemporâneas é viável. Em concordância a esse posicionamento, na execução da revisão de literatura de nossa dissertação, partimos de uma investigação mais tradicional a partir de obras prescritivas até pesquisas contemporâneas de dissertações e teses. Assim, partimos desde Said Ali (1930) até Rosário (2023), buscando entender e correlacionar as contribuições desses pesquisadores entre os diferentes períodos de tempo. Esse procedimento também pode ser visto na Seção 3, Marcadores discursivos (cf. p. 44).

Sobre a análise piloto e constituição de hipóteses, Lopes e Rosário (2023) relatam que a análise piloto consiste em uma seleção e interpretação inicial da quantidade de dados. Após esse levantamento inicial, são estabelecidas previsões de generalizações de usos e de propriedades formais e funcionais que compõem as (micro)construções. A amostra de dados que serviu de base para a constituição das hipóteses ocorreu a partir de pesquisa realizada em nível de iniciação científica. As hipóteses podem ser conferidas na seção Introdução (cf. p. 15).

A respeito da constituição dos *corpora*, destinamos uma subseção especialmente para esse assunto, haja vista que ainda não fora escrito nesta dissertação. Dessa forma, na subseção 4.1, *Os corpora da pesquisa*, mostramos os três *corpora* que compõem esta pesquisa, a saber: Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC), Português Culto de Vitória da Conquista – PCVC e *Corpus* Linguístico de Ibicoara (CLIBA), descrevendo características de cada *corpus* especificamente e comentando, brevemente, sobre as cidades de Vitória da Conquista - BA e Ibicoara – BA. Por seu turno, na subseção 4.2, *Delineamentos da pesquisa*, relatamos sobre a natureza de nossa pesquisa a partir de Sampieri *et al.* (1998), descrevemos o método misto (Cunha Lacerda, 2016) adotado nesta dissertação a partir da confluência de propriedades

quantitativas e qualitativas, além de comentarmos sobre o software *Antconc*, utilizado no processo de pesquisa para coleta de dados.

4.1 Os *corpora* da pesquisa

Lopes e Rosário (2023) afirmam que os *corpora* escolhidos estão intimamente associados ao objeto de estudo que se pretende estudar. Conforme os autores, se o objetivo é estudar marcadores presentes na conversa empregados para manutenção de turno conversacional por exemplo, deve-se selecionar *corpora* que apresentam textos orais e sequências dialogais. A fim de contemplar o maior número de ocorrências do fenômeno analisado, selecionamos *corpora* a partir de situação real de interação verbal. Os *corpora* selecionados para análise de dados desta dissertação são de informantes naturais da região sudoeste da Bahia. Os falantes entrevistados nos *corpora* do PCVC e PPVC são nascidos na cidade de Vitória de Conquista; e os informantes entrevistados no CLIBA são nascidos na cidade de Ibicoara. Nas subseções 4.1.1 e 4.1.2 subsequentes, descrevemos com maior rigor o contexto dessas cidades. Na seção 4.2, descrevemos o delineamento da pesquisa.

4.1.1 A cidade de Vitória da Conquista

A cidade de Vitória da Conquista é uma das maiores cidades do interior do nordeste brasileiro, ocupando a terceira posição entre as maiores cidades baianas. De acordo com último levantamento do IBGE divulgado no ano de 2022, a população conquistense é de 370.879 pessoas. Esse município possui 231 estabelecimentos de ensino de Educação Fundamental e Médio e, considerando outros aspectos, se apresenta como um importante polo educacional e econômico para a região sudoeste¹⁹.

É pertinente destacar que Vitória da Conquista está a pouco mais de 200 km da cidade de Mata Verde, situada no norte de Minas Gerais, ao passo que essa cidade baiana está distante da capital soteropolitana a mais de 518 km. A proximidade de Vitória da Conquista ao norte de Minas Gerais resulta em uma característica linguística própria que difere a população conquistense de outras populações baianas, que estão mais próximas à região do recôncavo ou a região do sul do estado, por exemplo, mais próxima ao Espírito Santo; ou ainda, regiões que

¹⁹ Esses dados foram extraídos do site oficial do IBGE, acessado no dia 03 de março de 2024: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama>

estão posicionadas bem próximas a Sergipe. A fim de uma melhor visualização, apresentamos a localização de Vitória da Conquista no mapa baiano:

Figura 6 – A cidade de Vitória da Conquista



Fonte: IBGE.

Especificamente no que tange aos *corpora* do PCVC e PPVC, salientamos que ambos estão vinculados ao banco de dados do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-BA”, com cadastro de número 34221214.9.0000.00552 no trato do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa (PPGLin/UESB).

Esses *corpora* são compostos por gravações cuja duração média é de 1h na modalidade da língua falada, diálogos entre documentador(es) e informante(s). É válido mencionar que essa modalidade favorece o aparecimento do nosso objeto de estudo, haja vista que há uma incidência maior de ocorrências dos marcadores discursivos na modalidade falada. A respeito da extensão dos *corpora*, o PCVC conta com uma extensão de 213.792 palavras e o PPVC conta com uma extensão de 177.627 palavras.

Por fim, ao todo, nesses *corpora*, que foram elaborados seguindo o modelo laboviano, foram analisadas 48 (quarenta e oito) entrevistas divididas em variáveis de escolaridade, sexo

e faixa etária. Ressaltamos, entretanto, que, em uma perspectiva da LFCU, tais estratificações não são significativas para a análise dos dados. Ainda assim, optamos pela manutenção dessas variáveis extralinguísticas, tendo em vista que podem nos fornecer evidências adicionais para além dos nossos objetivos primeiros propostos. Nos Quadros 10 e 11, demonstraremos a caracterização dos *corpora* de Vitória da Conquista-Ba.

Quadro 10 – Caracterização do *corpus* PPVC

Nome do <i>corpus</i>	Português Popular de Vitória da Conquista -BA
Número de informantes	24 informantes.
Sexo	12 informantes masculino; 12 informantes feminino.
Faixa etária	8 informantes da faixa 1 – entre 15 e 25 anos; 8 informantes da faixa 2 – entre 26 e 50 anos; 8 informantes da faixa 3 – informantes com mais de 50 anos.
Nível de escolaridade	Até cinco anos de escolaridade
Extensão	177.627 palavras

Fonte: Autoria própria.

Quadro 11 – Caracterização do *corpus* PCVC

Nome do <i>corpus</i>	Português Culto de Vitória da Conquista – BA.
Número de informantes	24 informantes.
Sexo	12 informantes masculino; 12 informantes feminino.
Faixa etária	8 informantes da faixa 1 – entre 15 e 25 anos; 8 informantes da faixa 2 – entre 26 e 50 anos; 8 informantes da faixa 3 – informantes com mais de 50 anos.
Nível de escolaridade	Mais de 11 (onze) anos de escolaridade
Extensão	213.792 palavras

Fonte: Autoria própria.

Conforme visto nos Quadros 10 e 11, a composição dos *corpora* tomando como município dos informantes a cidade de Vitória da Conquista – BA, se diferenciam na variável de nível de escolaridade. Enquanto, no PPVC, os informantes possuem um baixo índice de escolaridade (sem escolaridade ou até cinco anos de escolarização), no PCVC os informantes apresentam um maior índice de escolaridade (mais de onze anos de escolarização). As demais variáveis que constituem o PPVC e o PCVC apresentam quantidades iguais (oito informantes por célula) a fim de que fosse possível realizar uma seleção e comparação de dados com maior equilíbrio e, assim, com menor possibilidade de enviesamento.

4.1.2 A cidade de Ibicoara

A cidade de Ibicoara possui uma população de 20.785 habitantes de acordo dados divulgados no último censo do IBGE, publicado em 2022. No que diz respeito aos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, a cidade conta com 13 (treze) escolas. Essa cidade está localizada a mais de 500 km da capital baiana, mas, diferentemente de Vitória da Conquista, não está tão próximo geograficamente do norte mineiro.

A cidade de Ibicoara está vinculada ao Parque Nacional da Chapada Diamantina. Assim sendo, a cidade se destaca pelo forte turismo, considerando atrações turísticas como a Cachoeira do Buracão e a Cachoeira da Fumacinha. Além disso, essa cidade se destaca pela forte produção de café. A Figura 7 apresenta a localização do município no mapa baiano:

Figura 7 – A cidade de Ibicoara



Fonte: IBGE.

No que tange ao CLIBA, esse *corpus* também está vinculado ao banco de dados do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-Ba”, com cadastro de número 34221214.9.0000.00552 no trato do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa.

Entretanto, se comparado aos *corpora* do PCVC e PPVC, temos um *corpus* mais recente, haja vista seu processo de construção ter ocorrido durante 2021 e 2022, enquanto os

corpora PPVC e PCVC data um período de 2011 a 2015. Inicialmente, a proposta era a coleta de 36(trinta e seis) entrevistas, contudo faltam, ainda, a realização de dois perfis sociais que não foram encontrados em função da escolaridade. Semelhante aos *corpora* conquistense, o CLIBA está estratificado em três variáveis: (i) idade (subdividido em faixa 1: 15 a 25 anos; faixa 2: 26 a 49 anos; e faixa 3: acima de 49 anos); (ii), escolaridade (1: sem escolaridade ou até cinco anos de escolarização. 2: ensino fundamental completo e 3: onze anos ou mais de escolaridade) e (iii) sexo (masculino e feminino). A extensão deste *corpus* é de 200.006 palavras. O Quadro 12 desenvolvido por Jesus (2023) apresenta essa estratificação. Vejamos:

Quadro 12 – Caracterização do *corpus* CLIBA

Nome do <i>corpus</i>	<i>Corpus</i> Linguístico de Ibicoara-Ba
Número de informantes	36 informantes.
Sexo	18 informantes masculino; 18 informantes feminino.
Faixa etária	12 informantes da faixa 1 – entre 15 e 25 anos; 12 informantes da faixa 2 – entre 26 e 49 anos; 12 informantes da faixa 3 – informantes com mais de 49 anos.
Nível de escolaridade	12 informantes sem escolaridade ou até cinco anos de escolaridade; 12 informantes com ensino fundamental completo; 12 informantes com 11 anos ou mais de escolarização.
Extensão	200.006 palavras

Fonte: Jesus (2023, p. 77).

É necessário relatar que, apesar da proposta inicial de produção de 36 (trinta e seis) entrevistas, houve, ao final da constituição desse *corpus*, 34 (trinta e quatro) entrevistas, pois não foram encontrados perfis de informantes do sexo feminino, na faixa etária jovem, que compreende de 15 a 25 anos, sem escolaridade ou até com cinco anos de escolarização.

Considerando que cumprimos o proposto nesta subseção de detalhar sobre a estruturação dos *corpora*, partimos para subseção 4.2, na qual descrevemos a natureza da pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados por nós para a análise e discussão dos dados.

4.2 Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa tem caráter descritivo, considerando a análise do fenômeno a partir da língua em uso e todos os contextos sociocomunicativos que o envolvem. Baseados em Sampieri

et al. (1998), afirmamos que esta pesquisa configura-se como não experimental por não manipularmos as variantes investigadas, uma vez que os dados a serem analisados encontram-se nos *corpora* do PCVC, PPVC e CLIBA, que constituem uma amostra sincrônica da língua em uso. Além disso, esta pesquisa possui natureza transversal, uma vez que os dados não serão analisados em uma perspectiva cronológica longitudinal, mas sim em um recorte temporal.

No que concerne aos procedimentos metodológicos que delineiam as pesquisas científicas, podemos, em geral, agrupá-los em dois grandes polos com ênfases distintas: o enfoque quantitativo e o enfoque qualitativo. Embora cada polo possua características diferentes, nas últimas décadas tem ocorrido uma mescla entre o enfoque quantitativo e o enfoque qualitativo com a finalidade de obter resultados mais refinados a respeito do objeto analisado.

Sampieri *et al.* (1998), ao tratarem do enfoque quantitativo, mencionam, entre outras características, a necessidade da análise mais objetiva possível. Além disso, ao utilizar o enfoque quantitativo intenta-se explicar e prever os fenômenos analisados buscando regularidades e relações entre os elementos a partir da frequência dos dados.

Por outro, no que diz respeito ao enfoque qualitativo, Sampieri *et al.* (1998) apontam que não há medição numérica para o aprimoramento ou descoberta dos resultados. Como característica desse enfoque, o pesquisador destaca que o método qualitativo avalia o desenvolvimento natural dos acontecimentos, sem manipulação ou estímulo à realidade. Por esse motivo, podemos afirmar que o enfoque qualitativo é naturalista. Ainda, outra característica do enfoque qualitativo é a análise a partir de um item particular para se chegar a resultados mais gerais. Desse modo, há um movimento de grande carga interpretativa nas pesquisas de cunho qualitativo.

Além dos enfoques quantitativos e qualitativos, consolidou-se nas últimas décadas a mescla entre esses dois enfoques, sobretudo em pesquisas funcionalistas contemporâneas. Desse modo, esta dissertação utiliza, como procedimento metodológico, o método misto (Cunha Lacerda, 2016). A razão para a utilização do método misto repousa na compreensão de que a utilização de procedimentos que se encaixam em ambos os enfoques permite-nos um aprofundamento do nosso objeto de pesquisa e, conseqüentemente, a realização de uma análise de dados mais apurada.

A utilização de propriedades quantitativas em nossa pesquisa permite-nos, entre outras questões, averiguar a repetição de ocorrências, ou frequência *token*, de determinado construto. Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013], a frequência com que um falante se depara com

uma construção determina o quanto ela está fixada na mente. A permanência de uma construção na mente resulta na mudança do nó-ocorrência para o nó-tipo na rede linguística.

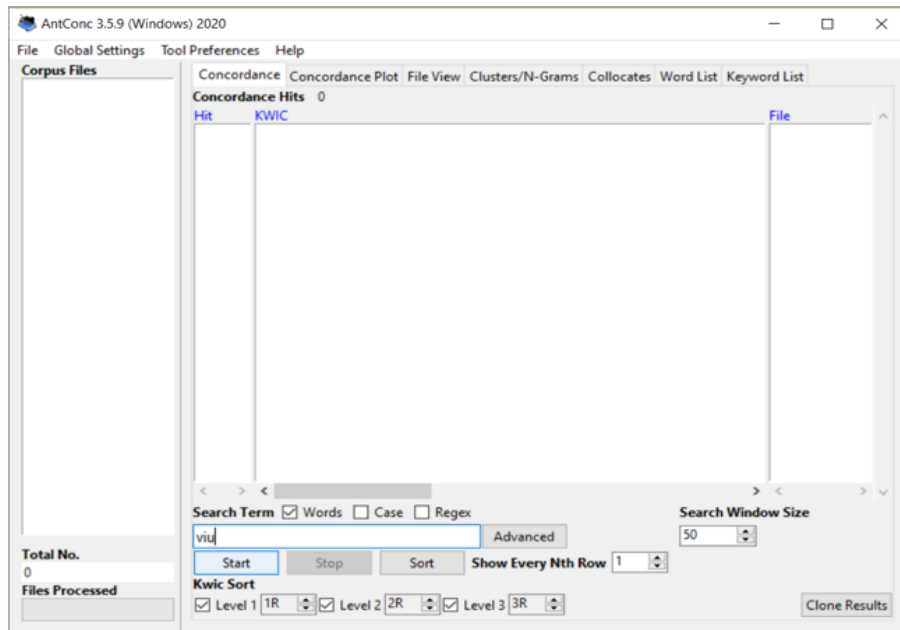
Por outro lado, a utilização de propriedades qualitativas é relevante nesta pesquisa, pois adotamos uma visão dos estudos linguísticos a partir da análise de dados da língua em uso. Desse modo, embora a quantificação nos permita chegar a resultados genéricos, a funcionalidade de uma construção está no contexto a qual essa se insere. Desse modo, cada dado encontrado ser analisado individualmente permite-nos uma melhor interpretação do seu funcionamento discursivo-pragmático.

No que diz respeito aos procedimentos de coleta de dados, utilizamos o *software Antconc*, desenvolvido por Laurence Anthony e utilizado para o facilitamento de processamento de dados extraídos nos *corpora* do PVCV, PPVC e CLIBA. Mais ainda, conforme Cunha Lacerda e Dall’orto (2023), esse *software* contribui para o fornecimento de dados que podem ser analisados de forma quantitativa e qualitativa. Nos parágrafos subsequentes, descrevemos as etapas desta parte da pesquisa junto à utilização do *Antconc*. Ademais, conforme as autoras, esse *software* permite processar um grande volume de textos em um curto período de tempo.

O primeiro passo para a utilização da ferramenta *Antcont* foi a conversão dos arquivos das entrevistas que estavam em word para o formato de extensão .txt. Em seguida, nas configurações do sistema, adaptamos a formatação para o padrão de acentuação e escrita brasileira para que os dados pudessem ser lidos sem prejuízo de não serem identificados.

Após a configuração do *software*, optamos por coletar os *types* passíveis de análise dentro do padrão construcional $[V_{pv}(\text{adv})]_{MD}$. Especificamente, foram buscados 23 (vinte e três) *types*: *olha*, *olhe*, *olha só*, *olhe só*, *olha bem*, *olhe bem*, *olha aí*, *olhe aí*, *olha aqui*, *olhe aqui*, *olha lá*, *olhe lá*, *veja*, *vejam*, *veja bem*, *vejam bem*, *veja só*, *vejam só*, *veja lá*, *vejam lá*, *veja aí*, *vejam aí* e *viu*. Em um segundo momento, a fim de assegurarmos a frequência *token* dos dados, realizamos uma nova busca. Dessa vez, empregando apenas os radicais da base verbal que originaram os marcadores discursivos *olh** e *vej**. Esse procedimento foi possível, uma vez que o programa nos oferece uma aba intitulada *search term*. Essa aba tem a função de possibilitar ao usuário digitar palavras-chave e, após isso, o programa oferece-nos todos os resultados encontrados em todos os arquivos de entrevistas alimentados no programa. Como em nossa pesquisa as microconstruções foram selecionados a partir de um padrão construcional específico, essa aba nos auxiliou a encontrar as microconstruções desejadas sem que houvesse a necessidade da leitura exaustiva de todas as entrevistas presentes nos *corpora*. A Figura 8 demonstra essa etapa.

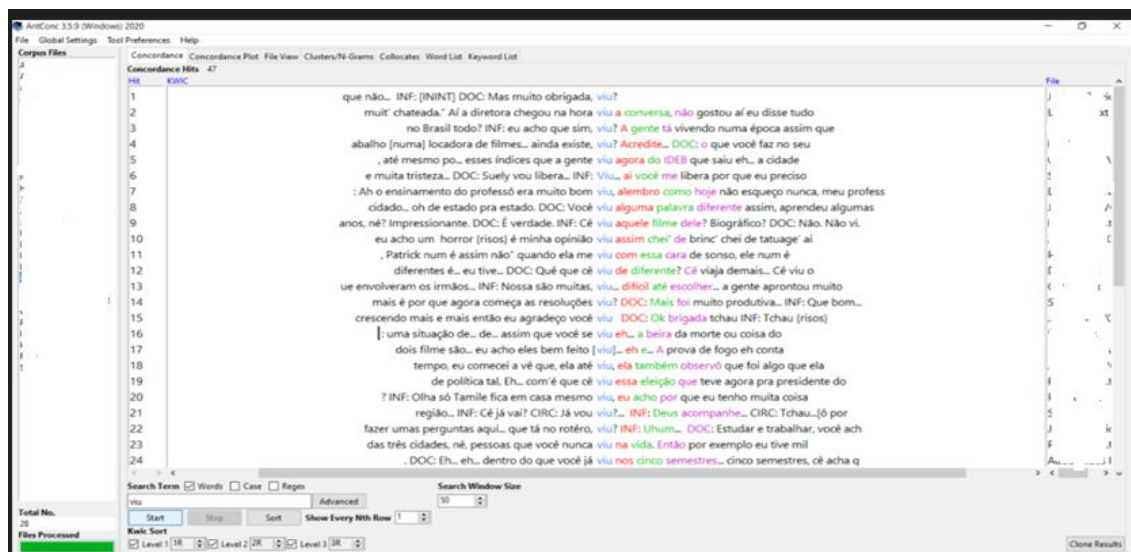
Figura 8 – Imagem do software Antconc na aba search term



Fonte: Elaboração própria.

Após a busca na opção do *search term*, o programa nos oferece todos os dados encontrados nas transcrições das entrevistas com base nos *types* digitados. Na parte superior da tela do programa, há a seção *concordance hits*, que representa o número de *tokens* encontrados. Abaixo dessa informação, encontramos cada *token* enumerado individualmente, além do arquivo do informante a qual esse *token* se encontra. Esse arquivo pode ser visualizado na aba *file*. A Figura 9 demonstra o que foi descrito neste parágrafo

Figura 9 – A coleta de dados no Antconc



Fonte: Elaboração própria.

Além da enumeração de cada *token* encontrado, na parte central da Figura 9, vê-se a microconstrução selecionada destacada em azul. Essa microconstrução, entretanto, é mostrada a partir de um contexto de funcionamento que apresenta outras construções próximas. Dessa forma, esse programa nos permite, dentro da própria plataforma, o acesso aos contextos em que as ocorrências foram extraídas, possibilitando, assim, uma análise não apenas quantitativa dos dados, mas também qualitativa.

Ressaltamos que o *software* não tem a capacidade de diferenciar microconstruções dentro do nosso padrão construcional de análise ou da categoria verbal. Por isso, ao buscar a microconstrução *olha*, por exemplo, nos foram apresentadas todas as ocorrências cuja forma se enquadra nessa grafia. Assim, a aba KWIC (*key word in a context*), que pode ser vista na Figura 9, serviu como primeira análise para triagem das ocorrências que se encaixam no grupo dos marcadores discursivos e das que não se enquadram nesse grupo pragmático. Registramos que as construções que não se encaixaram no paradigma dos marcadores discursivos foram descartadas.

Levando em conta o que foi apresentado nesta seção, afirmamos que a adoção dos conjuntos de procedimentos adotados e descritos anteriormente corrobora para uma análise de dados substancial e aprofundada, considerando o favorecimento dessa metodologia para o diálogo com referencial teórico adotado. Dessa forma, na seção seguinte, apresentamos e discutimos os dados encontrados a fim de responder aos objetivos propostos nesta dissertação.

5 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, analisamos e descrevemos as ocorrências encontradas nos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA, considerando o funcionamento das construções do padrão construcional $[V_{pv} (adv)]_{MD}$ a partir de seus contextos. Ainda, objetivamos analisar essas construções a partir de uma descrição ampla, considerando as suas propriedades formais e funcionais. Reiteramos, no entanto, que, nesta pesquisa, não conseguimos contemplar a propriedade formal fonológica por limitações de cronograma e materiais técnicos.

Para uma análise consistente, como é de se esperar, levamos em consideração o que foi discutido na seção referente à fundamentação teórica. Assim, produtividade, esquematicidade e composicionalidade, propriedades cruciais para a rede linguística foram rerepresentadas por meio dos dados, bem como processos e mecanismos linguísticos tais como metáfora, metonímia, analogia, (inter)subjetividade²⁰ etc.

Para atingir o nosso propósito, dispomos esta seção em duas partes. Inicialmente, analisamos cada *type* encontrado a partir de seus contextos de funcionamento representado pelas instâncias de uso. Após essa análise individual de cada *type*, organizamos as instâncias de uso, no nível da microconstrução, em subesquemas, uma instância maior de abstração. Com isso, julgamos atingir um dos objetivos proposto de estabelecer a rede taxonômica dos marcadores discursivos.

A coleta de dados dos *corpora* nos levou a frequência de 307 (trezentos e sete) ocorrências estratificadas em seis *types*. Na Tabela 1, podemos visualizar esses dados:

Tabela 1 – A frequência dos marcadores discursivos nos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Olha	147	47,57
Viu	137	44,33
Olha só	15	4,85
Veja bem	7	2,26
Olha aí	2	0,66
Veja	1	0,33
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 1 demonstra uma produtividade do padrão construcional $[V_{pv} (adv)]_{MD}$, considerando que esse esquema instancia seis subesquemas mais específicos. Desses

²⁰ (Inter)subjetividade foi descrito nas p. 44 e 45. Para um aprofundamento maior sobre (inter)subjetividade, conferir Andrade (2022).

subesquemas, os *types olha* e *viu* se mostraram muito mais frequentes que os outros quatro *types*, totalizando 91,90% de todas as ocorrências. Além disso, dentro do padrão construcional analisado, três *types* são oriundos da base verbal *ver* e três da base verbal *olhar* e três foram preenchidos fonologicamente pelo *slot* adverbial. Sobre a funcionalidade e atuação desses MDs nos contextos específicos, serão destinadas subseções específicas para cada *type*.

Esta seção, para bem atender ao nosso propósito, está organizada em 14 (catorze) subseções. Dessa forma, na subseção 5.1, discutimos sobre a microconstrução *olha*; na subseção 5.2, tratamos sobre a microconstrução *olha só*; na subseção 5.3, descrevemos a microconstrução *olha aí*; na subseção 5.4, mostramos a microconstrução *veja*; na subseção 5.5, discutimos sobre a microconstrução *veja bem*; na subseção 5.6, discutimos sobre a microconstrução *viu*; na subseção 5.7, apresentamos a visão formal de rede dos marcadores discursivos; na subseção 5.8, mostramos o subesquema prefaciação; na subseção 5.9, discutimos sobre o subesquema argumentativo; na subseção 5.10, tratamos sobre o subesquema discurso reportado; na subseção 5.11, abordamos o subesquema busca de aprovação discursiva; na subseção 5.12, falamos sobre o subesquema *feedback*, na subseção 5.13, tratamos sobre o subesquema interjetivo; e, finalmente, na subseção 5.11, apresentamos a visão pragmática dos marcadores discursivos.

5.1 A microconstrução *olha*

A microconstrução *olha*, instanciada no uso pelo constructo de mesma forma, é um marcador discursivo derivado da base verbal de mesma constituição formal. Conforme Hopper (1991), entre os estágios de mudança linguística, há o estágio da persistência em que a construção que passou por mudança linguística mantém traços funcionais originais de sua categoria-fonte. Por essa razão, apresentamos, de forma breve, a definição de *olhar* enquanto verbo nos dicionários.

No *Dicionário das Dificuldades Portuguesa* (1963) algumas definições acerca de *olhar* consiste em fitar os olhos em; atentar para; observar; considerar. As mesmas definições podem ser lidas em Caldas Aulete (1980) e, também, em Houaiss (2009). Esses traços semânticos persistem na microconstrução *olha* enquanto marcador discursivo. Os traços semânticos, porém, são deslocados de uma concepção mais concreta e, portanto, corpórea, em direção ao texto e as interações (inter)subjetivas. Logo, ao utilizar o MD *olha*, o falante convida o leitor a atentar, observar a porção textual a ser manifestada posteriormente, estreitando as relações de sentidos e inferências desejadas na interação verbal.

Nos três *corpora* selecionados para análise, encontramos um total de 147 (cento e quarente e sete) ocorrências de *olha* em sua função marcadora discursiva. A Tabela 2 demonstra a porcentagem desse MD em relação aos demais marcadores discursivos coletados:

Tabela 2 – A frequência *token* do MD *olha* nos *corpora* PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Olha	147	47,57
Outros marcadores	162	52,43
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 2 evidencia uma alta produtividade de ocorrências de *olha*. Dentre todos os marcadores discursivos, inclusive os de base verbal *ver*, *olha* ocorreu em mais de 47% dos contextos. Esse alto nível de frequência *token* fortalece esse exemplar como uma construção prototípica da categoria pragmática dos marcadores discursivos, pois, segundo Bybee (2016), palavras de alta frequência são mais fáceis de serem acessadas em tarefas de escolhas lexicais e, conseqüentemente, são postas em posições centrais na categoria a qual fazem parte.

A fim de demonstrar as regularidades encontradas nos polos formais e funcionais de *olha*, apresentaremos algumas recorrências observadas nos contextos analisados. Para isso, baseamos nas características que compõem os marcadores discursivos apresentadas, por exemplo, por Risso, Silva e Urbano (2006), Brinton (2017) e Traugott (2022). Inicialmente, comentaremos sobre o polo formal e, em seguida, descreveremos aspectos do polo funcional.

A primeira característica que identificamos em *olha* diz respeito a posição no discurso ocupado por este MD. Entre as 147 (cento e quarente e sete) ocorrências levantadas, 106 (cento e seis) ocorrências apareceram em posição inicial do turno conversacional, o que corresponde a 72% de todos os dados levantados dessa microconstrução. Risso, Silva e Urbano (2006) destacam o sequenciamento tópico como uma das características sequenciadoras/textuais dos MDs. Sobre esta característica, Guerra (2007) afirma que subfunções de introdução, sequenciamento e fechamento de tópico compõem a função textual sequenciadora, uma vez que parece haver marcadores especializados de cada uma dessas subfunções.

Olha está associado à introdução do tópico discursivo, haja vista seu aparecimento em posição inicial no discurso. De outro modo, além dos 72% de ocorrência em posição inicial do turno conversacional, os outros 28% de ocorrências de *olha* também aconteceram em posição inicial, ou introdutória, do sequenciamento tópico, ou seja, embora tenham ocorridos em posição medial do turno conversacional, o uso de *olha* representa a introdução de um novo tópico discursivo, como, por exemplo, o início de um discurso reportado.

A totalidade de ocorrências desse MD em posição inicial, seja ela do turno, do tópico ou de uma sequência frasal, revela a natureza catafórica de *olha*. Ao utilizar este elemento pragmático, o falante chama atenção do seu interlocutor para a informação seguinte a ser veiculada, convidando-o para atentar-se ao que será dito, oferecendo pistas inferenciais aos significados desejados. A respeito desse estreitamento de negociações de sentidos entre os interlocutores, das 147 (cento e quarente sete) ocorrências deste MD, em 107 (cento e sete)/72% dos contextos de *olha* ocorreu imediatamente após perguntas mais subjetivas em que houve menção explícita a trechos como “o que você acha?”, “qual sua opinião?” ou perguntas sobre a vida pessoal do informante.

Ao utilizar *olha* em contextos como esses, o falante marca sua posição no turno conversacional, mantém o fluxo conversacional, considerando que esse MD atua como elemento coesivo interacional entre os participantes da cena enunciativa, e estreita as negociações de sentidos por meio de inferências através da chamada de atenção do interlocutor.

A respeito do polo funcional de *olha*, assim como os demais marcadores discursivos, não há um sentido referencial/lexical atribuído a este MD. Houve, na verdade, uma metaforização de seu sentido lexical primeiro rumo a abstratização do texto. Desse modo, *olha* atua de modo procedural na organização textual do discurso. Risso, Silva e Urbano (2006) destacam que uma das características dos marcadores é serem exteriores ao conteúdo proposicional. Logo, não há nenhuma relação sintática entre os marcadores discursivos e as cláusulas. Sobre isso, Brinton (2017) destaca que os MDs são gramaticalmente opcionais. Apesar de não serem gramaticalmente obrigatórios, os MDs são carregados de sentidos pragmáticos que facilitam o processamento do discurso.

Os diferentes sentidos pragmáticos caracterizam os marcadores discursivos como elementos multifuncionais. Embora, discursivamente os MDs atuem no chamamento de atenção do interlocutor para a porção textual a ser enunciada posteriormente, pragmaticamente os MDs apresentam diversas funcionalidades, às vezes, sendo difícil distinguir o sentido pragmático mais saliente em determinado contexto, haja vista a sobreposição de sentidos pragmáticos.

Nos *tokens* coletados dos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA, o funcionamento pragmático mais identificado foi o de prefaciação. Especificamente, em 100 (cem) ocorrências (68%) esse MD atuou de forma prefaciadora. Em suma, nessa função pragmática, o falante utiliza o MD para retardar ou desviar a resposta inicial pretendida pelo interlocutor. Na subseção 5.7 (p.106), descreveremos com maior rigor esse funcionamento. Nesta subseção, apresentaremos apenas um exemplo a fim de tornar mais claro ao leitor:

(11) DOC: Uhm. Certo. E você já planejô as sua próximas férias?
 INF: *Olha...* eh... eu penso que se fô possível em dois mil e quinze eu devo fazê alguma viagem assim. Mas por enquanto não, que eu tenho muita coisa pra fazê ainda eh..., mas em dois mil e quinze eu acredito que eu vô planejá uma viagem assim (A.S.A., PCVC, p. 23).

No exemplo (11), o documentador pergunta sobre um tópico pessoal do informante que diz respeito ao planejamento das férias. Contextos como esses são favoráveis ao aparecimento dos MD. Em resposta, o falante utiliza o MD destacado para manifestar a tomada do turno conversacional, ao mesmo tempo que, pragmaticamente, prefacia a resposta esperada pelo documentador. Em vez de manifestar uma resposta afirmativa ou negativa acerca do tópico discutido, o informante retarda seu posicionamento por meio do MD. O uso de reticências indica uma pausa entoacional entre o MD e as demais cláusulas e, possivelmente, um tempo entre as enunciações. Esse tempo maior para o planejamento de respostas é comum em situações *on-line* de interação verbal. Só após a prefaciação, o informante manifesta o desejo de viajar no ano especificado e que, naquele momento, não havia nenhum planejamento.

A prefaciação não foi o único funcionamento pragmático identificado. Em 12 (doze) contextos (8%), observamos a atuação de *olha* no discurso reportado de terceiro. Em contextos como este é comum que o tipo textual seja a narração haja vista que o falante está contando algum fato de sua vida pessoal ou de um terceiro. Nessa narrativa, o falante utiliza o MD *olha* para marcar o início do turno da fala reportada. Embora no contexto ao qual se insere, esse MD ocorra em posição medial do turno conversacional, ele representa a introdução da fala reportada da narrativa, o que mantém a característica de *olha* enquanto posição introdutória no sequenciamento tópico. Na subseção 5.9 (p.117), mostraremos com maior ênfase a função de discurso reportado. Nesta subseção, apresentaremos apenas um exemplo. Vejamos:

(12) INF: [...] a diretora chegou na hora viu a conversa, não gostou aí eu disse tudo o que eu tinha pra dizê pra ela, e pedi pra ela que, pelo amor de Deus, ainda que não fosse alfabetizada que ela procurasse olhá o caderno dele, todos os dias, porque ele não fazia nada em casa, e não fazia nada na escola que ninguém cobrava. “é, vou vê o quê que eu faço” eu falei: “*olha*, mãe quando eu tinha a idade do seu filho, quando eu chegava sem sabê, pq eu não sabia fazê uma atividade, porque sempre tive que fazê sozinha, minha mãe me levava na casa de um vizinho que tinha escolaridade maior que a minha ... (L.S.S., P.C.V.C., p. 8).

O exemplo (12) demonstra uma narrativa, evidenciada pelos verbos no passado, da informante acerca de uma situação vivenciada no contexto escolar entre ela e a mãe de um aluno. No processo de narração, a falante reporta discursos da mãe do estudante e dela. Ao

utilizar o MD *olha*, a informante sinaliza a o início da sua própria fala reportada na situação narrada o que reitera a posição introdutória de desse MD no sequenciamento tópico.

Identificamos outras funções pragmáticas desempenhadas por *olha* além das duas supracitadas. A função pragmática interjetiva é uma dessas subfunções. Foram contabilizadas 7 (sete) ocorrências nesta função, o que corresponde a aproximadamente 5% de todos os *tokens*. Conforme Rost (2002), essa subfunção consiste na manifestação de sentimentos do falante por meio do discurso, seja esse sentimento surpresa, alegria ou decepção do falante ao seu interlocutor. Nesta subseção comentaremos, novamente, apenas sobre um exemplo. A subseção 5.12 (p. 125) destina-se a discussão aprofundada da referida função pragmática.

(13) INF: Então ele num... minha mãe começô freqüentá a ingreja aí... aí tinha uns culto na casa de minha mãe ele num qui... ele num gostava, né, {risos} ia lá po quart' ficava lá até aí depois que minha mãe morreu ele começô gostá botá o hin' da igreja começô, né? aí começo pegá amor pela {INIT}, né?
DOC: *Olha!*
INF: Aí de... antes del' morrê ele já batizô e tud'. (W.S.O., PPVC, p. 19).

Em contextos semelhantes ao visualizado em (13), o marcador discursivo ocorre isolado no turno conversacional do falante, apesar de estar diretamente associado ao contexto interacional, funcionando como elemento de interação. Ao tomar o contexto (13) como exemplo, observamos que o interlocutor narra o fato sobre a conversação do pai ao evangelho. Surpreso com a informação, o falante utiliza o MD destacado para manifestar seu posicionamento diante do interlocutor.

A manifestação de surpresa do interlocutor fica evidenciado na transcrição ortográfica por meio da utilização da exclamação. Assim, supomos haver uma força entoacional diferente desses MD enquanto interjeição em relação as demais subfunções. Entretanto, conforme descrito anteriormente, muitas vezes os sentidos pragmáticos se sobrepõem em um mesmo contexto. Assim, ainda que identifiquemos a função interjetiva como sendo o sentido pragmático mais evidente, o falante, ao enunciar esse marcador discursivo, também manifesta um *feedback* em relação ao que está sendo narrado por seu interlocutor, manifestando estar atento ao que está sendo enunciado. O *feedback* é uma função pragmática que será discutida mais a frente nesta dissertação.

A função pragmática argumentativa foi outra subfunção identificada na atuação de *olha* nos contextos conversacionais. Com base em Martins (2013), a função de estrutura argumentativa consiste na apresentação da função catafórica para um ponto de vista. Segundo

a pesquisa, *olha* aparece em contextos de opinião do falante em contextos acompanhados de expressões como “eu acho”.

Em nossa perspectiva, no entanto, considerando a disposição dos *corpora* analisados em entrevistas do tipo pergunta-resposta, a incidência de emissão de opinião nos contextos em que os MD atuam é recorrente. Entretanto, o uso dos MD de base perceptivo-visual para asseverar o ponto de vista defendido nem sempre corresponde a uma estrutura argumentativa. Em muitos casos, tais MD são acionados para prefaciar a ideia a ser apresentada em seguida.

Nesta dissertação, assumimos a função pragmática argumentativa a partir da concepção de defesa de uma posição do falante mediante à formulação de ideias expressas no texto por meio da vinculação de duas porções textuais vinculadas pelo *olha*. Esse vínculo destacado pelo MD ocorre por meio da exemplificação do que está sendo exposto pela advertência do falante em direção ao ouvinte acerca de uma argumentação específica ou ainda pela relação causal da segunda parte do enunciado à qual o MD atua em relação a primeira parte da posição do falante. Isso posto, na função argumentativa, englobamos as funções causal, exemplificativa e advertência descritas por Rost (2002) e estrutura argumentativa descrita por Martins (2013). Tais subfunções podem ser vistas na Seção 3 – *Marcadores Discursivos*.

A respeito da frequência token de *olha* desempenhando função pragmática de argumentação, encontramos 28 (vinte e oito) ocorrências, o que corresponde a 19% de ocorrências dessa microconstrução. O exemplo (14) ilustra esse contexto de ocorrência:

(14) É muito diferente, viu, J*. Muito. Não é que a de hoje é ruim, é boa, mas eles o... o... é... o alunado, eles não sabem aprovei... eles num querem... eles tá... tanto faz, tá tudo bem, tá tudo maravilha... e eles têm domínio. Eles pegam um celuló, ele pega um computador, um tablet e mexe e vira, de cima pra baixo e enquanto nós, mais velhos... arrente tem dificuldades. Eu falo por mim, eu tenho dificuldades, e *olha* que eu lido com... com informática há um bom tempo. Má mexe e vira, eu preciso de ajuda de alguém. Essa turma nova aí, meninos de sete, oito, nove anos... ôh, Meu Deus do céu, sabe tudo de... de... de... de mexê no celuló, né... (F.N.A.S., CLIBA, p. 13).

No contexto demonstrado em (14), o informante construiu sua enunciação em volta do que pensa sobre a educação de antigamente e da atual educação. No ponto de vista do informante, a educação entre esses dois períodos “*É muito diferente, viu*”. Na construção de sua argumentação, o informante destaca o alunado e a facilidade de acesso digital dos tempos atuais entre as diferenças de gerações desses dois tempos. Ao relatar a dificuldade das gerações mais antigas acerca das tecnologias, o informante justifica que, apesar de lidar com informática há um bom tempo, ele precisa de ajuda.

O contexto em (14) é tipicamente um contexto em que *olha* atua de forma argumentativa. Há uma posição defendida: os mais velhos, de acordo a enunciação do informante, apresentam dificuldade em relação às tecnologias. Para corroborar essa posição, o falante apresenta o MD para chamada de atenção do seu interlocutor, advertindo-o que, apesar de lidar com as tecnologias há um bom tempo e, por isso, seria de se esperar a facilidade de uso, o falante ainda tem dificuldades com relação a isso.

Contextos em que esse MD atua pragmaticamente de modo argumentativo parece haver uma maior vinculação entre o marcador e as demais cláusulas textuais se assemelhando ao modelo apresentado por Fraser (1999). Retomando à definição do pesquisador, os marcadores discursivos sinalizam a relação entre duas mensagens sobre o que o falante deseja expressar entre o enunciado introduzido pelo marcador e o enunciado anterior ao marcador. Simbolicamente, o modelo de MD seria < S1. DM + S2>. A partir desse modelo, S1 seria o enunciado “*eu tenho dificuldades*”. O DM é preenchido por *olha* que destaca a argumentação S2 “*eu lido com informática há um bom tempo*” Ao destacar essas duas mensagens, o falante destaca a contraexpectativa do S2 em relação ao S1. Em contextos em que *olha* atua de forma argumentativa, é comum o aparecimento desse MD em posição medial do turno conversacional, em contextos de defesa de ponto de vistas.

A partir do que foi descrito nesta subseção, elaboramos a Tabela 3 com as subfunções de *olha*:

Tabela 3 – A funcionalidade de *olha* nos corpora PPVC, PCVC e CLIBA

Função pragmática	OLHA	
	Token	(%)
Prefaciação	100	(68)
Argumentação	28	(19)
Discurso reportado	12	(8)
Interjeição	7	(5)
TOTAL	147	(100)

Fonte: Elaboração própria.

Ao todo, identificamos 5 (cinco) funções pragmáticas desempenhadas por *olha*. A mais frequente foi a função prefaciadora com 100 (cem) ocorrências²¹. Nessa função, o MD atua como elemento coesivo interacional e marca, além da tomada de turno, tempo para planejamento do que vai ser enunciado. Em seguida, o uso de *olha* em contextos argumentativos

²¹ Conferir a subseção *O subesquema prefaciação* (p.108).

ocorreu em 28 (vinte e oito) contextos²². Nesses contextos, o falante utiliza o MD para vincular a pressuposição apresentada na enunciação anterior ao uso de MD junto à argumentação defendida na mensagem posterior ao MD, relacionando-o, explicitamente, a duas porções textuais. O discurso reportado ocorreu em 12 (doze) contextos²³ e é caracterizado por contextos narrativos em que o falante retoma um discurso direto enunciado pelo próprio falante em um tempo passado ou, ainda, retoma a fala de um terceiro que não está presente na entrevista. Por fim, identificamos em 5 (cinco) ocorrências a atuação de *olha* em contextos interjetivos²⁴. Esses contextos caracterizam-se pela manifestação de sentimento do interlocutor em relação ao falante. Devido a essa manifestação, hipotetizamos que há uma atuação diferente deste MD em relação aos demais, inclusive, sendo marcado ortograficamente pelo uso de exclamação.

5.2 A microconstrução *olha só*

A microconstrução *olha só* é uma construção cujo *slot* (x)_{adv} do padrão construcional [V_{pv}(adv)]_{MD} é preenchido morfofologicamente. Dessa forma, temos uma construção originada por duas categorias gramaticais distintas. Uma vez que já descrevemos as características semânticas do verbo (cf. p. 83), nesta subseção trataremos sumariamente sobre as características adverbiais.

Rocha Lima (2011) afirma que os advérbios são modificadores do verbo, expressando várias circunstâncias que cercam a significação verbal. Dessa forma, os advérbios podem expressar modo, intensidade, dúvida, entre outras circunstâncias. Logo, ao modificarem os verbos, é comum que esta classe gramatical esteja adjungida, na estrutura sintática, aos elementos a quais elas modificam, ou seja, os verbos.

Ao serem frequentemente utilizados juntos, *olha só*, passou a ser compreendido como uma unidade complexa por meio do processo de *chunking*. Ainda, essa estrutura complexa maior sofreu paradigmatisação, pertencendo ao domínio funcional dos marcadores discursivos.

Uma vez que *olha só* se tornou um *chunk*, houve, também, uma redução da composicionalidade dos elementos que compõem a estrutura maior. Logo, o sentido de *olha só* não diz respeito a soma das partes que compõem essa microconstrução marcadora discursiva. Embora tenha acontecido redução composicional, as partes que compõem essa microconstrução ainda são analisáveis, ou seja, o falante consegue recuperar o sentido original das partes que

²² Conferir a subseção *O subesquema argumentativo* (p. 112).

²³ Conferir a subseção *O subesquema discurso reportado* p. (118).

²⁴ Conferir a Subseção *O subesquema Interjetivo* (p. 127).

compõem esse MD. Mais ainda, defendemos, com base em Hopper (1991), que exista a permanência de traços semânticos originais das partes que compõem essa estrutura atuando sobre esse novo paradigma.

A produtividade de *olha só* nos *corpora* investigados se mostrou baixa. A Tabela 4 apresenta o número de ocorrências dessa microconstrução:

Tabela 4 – A frequência *token* do MD *olha só* nos *corpora* PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Olha só	15	4,85
Outros marcadores	294	95,15
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 4 evidencia a baixa produtividade de *olha só* em relação a soma de ocorrência dos demais marcadores discursivos. Em menos de 5% dos dados, houve a utilização deste MD nos *corpora* analisados. A baixa produtividade de *olha só*, todavia, não se restringe apenas a nossa pesquisa. Em dissertação anterior, Martins (2013) relatou que, em apenas 3,8% dos 360 dados levantados na pesquisa dela, houve o uso do referido MD. Dessa forma, a baixa produtividade desse MD pode se apresentar como um padrão na língua em uso do PB.

A respeito do contexto de atuação de *olha só*, captamos o funcionamento desse MD em duas subfunções pragmáticas distintas, a saber: prefaciação com 12 (doze) ocorrências e argumentação com apenas 3 (três) ocorrências. Os exemplos (15) e (16) demonstram esses contextos respectivamente.

(15) DOC: Assim... o quê que você gostaria de vê eh... publicado na manchete de um jornal? Qual a notícia assim que te traria felicidade se você visse?
 INF: São tantas viu T*.
 DOC: Você pode nos falar uma?
 INF: *Olha só*... por exemplo eh... acabou... por exemplo... acabou de... ser encontrada ou assim a formula ou medicamento sei lá o que pra cura da AIDS por exemplo né, já seria uma boa notícia, não seria? (R.F.V., PCVC, p. 13).

No contexto mostrado em (15), observamos a atuação do marcador discursivo para a prefaciação do que vai ser enunciado. Essa função pragmática já foi apresentada por outro MD na subseção anterior. Entretanto, considerando o Princípio da não-sinonímia (cf. Goldberg, 1995), acreditamos haver gradiências pragmáticas entre os MD que exercem essa função.

Por ser menos frequente que a forma leve *olha*, esse MD conota ao interlocutor uma chamada de atenção mais firme ao que vai ser dito. Mais ainda, Sambranna (2017) destaca que *olha só* focaliza porções de informações dentro de um tema, agindo no estreitamento discursivo dele.

No contexto analisado, o tema é situação hipotética de uma notícia que, ao ser lida, traria felicidade ao informante. A respeito do que foi perguntado, o informante apresenta uma resposta pouco específica. Em busca de estreitar o que foi perguntado, o documentador pede um exemplo. Nesse momento, o informante utiliza o MD para estreitar o foco de atenção do seu interlocutor e chamar atenção para o que será veiculado: “a cura da AIDS” seria uma boa notícia.

Observemos outro contexto de atuação de *olha só*:

(16) DOC: E... em relação as músicas de hoje em dia, qual a sua avaliação sobre elas?
 INF: Você quer que eu seja sincero mesmo?
 DOC: Com certeza
 INF: Uma POR-CA-RIA {risos}
 DOC: Porque?
 INF: *Olha só*... as músicas de hoje em dia não tem... letra... é uma verdadeira baxaria... usam palavras... de duplo sentido, de baixo escalão né .. (R.F.V., PCVC, p. 8).

A amostra em (16) apresenta um contexto em que *olha só* atua no plano argumentativo. Contextos como esse aconteceram apenas três vezes nos *corpora* selecionados para coleta de dados. Inicialmente, poder-se-ia pensar nesse MD enquanto prefaciação, haja vista que inicia o turno conversacional. Entretanto, em contextos em que o referido marcador atua de forma argumentativa foi recorrente o contexto de negociação de sentidos e construção da argumentação por meio da alternância rápida de turnos. Ou seja, nessas situações nenhum dos informantes enunciaram longas porções textuais descritivas ou narrativas.

Tomando (16) como exemplo, o informante é perguntado sobre a opinião dele em relação às músicas contemporâneas. Em vez de responder o questionamento, o informante prefacia sua posição indagando ao documentador se pode ser sincero em seu posicionamento, preparando o seu interlocutor para possíveis respostas indesejadas ou surpreendentes.

Ao responder de forma contundente o que foi perguntado, inicialmente, o documentador questiona o porquê do posicionamento do informante. Nesse contexto, o informante lança mão de *olha só* para estreitar a relação de sentido pretendido pelas porções subsequentes “as músicas não têm letra”, “usam palavras de duplo sentido” e a posição de que as músicas atuais são uma

porcaria, como o havia dito no enunciado anterior. Assim, embora o MD marque a retomada do turno conversacional do falante, há uma relação sequenciadora-textual entre a defesa do ponto de vista sobre a música contemporânea e as condições que o levou a considerar dessa forma.

Na Tabela 5, podemos visualizar o número de ocorrências desempenhado por *olha só* nas duas subfunções apresentadas.

Tabela 5 – A funcionalidade *token* de *olha só* nos corpora PPVC, PCVC e CLIBA

Função pragmática	OLHA SÓ	
	Token	(%)
Prefaciação	12	80
Argumentação	3	20
TOTAL	15	100

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados apresentados na Tabela 5, podemos afirmar que, em comparação com o MD *olha*, esse MD é mais marcado. A marcação de *olha só* em relação a *olha* reside na baixa frequência manifestada pelo número reduzido de *tokens* e, também, pelo aparecimento mais restritos em diferentes contextos pragmáticos. Ainda, estruturalmente *olha só* é mais complexo, considerando que o *slot* adverbial do padrão construcional é preenchido nesse marcador.

5.3 A microconstrução *olha aí*

A microconstrução *olha aí* é um marcador discursivo composto por duas subpartes, uma vez que o *slot* (x)_{adv} é preenchido por *aí*. Retomando as classes gramaticais originais que formaram essa microconstrução, há a base perceptivo-visual em seu modo indicativo *olha* adjungido ao advérbio de lugar *aí*.

A respeito de vocábulos à semelhança de *aí*, Rosa (2019) cita Câmara Jr. (1985) para destacar que esse elemento é um pronome locativo que desempenha função adverbial de lugar, cujo papel indica a posição no espaço de um elemento do mundo biossocial, ou seja, estamos diante de um elemento lexical e mais concreto.

Entretanto, ante os processos de mudança linguística, houve, em *aí*, uma metaforização e, conseqüentemente, uma abstração em direção ao texto. Sobre isso, Rosa (2019) destaca que, ao se unir a uma estrutura construcional complexa, esse elemento passa a exercer sentidos mais abstratos deixando de apontar para uma referência espacial. Nesse novo funcionamento textual, esse elemento deixa de ser um advérbio (ou pronome locativo) e passa a ser um afixoide.

Afixoides são, segundo Saboya (2019), elementos procedurais de forma leve que são vinculados a outros elementos nucleares e apresentam significados mais abstratos. Nessa microconstrução, *aí* está vinculado a primeira parte do padrão construcional *olha*. Essa vinculação é resultado do processo de *chunking* em que duas unidades que são utilizadas frequentemente se unem para formar uma unidade construcional maior. Dessa forma, *olha aí* é uma única unidade construcional situada em um novo paradigma: os marcadores discursivos.

Nos *corpora* analisados, identificamos apenas duas ocorrências em que *olha aí* exerce função marcadora discursiva. A Tabela 6 demonstra a produtividade dessa microconstrução em relação aos demais marcadores.

Tabela 6 – A frequência *token* de *olha aí* nos *corpora* PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Olha aí	2	0,65
Outros marcadores	307	99,35
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 6 evidencia a baixíssima produtividade de *olha aí* em termos de porcentagem em nossos *corpora*. Essa microconstrução obteve menos de 1% de todos os dados encontrados. A baixa produtividade desse MD foi identificado também na pesquisa de Martins (2013), com 0,65%, e na pesquisa de Sambranna (2017) com 0,53%. Ou seja, em diferentes pesquisas, com diferentes *corpora*, *olha aí* atingiu menos de 1% dos dados.

A respeito das funções pragmáticas desempenhadas por este MD, localizamos duas funções: prefaciação e *feedback*. O exemplo (17) apresenta o contexto prefaciativo:

(17) DOC: Querê ver a alegria do Senhor então é convidá para um churrasco.
 INF: Ah, churrasco eu gosto sou chegado fritura eu como mais agora muita fritura eu não sou chegado não.
 DOC: *Olha aí...* é... fritura... O Senhor tem algum problema de saúde?
 (M.A.O., CLIBA, p. 24).

No exemplo (17), o documentador utiliza o MD para manter o turno conversacional enquanto planeja o que vai ser enunciado em seguida, prefaciando a próxima pergunta. A utilização de *olha aí* para planejamento verbal é acompanhado pelas reticências, o que demonstra uma pausa entoacional entre as porções do texto e pela repetição de parte da enunciação do informante. Só após esse tempo de planejamento que o falante manifesta uma nova pergunta, iniciando, assim, um novo tópico.

O outro contexto em que *olha aí* apareceu foi na função pragmática de *feedback*. Vejamos o exemplo (18):

(18)DOC:Conheço,conheço.

INF: Aí Adélio veio passô a mão no meu cabelo e disse eita tá mais branco que o meu Adélio e um cara de Livramento vendo um alho e uma manga e eu comprano aí ele pegou também e esse ispertim aí o rapaz que me conhecia disse ele foi vereador aqui há muito tempo... ah, foi contra mim ele era contra mim, mas assim todo projeto que era bom pro povo ele aprovava... DOC: *Olha aí...* INF: Ai eu fiz um projeto pro ordenado dos professores... eu sei que ele não fazia isso de jeito nenhum pedia aumento pra eles, mas não abaixá o salário dos professores não pode... DOC: Não pode... (M.A.O, CLIBA, p. 23).

Nesse excerto, o falante utiliza o MD para manifestar o seu acompanhamento interacional acerca do que o interlocutor estava narrando. Ao utilizar o MD em análise, observamos a persistência semântica do sentido original de *aí* atuando nesse paradigma. De outra forma, o falante, por meio de uma metaforização de sentidos, localiza algo próximo ao ouvinte no espaço discursivo, nesse contexto, o acompanhamento da narrativa.

Ao atuar pragmaticamente como *feedback*, o ouvinte marca seu espaço na interação verbal, a partir de uma manifestação positiva do que está sendo enunciado pelo falante, sinalizando-o para que o prossiga com a enunciação. A função pragmática de *feedback* será discutida na subseção 5.11 (p. 123).

Considerando os dois contextos apresentados, a Tabela 7 apresenta a funcionalidade de *olha aí* nos *corpora* analisados.

Tabela 7 – A funcionalidade de *olha aí* nos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA

Função pragmática	OLHA AÍ	
	Token	(%)
Prefaciação	1	50
<i>Feedback</i>	1	50
TOTAL	2	100

Fonte: Elaboração própria.

Com base nas tabelas 6 e 7 *olha aí* se caracteriza como a microconstrução mais marcada em relação as outras duas construções de base verbal *olhar*. Essa marcação diz respeito ao baixo número de ocorrências, ou seja, 2 (duas) ocorrências em comparação com as 15 (quinze) ocorrências de *olha só* e as 147 (cento e quarente e sete) de *olha*; e, também, em relação à atuação em contextos pragmáticos variados se comparados às cinco funções pragmáticas desempenhadas por *olha*: prefaciação, argumentação, discurso reportado e interjeição. Além

disso, em comparação com a forma mais leve do MD *olha*, *olha aí* é mais complexo haja vista o preenchimento das duas partes do *slot* que compõem o padrão construcional em análise.

5.4 A microconstrução *veja*

A microconstrução *veja* é um constructo composto apenas pela base verbal *ver*. A semântica desse verbo caracteriza-se pela ideia de percepção e/ou compreensão das coisas por meio das vistas. Essa noção perceptual-cognitiva é deslocada, no paradigma marcador discursivo, para a percepção textual. Por isso, *veja* atua como elemento de coesão textual nas situações interacionais.

Após as coletas de *tokens* em nossos *corpora*, identificamos apenas 1 (uma) única ocorrência de *veja* enquanto MD. O baixo índice de frequência desse MD pode encontrar justificativa no baixo uso de *veja* em outras categorias, ou seja, em seu uso, a rigor, reduzida. A esse respeito, informamos, também, que só encontramos um único caso de *veja*, além do MD. A Tabela 8 mostra a produtividade desse marcador em relação aos demais.

Tabela 8 – A frequência *token* de *veja* nos *corpora* PCVC, PPVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Veja	1	0,33
Outros marcadores	308	99,67
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

O baixo número de ocorrências com *veja* nos impede de fazer qualquer afirmação categórica sobre esta microconstrução. Entretanto, por meio da análise do contexto observado, bem como a discussão com outras pesquisas anteriores acerca desse MD podemos apontar indícios de sua funcionalidade. Vejamos o exemplo (19):

(19) DOC: O que você acha da educação em Conquista?
 INF: A educação em Conquista tá... tá boa. Eu acho... acho assim um... um... um dos polos de educação na cidade, né? *Veja* que a nossa cidade tem o... o... os cursos mais interessantes que você encontra nas capitais, você encontra aqui, administração, engenharia... (O.S.R., PCVC. p. 19).

No exemplo (19), o MD desempenha a função pragmática argumentativa. Ao ser indagado sobre a educação de Vitória da Conquista, o informante manifesta sua opinião a respeito do tema: “a educação em Conquista tá boa”. Essa posição mais subjetiva é construída

a partir das experiências do informante, que, no exercício de corroborar sua posição, utiliza o marcador discursivo estreitando a defesa do seu ponto de vista por meio da argumentação catafórica “um dos polos de educação”. O falante, ainda, descreve exemplos que ratificam tal posicionamento.

Ainda que de forma intersubjetiva, *veja* atua de modo interativo e há também um viés coesivo-textual, uma vez que esse marcador vincula duas ideias verbalizadas na enunciação “a educação em Conquista tá boa” e “é um dos polos educacionais”. A esse respeito, Sambranna (2017) afirma que *veja* atua em sequências descritivas com argumento vago contribuindo para a sustentação da avaliação do falante.

Por não desempenhar outras funções pragmáticas, não elaboramos a tabela com as funcionalidades de *veja* nos *corpora* analisados. A única subfunção do MD *veja* encontrada foi a de argumentação.

5.5 A microconstrução *veja bem*

A microconstrução *veja bem* é um marcador discursivo com preenchimento dos dois *slots*. A primeira parte é composta pela base verbal *ver* em sua forma subjuntiva, ao passo que o preenchimento do segundo *slot* é composto pelo advérbio *bem*. Apesar desse *chunk* apresentar sentidos independentes da soma das duas partes que compõem esse marcador discursivo, há persistência semântica das categorias verbais originais que influenciam no uso dessa microconstrução em contextos específicos.

Um dos traços semânticos mais salientes de *ver* está associado à ideia de percepção. Associado à ideia de percepção, o dicionário das dificuldades da Língua Portuguesa (1963) apresenta “reparar” e “examinar” como constituintes semânticos de *ver*; Caldas Aulete (1980) apresenta os verbos “notar” e “observar” como partes do sentido de *ver*; e o Houaiss (2009) acrescenta “ter experiência” ou “conhecimento de algo” como sentidos previstos para o verbo *ver*.

A segunda parte desse *chunk* é composto por um advérbio. Como já descrito nesta seção, os advérbios são, entre outras coisas, modificadores do verbo. Sobre a semântica dessa classe de palavras, Castilho (2014) argumenta que, do ponto de vista semântico, os advérbios transferem para o seu escopo propriedades semânticas de que elas não dispunham. Assim sendo, *bem* caracteriza-se como um advérbio qualificador.

Relatamos, todavia, nas subseções anteriores, que neoanálises são convencionalizadas entre duas unidades utilizadas juntas e frequentemente criando uma nova construção complexa

com sentidos próprios não previsíveis através da soma das partes que compõem o *chunk*. Além disso, há um percurso metafórico, em que há perda dos traços mais concretos, corpóreos, e ganho de traços mais abstratos, textuais.

Apesar das mudanças semânticas que resultaram no paradigma discursivo de *veja bem*, acreditamos que traços semânticos primários de *bem* persiste em sua configuração marcadora discursiva, influenciando na utilização desse MD em contextos de uso dos falantes. Sobre a frequência *token* dessa microconstrução, vejamos a Tabela 9:

Tabela 9 – A frequência *token* de *veja bem* nos corpora PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Veja bem	7	2,26
Outros marcadores	302	97,74
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

Veja bem ocorreu em 7 (sete) contextos diferentes em nossa coleta de dados, o que corresponde a pouco mais de 2% dos *tokens*. Nas ocorrências, esse MD desempenhou a função pragmática argumentativa. Em todos os contextos coletados, *veja bem* ocorreu em posição medial do turno conversacional, ou seja, atuando na vinculação entre duas porções enunciativas do informante.

Com base em Charaudeau (1992), uma argumentação consiste em um triângulo formado por um falante que tenta convencer, por meio da argumentação, um interlocutor através do discurso (cf. exemplo (20)). Sabemos que, em uma situação on-line de interação verbal, os sentidos são negociados instantaneamente e, por isso, nem sempre o ouvinte entende o que fora dito pelo falante da forma desejada. Nesses casos, os marcadores discursivos atuam como elementos essenciais para direcionamento dos sentidos desejados por meio do estreitamento da chamada de atenção.

(20) DOC: Assim, o senhor falou que precisava, que tinha que trabalhar, né, quando criança. Como era assim, no que o senhor trabalhava e como era pra conciliar os estudos e a escola e o trabalho?

INF: Não, porque *veja bem*, o trabalho não era um trabalho forçado, era um trabalhozinho que você pegava uma enxadinha pequenininha, você ia pra roça catá café, às vezes você ia ajuda mãe numa horta. Então nesse, nessa, nesse tipo de coisa, quer dizer que não era também um trabalho também forçado (J.L.P., CLIBA, p. 4).

O contexto extraído em (20) é parte de uma estrutura de diálogo de pergunta-resposta maior. Ao ser perguntado sobre a conciliação entre escola e trabalho no período da infância, é

provável que o informante tenha inferido que o documentador supôs um trabalho árduo, exploratório e, como em quase todas as situações como essa, insustentável com a vivência escolar. Por isso, o falante, nesse caso o informante, tenta reformular o sentido inferido pelo documentador primeiramente utilizando a partícula de negação no início do turno conversacional.

Em seguida, o MD é acionado para chamar atenção do informante ao que vai ser enunciado na tentativa de reformular a inferência sugerida primeiramente compreendida. O afixoide *bem* acrescenta ganhos pragmáticos sobre o modo como o interlocutor deve interpretar, sendo, por exemplo, mais específico do que as formas leve *olha* e *veja*. Na sequência, o falante descreve que o trabalho não era um trabalho forçado, atenuando o impacto do exercício laboral na infância por meio do diminutivo “trabalhozinho”, um possível esforço de desfazer ou minimizar a interpretação do entrevistador sobre o trabalho infantil

Sobre o *veja bem*, por desempenhar apenas uma função pragmática, assim como o *veja*, não apresentaremos uma tabela com as funções pragmáticas desse marcador discursivo, uma vez que não há outras subfunções para comparação em nossos dados.

5.6 A microconstrução *viu*

O marcador discursivo *viu* é um construto preenchido morfofonologicamente apenas pela base verbal *ver*. Diferentemente dos outros *types* levantados nesta dissertação, esse marcador discursivo é formado pela base verbal em sua forma pretérita. Esse traço formal único dentre o padrão construcional influencia o uso desse MD nas situações interativas, seja na posição em que ele ocorre, seja pela porção enunciativa escopada por esse marcador discursivo.

Se os outros marcadores discursivos ocorreram em posições inicial e medial do turno conversacional, *viu* ocorreu em posições medial e final. Isso nos faz retomar a asserção de que um dos traços característicos dos marcadores discursivos é autonomia sintática, podendo aparecer em diferentes posições. Mas, conforme Guerra (2007) determinados marcadores discursivos atuam preferencialmente em determinadas posições. Inferimos que é como se os MD se especializassem em uma dada posição em função do uso rotinizado nas interações por parte dos falantes. Acerca de *viu*, a preferência de ocorrência são as posições finais, não havendo registro de posições iniciais do turno conversacional. Devido ao aparecimento em posições finais do turno, *viu* atua de modo anafórico sobre a porção escopada, ou seja, o falante chama atenção do interlocutor para uma porção discursiva já enunciada.

Esse marcador discursivo apresentou uma alta produtividade *token* nos *corpora* analisados. Vejamos a Tabela 10:

Tabela 10 – A frequência *token* de *viu* nos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA

Marcador discursivo	Token	%
Viu	137	44,33
Outros marcadores	172	55,67
Total	309	100

Fonte: Elaboração própria.

Com base na Tabela 10, podemos afirmar que esse *type* é o mais recorrente entre todos de base verbal ver com mais de 44% de uso nos *corpora* analisados. Entre as justificativas, apontamos que essa é a forma mais leve entre todos os MDs de base verbal perceptivo-visual, possuindo a menor quantidade de massa fônica. Ainda, considerando o movimento anafórico sobre qual *viu* incide, não identificamos, entre os *types* observados, outro marcador que apresente esse movimento. Assim, para a posição do turno desejada, *viu* é o único MD requisitado.

Entre as funções pragmáticas desempenhadas por *viu*, a função busca de aprovação discursiva é a mais recorrente. Seja o exemplo (21):

(21) DOC: Você vê diferença na educação de hoje e na educação de antes?
 É... e em que elas são diferentes?
 INF: Existem muitas diferenças, né. Hoje, assim... eu vejo hoje a facilidade da tecnologia... da tecnologia a favô do... do aluno, a favô do professô, a favô de todo mundo. Tá tudo muito fácil, num click cê acha tudo É... basta aproveitá um pôco mais... se a... a... a galera É... É... com'ê que fala... É... aproveitasse mais essa chance que eles tão tendo pra estudá mais, seria ótimo, porque todo mundo tem condição de aprendê. A... na educação anteriô, mais tradicional, mais rígida... agora o aluno aprendia e ficava dentro dele. Eu falo por mim. Eu me lembro de quando eu estudei lá nas... nas primêras séries do ensino fundamental, do que eu aprendi. Eu sô capaz de lembrá de textos que eu produzi há... quarenta e cinco anos atrás. É... eu me lembro dos meus professores com'ê que era os... os... os problemas de matemática, com'ê que eram conduzidas, ministradas as aulas de português, as interpretações, e tal... hoje é.. a turma nova de hoje a gente num vê... eles num sabem falá nada... manda... vai fazê uma pesquisa com eles que eles num responde uma questão pessoalmente assim... É muito diferente, *viu*, J*. Muito. Não é que a de hoje é ruim, é boa, mas eles o... o... é... o alunado, eles não sabem aprovei... eles num querem... eles tá... tanto faz, tá tudo bem, tá tudo maravilha... e eles têm domínio (F.N.A.S., CLIBA, p. 13).

O *token* exemplificado em (21) faz parte do contexto em que o documentador faz uma pergunta mais subjetiva para o falante. Em resposta, observamos um longo período de turno

conversacional do falante com muita porção textual. Logo no início do turno, o informante assume a posição de que há muitas diferenças. Na sequência, em defesa do que foi assumido, o falante argumenta sobre a facilidade de acesso à informação e defende que os novos alunos aproveitem mais a facilidade obtida por meio das tecnologias digitais. Nesse ponto, parece haver um novo tema, ainda dentro das diferenças educacionais entre gerações, que é a absorção de aprendizagem entre os diferentes períodos. Após esse movimento, o falante repete a posição defendida que há muitas diferenças e lança mão do MD para chamar atenção do interlocutor para a posição defendida.

A sequência descritiva “é muito diferente” apresenta teor argumentativo, haja vista que representa a avaliação do falante sobre o tema. Ao manifestar seu posicionamento pela segunda vez, o autor além de evidenciar a posição defendida, age de forma intersubjetiva na checagem do acompanhamento da interação do seu interlocutor em uma busca de aprovação discursiva. De acordo com Guerra (2007), elementos que atuam na busca de aprovação discursiva constituem uma solicitação do falante para que o interlocutor lhe dê aprovação para continuar o discurso. Uma vez que não foi interrompido, o falante continua sua enunciação em uma sequência explicativa destacando a indiferença dos alunos atuais sobre o ensino. A respeito do que foi descrito, Sambranna (2017) destaca que esses marcadores discursivos atuam no envolvimento do ouvinte na proposição feita pelo falante, a fim de buscar aprovação para a sua argumentação.

Além de ocorrer em contextos de busca de aprovação discursiva, identificamos ocorrências de *viu* em posição final do turno conversacional, representando o fechamento de turno. Dessa forma, *viu* representa, também, um elemento coesivo interacional que abre o canal comunicativo para que o interlocutor tome o turno conversacional.

Este *type* apareceu também em contextos de discurso reportado. O contexto apresentado em (22) ilustra essa função pragmática:

(22)DOC: Ô J* e por que que você... você acha que a felicidade não atinge a todos? Por que nem todos são felizes principalmente nos dias de hoje, que que falta?

INF: Como eu disse antes amor e Deus cê tend' Deus cê é feliz as vezes cê é feliz só em levantá falá assim “Ô brigad' *viu* por deixá eu levantá hoje” (J.V.B., PCVC, p. 18).

Em (22), notamos que a informante utiliza uma situação de reportação do discurso para construir a sua argumentação. Para a informante, a felicidade consiste no amor e Deus. A despeito disso, a falante reporta uma oração, ou conversa com Deus, que representa a felicidade.

Nessa reportação do discurso anterior marcado pelo verbo *dicendi* “falar”, a informante utiliza o MD no discurso reportado.

Ainda no discurso reportado, observamos a atuação desse *type* em situação medial na fala narrada. Após a utilização do MD na narrativa, encontra-se o excerto “por deixar eu levantar hoje” que seria a explicação, ou justificativa, para a porção escopada pelo MD “obrigado”, confirmando o que foi descrito por Sambranna (2017) que esses MD aparecem entre sequências argumentativas e explicativas. Nesse caso, em específico, antes de uma sequência explicativa.

A função pragmática de *feedback* também foi identificada.

(23) INF: Essa pergunta é um pouco difícil de responder, viu? Mas eu vou tentar responder.

DOC: *Viu* (risos)

INF: Assim como nosso país é um país rico, todos nós temos consciência disso, como nosso país é um país rico e ao mesmo tempo um país miserável, miserável que eu digo assim em relação à distribuição de renda (E.A.A., CLIBA, p. 25).

Por meio da análise de contextos como o ilustrado em (23), observamos um funcionamento de *viu* ainda não identificado em outras pesquisas científicas acerca do tema. Nesse contexto, observamos a atuação recorrente de *viu* enquanto busca de aprovação discursiva por parte do falante. Mas, de forma pouco convencional nos relatos sobre os marcadores discursivos, o interlocutor utiliza o *viu* também como *feedback* ao que foi dito pelo falante. Conforme Guerra (2007), o *feedback* manifesta um acompanhamento atencioso da fala do outro, habilitando o(a) parceiro(a) conversacional a dar prosseguimento ao seu discurso. Assim, o *feedback* também representa um elemento de coesão interacional do discurso.

Em contextos como (23), não consideramos uso de *viu* em posição inicial do turno, uma vez que o ouvinte não toma o turno e mantém uma enunciação; antes, apenas consente com a busca de aprovação discursiva emitida pelo falante. Com isso, mantemos o posicionamento de que *viu* não ocorre em posição inicial do turno conversacional.

Por fim, embora o uso de *viu* enquanto *feedback* não tenha se mostrado produtivo em outras pesquisas, destacamos que, no vernáculo baiano, é comum esse uso pragmático nas situações interacionais orais e nas situações escritas informais, tais como uma conversa entre pessoas conhecidas no cotidiano e em mensagens de texto de aplicativos digitais. Com isso, pretendemos aprofundar os estudos sobre esse *type* na função de *feedback* com a ampliação de *corpora* em nível de tese de doutoramento.

A Tabela 11 mostra a produtividade de *viu* no vernáculo do sudoeste baiano:

Tabela 11 – A funcionalidade de *viu* nos *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA

Função pragmática	VIU Token	(%)
Busca de aprovação discursiva	129	(94,16)
Discurso reportado	5	(3,64)
<i>Feedback</i>	3	(2,19)
TOTAL	137	(100)

Fonte: Elaboração própria.

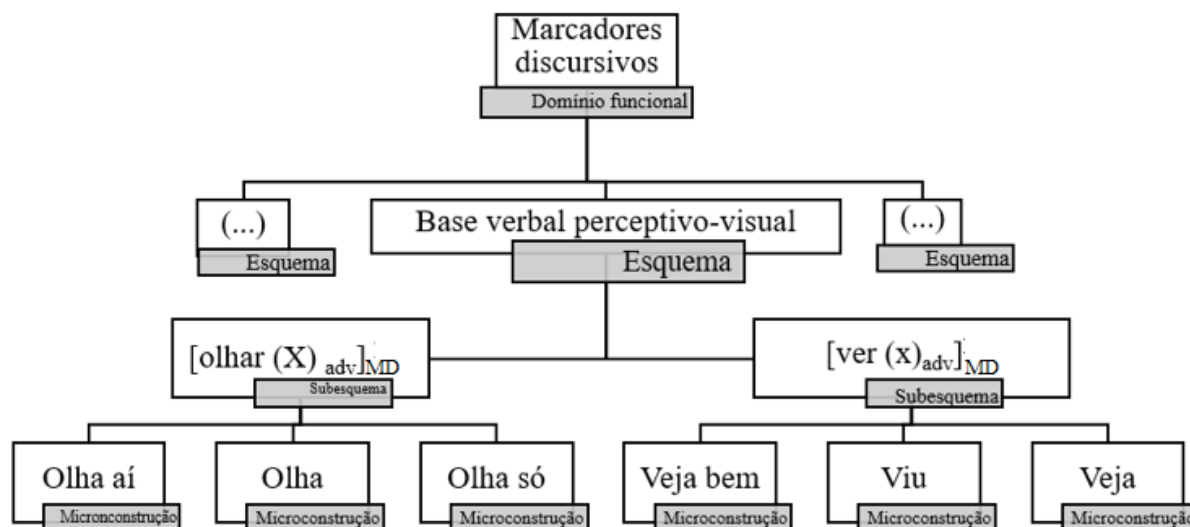
O *type viu* apresentou uma diversidade de funções pragmáticas, bem como uma alta produtividade *token*. Por isso, afirmamos que *viu* é uma microconstrução marcadora discursiva produtiva na língua. Com mais de 94%, a função de busca de aprovação discursiva foi significativamente mais recorrente. Por ser uma função exclusiva desse MD, se comparados apenas os *types* do padrão construcional selecionado para análise, é normal o uso recorrente desse MD na referida subfunção haja vista que os falantes não dispõem de outro exemplar de base verbal para exercer essa função. Apesar dessa função prototípica de busca de aprovação discursiva, *viu* é recrutado em outras subfunções, mesmo que, em menor frequência, como o discurso reportado com 3,64 % e o *feedback* com 2,19%.

5.7 A visão formal de rede dos marcadores discursivos

A análise dos *types* identificados nos *corpora* compostos no sudoeste baiano nos levou a depreensão de 6 (seis) *types*. Desses, três são de natureza verbal *olhar*, a saber: *olha*, *olha só* e *olha aí*; os outros 3 (três) são de natureza verbal *ver*, a saber: *viu*, *veja* e *veja bem*. Formalmente, 3 (três) são preenchidos morfofologicamente por *slots* adverbiais (*só*, *aí*, *bem*), ao passo que outros 3 (três) *types* apresentam a forma simples sem preenchimento.

A Figura 10 ilustra a rede simbólica dos marcadores discursivos a partir de sua disposição formal.

Figura 10 – A rede formal dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*



Fonte: Elaboração própria.

No topo esquemático da rede simbólica, há o domínio funcional dos marcadores discursivos. A razão para que os MDs sejam inseridos no domínio funcional repousa no fato de que construções, independentemente do nível esquemático, são pareamentos entre forma e função. Considerando a diversidade formal que contribui para a criação de marcadores discursivos enquanto um grupo pragmático, torna-se tarefa difícil delimitar um polo formal que contemple todos os marcadores discursivos. Logo, é mais adequado a classificação dos marcadores discursivos enquanto um domínio funcional.

Ao tratar os MD enquanto domínio funcional, presumimos que estamos diante de uma rede complexa e ampla no sistema linguístico, uma vez que é possível a sanção de diversos esquemas. Assim, no nível do esquema, as reticências simbolizam as diversas possibilidades de natureza verbal que compõem os marcadores discursivos. Entre essas possibilidades, o nosso objeto de estudo está simbolizado na rede pelo esquema do marcador discursivo de base verbal perceptivo-visual. Nessa instância da rede, há, ainda, um alto grau de abstração formal, sendo especificado apenas a natureza verbal. Assim, propriedades formais morfológicas como o morfema e propriedades fonológicas como a variável massa fônica não podem ser mensuradas.

Em uma instância mais específica da rede simbólica, as possibilidades da base verbal são especificadas em dois subesquemas, sendo um de base verbal *olhar* e outro de base verbal *ver*. Além disso, ambos subesquemas apresentam a possibilidade de preenchimento da segunda parte do padrão através do *slot (x)_{adv}*. Nesse estágio da rede, as construções são fonológicas e parcialmente preenchidas.

O preenchimento fonológico total desses pareamentos entre forma e função ocorre apenas no nível microconstrução. Em nossa pesquisa, encontramos seis microconstruções cujos types são divididos em: *olha*, *olha só* e *olha aí* instanciados pelo subesquema de base verbal *olhar*, e *viu*, *veja* e *veja bem* instanciados pelo subesquema de base verbal *ver*. Esses types, totalmente especificados fonologicamente, são representados no uso linguístico pelos construtos de mesma forma.

Com base em Traugott e Trousdale (2021 [2013]), o conceito de rede é elementar na língua, pois, assim como outros domínios cognitivos, esse sistema se organiza através das relações entre os elementos que compõem a rede linguística. Essas relações são possíveis em direções variadas, logo cada nó é ligado de várias maneiras a outros nós na rede, seja por funções semânticas, morfológicas ou de qualquer outra propriedade que faz parte da construção. Assim, em uma representação esquemática de um modelo de rede, vários arranjos são possíveis.

A Figura 10 representa os elos entre as construções marcadores discursivos a partir de suas propriedades morfofonológicas. Os elos entre os nós dessa rede ocorre por meio de uma relação de herança. Segundo Traugott e Trausdale (2021 [2013]), nessa relação de herança, cada nó herda propriedades de seus nós dominantes ou em uma instância acima de abstratização. A elaboração da rede linguística por meio de elos de herança permite, entre outras coisas, a constatação de categorizações. Assim, ainda que, no nível microconstrucional, *olha aí* e *veja* sejam os exemplares mais distantes entre si, eles carregam generalizações que podem ser visualizadas no nível mais alto do esquema, ou seja, são marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*.

5.8 O subesquema prefaciação

A função prefaciadora consiste no retardamento ou desvio inicial da resposta esperada pelo interlocutor. O falante nem sempre inicia o turno de resposta enunciando a pergunta realizada no turno anterior pelo interlocutor. Risso (2006) afirma que os marcadores discursivos prefaciadores são utilizados pelos interlocutores como formas especiais de adiamento de um conteúdo tópico.

Risso (2006) descreve que o a função prefaciadora implica tanto traços sequenciadores quanto interacionais. Sobre o primeiro traço, a pesquisadora aponta a vinculação entre dois turnos interdependentes, ao passo que, no segundo traço, há marcas da dialogicidade.

No que diz respeito aos contextos em que os MDs são utilizados com a finalidade prefaciadora, Martins (2013) elenca que os segmentos prefaciados são sequências narrativas ou

descritivas ou perguntas em que se esperam respostas objetivas, sendo motivadas por perguntas em que se utilizam pronomes e advérbios interrogativos, como “qual” ou “o que”; expressões solicitadores de narrativas ou descrição como “conte” ou “descreva”; e, também, perguntas que impulsionam respostas curtas e objetivas.

Destacamos, ainda, em convergência com Risso (2006), que consideramos o tempo para planejamento verbal como parte da função prefaciadora, pois, conforme a autora, esses MDs funcionam como verdadeiros enchimentos verbais que funcionam fundamentalmente para manter o canal da interlocução em aberto, enquanto se procura o rumo da formulação a ser dada ao tópico (Risso, 2006). Outros pesquisadores, contudo, fazem a distinção entre a função prefaciadora e a função de planejamento verbal, como Rost (2002), conforme visualizado no Quadro 7.

A partir do que foi descrito, apresentaremos e comentaremos, nos parágrafos subsequentes, *tokens* de marcadores discursivos que desempenham essa função. Após isso, traremos a Tabela 12 com o subesquema prefaciador e, em seguida, compararemos com a Tabela 13, elaborada por Martins (2013), a fim de atestar regularidades e destacar possíveis diferenças.

No subesquema agrupado pela função prefaciadora, o *type* mais produtivo foi o marcador discursivo *olha* com 100 (cem) ocorrências. Entre essas ocorrências, 73 (setenta e três) ocorrências ocuparam a posição inicial do turno conversacional. A produtividade da função prefaciadora em posição inicial de turno já fora atestada em outras pesquisas como a de Martins (2013). Para uma melhor compreensão, vejamos um contexto em que *olha* funciona de forma prefaciadora:

(24) DOC: [risos] ... eu gostaria que você me falasse assim... como é sua família?
 INF: é... minha família é assim... pai e mãe, coisa e tal?
 DOC: to... todas as pessoas... a família em geral.
 INF: *Olha*, minha família é um pessoal muito assim fraco de situação, né.
 DOC: uhum.
 INF: é... minha vó morava no Brejão, ela chamava Deraldina, que é a mãe da minha mãe, ela morreu com mais de cem ano, minha vó, chamava Deraldina, e aí casô com meu pai, é... e morrô aqui todo mundo na Canjerana, morava, e minha mãe teve... teve a gente, eu mesmo, eu fui criada com minha mãe de criação (M.N., CLIBA, p. 13).

No contexto apresentado em (24), observamos que o documentador solicitou à entrevistada que ela “falasse” sobre a família dela. A esse tipo de pergunta, espera-se do interlocutor uma resposta descritiva e/ou narrativa e foi exatamente isso que a falante fez. Ao

utilizar o MD *olha*, a falante toma o turno conversacional e o mantém aberto enquanto planeja o que vai ser dito. A informação sequenciada pelo MD é de natureza descritiva uma vez que a falante relata “minha família é um pessoal muito assim fraco de situação.”

Ainda que a continuação da porção enunciativa não seja escopada pelo marcador discursivo em análise, destacamos o paralelismo verbal que caracteriza o texto narrativo e que, também, favorece o aparecimento da função prefaciadora que, nesse caso, é prefaciada por outro marcador discursivo de base verbal não perceptivo-visual: “é...”.

Nos *corpora* analisados, identificamos também a presença de outro *type* exercendo a função prefaciadora: *olha só*. Esse *type* é composto por duas partes do padrão construcional [Vpv (x)adv]_{MD}. Ao todo, foram contabilizados 12 (doze) *tokens*. Vejamos um exemplo:

(25) DOC: É....eu também eu não conheço a....eu não conheço a Fumacinha não, eu...nunca me programei pra pudê ir, mas eu tenho vontade, embora as pessoas falam que é uma trilha um pouco difícil e cansativa...
 INF: *Olha só* pra tu vê, no...atrapalhando a conversa....
 DOC: Pode falá
 INF: ...Tem uma amiga minha, ela é lá de...de Praia Grande, São Paulo, aí, antes...foi na terça-feira, ela mandô mensagem pra mim: "Eu tô aqui em Ibicoara." [Eu] falei: "Aline, tu tá caçando o quê aqui?" e eu tava na roça...DOC: Sim.... INF: ...aí "Tu tá caçando o quê aqui?", eu falei: "Mentira!", "Tô em Ibicoara.", [eu] falei:
 (S.A.S., CLIBA, p. 20).

No fragmento em (25), *olha só* funciona na disputa de turnos conversacionais e representa a tomada de turno da falante. A informante utiliza o MD, além da tomada de turno conversacional, para a prefaciação de uma narrativa que, de certo modo, introduz um novo tópico. De outra forma, o tópico conversacional deixa de ser “conhecer a cachoeira da fumacinha” e passa a ser “turismos de visitantes na cidade”.

No que diz respeito às construções *olha* e *olha só*, defendemos que ambas exercem discursiva e semanticamente a mesma função. Os MDs mencionados atuam discursivamente na chamada de atenção do interlocutor para a informação a ser veiculada, ao passo que semanticamente atuam como itens prefaciadores. Entretanto, em conformidade ao princípio da não sinonímia (Goldberg, 1995), acreditamos em uma diferenciação pragmática atuando nesses marcadores discursivos.

Considerando o Princípio da Iconicidade (Hopper, 1991), defendemos que *olha só* é mais marcado em relação ao marcador discursivo *olha* uma vez que o primeiro MD é menos comum, nos *corpora* analisados, em relação ao segundo. Ainda, estruturalmente *olha só* é mais complexo do que a forma *olha* o que denota uma complexidade estrutural e, portanto, cognitiva

maior. Além disso, acreditamos na persistência semântica (Hopper, 1991) do *slot* preenchido pela base adverbial, atuando na construção como um todo. A partir do que foi posto, *olha* funciona como o elemento mais leve e categórico do subesquema prefaciação. A seguir, expomos a Tabela 12 com os *types* presentes nesse subesquema. Após isso, iremos mostrar a Tabela 13, elaborada por Martins (2013), sobre a qual teceremos algumas considerações.

Tabela 12 – O subesquema prefaciação

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	Ocorrências	%
Olha	100	94,33
Olha só	6	5,67
Total	106	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme visto na Tabela 12, *olha* apresentou uma produtividade muito superior (94,33%) ao outro *type olha só* (5,67%) que desempenha a função prefaciadora. Essa produtividade maior de *olha* pode ser analisada em termos de categorização. Assim, devido ao número elevado de ocorrências e por revelar complexidade estrutural menor que *olha só*, o MD mais produtivo é compreendido como o prototípico do subesquema e, conseqüentemente, será requisitado mais vezes em situações interacionais. A seguir, com os dados encontrados por Martins (2013), descreveremos algumas semelhanças entre os resultados desta pesquisa e da pesquisa realizada por Martins (2013):

Tabela 13 – O subesquema prefaciação na pesquisa de Martins (2013)

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	Ocorrências	%
Olha	222	61,7
Olhe	1	0,3
Vê	18	5
Veja	1	0,3
Olha só	14	3,8
Veja bem	6	1,7
Deixa eu ver	98	27,2
Total	360	100

Fonte: Adaptado de Martins (2013, p. 142).

Assim como foram constatados em nossos dados, o MD *olha* é o mais produtivo *type* atuante na função prefaciadora na pesquisa realizada por Martins (2003). Entretanto, *olha só* é apenas o quarto item mais produtivo, sendo preterido por *deixa eu ver* e *vê*. Apesar dessa diferenciação, atestamos uma certa regularidade categorial, tendo em vista que *deixa eu ver* não

faz parte de nosso padrão construcional em análise, o que nos impossibilitou de realizar qualquer análise desse *type*. Constatamos, então, que há uma tendência, a partir do material analisado, em *olha*²⁵ ser um MD mais produtivo do que *olha só* em uma proporção equivalente a 16 (dezesesseis) vezes mais em ambos os *corpora*, não obstante o material de análise de Martins (2013) apresente outros *types* além do que investigamos.

No que diz respeito a *vê*, embora este MD seja parte do nosso padrão construcional, identificamos um entricheiramento muito forte de *vê* com o pronome pessoal *vo(cê)*. Considerando os mecanismos de metonímia e *chunk*, entendemos que houve construcionalização desses elementos de modo que enxergamos, por exemplo, [*cê vê*] como uma construção. Desse modo, esse padrão construcional também não é contemplado em nossa análise.

Dito isso, percebemos uma semelhança categórica entre os subesquemas prefaciação. Destacamos que os outros *types* levantados na análise de Martins (2013) fazem parte de nosso padrão, mas não foram identificados nenhuma ocorrência desses marcadores em nossa análise. Hipotetizamos que um dos motivos para a ausência desses *types* seja o tamanho reduzido dos nossos *corpora* em relação aos *corpora* de Martins (2013).

5.9 O subesquema argumentativo

O subesquema argumentativo consiste nos marcadores discursivos que chamam atenção do interlocutor para a porção enunciativa a ser enunciada com teor avaliativo e, portanto, subjetivo. Na construção da enunciação, o falante utiliza o MD para chamar atenção do interlocutor e marcar sua posição na apresentação ou defesa de um ponto de vista.

Martins (2013) destaca que, nesse subesquema, as microconstruções apontam para um contexto que tem, como padrão formal, a exposição do ponto de vista do falante e a sustentação de sua opinião. Nesse sentido, conforme a própria pesquisadora, o conteúdo posposto ao MD marca o conhecimento, crença ou opinião pessoal do falante.

No que diz respeito às microconstruções que compõem o subesquema argumentativo, *olha* apresentou a maior produtividade ocorrendo 27(vinte e sete) vezes nos *corpora* analisados. A respeito do padrão formal em que essas microconstruções ocorrem, Martins (2013) afirma

²⁵ Ainda que acrescentemos a construção *olhe* com 0,3% aos valores da construção *olha*, entendendo aquela como uma forma variante desta.

que, frequentemente, há as expressões linguísticas de opiniões tais como “eu acho que”. Observemos o fragmento em (26) que ilustra o subesquema argumentativo:

(26) DOC: G* , entramos em uma pergunta aqui já que nós já estamos, né, conversando sobre isso você acha que os pais têm influência? É... os pais poderiam falá: “não, vai ter brincá”, ou não? Você acha que as criança já não obedece mais?

INF: óh... *olha*, I*, eu acho assim que é um... um pouco de cada, os pais têm influência, mas taméin as criança deixa à desejá, porque tem... da geração mais nova de primos meus mais novos que eu... não obedece mais os pais igual eu obedecia, igual meus irmãos obedecia, e obedece até hoje, né... não obedece, porque tem um... um uns primo meu... eles é assim: o... o... a... eles bate na mãe assim, de tapa, e a mãe fala assim: “não é pá fazê isso”, aí eles vão dão a volta parece que esquece... aí volta e faz de novo... No meu tempo se eu fizesse um trabai desse era uma vez só... (G.S.A., CLIBA, p. 7).

Em (26), o documentador direciona ao informante uma pergunta subjetiva em que é solicitada a opinião do interlocutor. Essa posição é evidenciada pela porção enunciativa “você acha”. Em contraponto, o informante inicia o turno conversacional prefaciando a resposta com um marcador discursivo para planejamento do que vai ser defendido. Em seguida, o falante lança mão do MD *olha* para chamar atenção do interlocutor para o ponto de vista no que diz respeito à pergunta feita sobre se os pais têm influência na (má) educação das crianças.

O ponto de vista do falante é que os pais e as próprias crianças têm influência nessa questão, ou seja, “um pouco de cada”. Inclusive, observamos a marca de subjetividade “eu acho” atuando no ponto de vista a ser defendido. O *olha* atua cataforicamente estreitando o canal falante e ouvinte, chamando atenção do interlocutor, intersubjetivamente, para a posição a ser defendida.

Em contextos em que os marcadores discursivos atuam argumentativamente, é comum o aparecimento de conectores explicativos tais como “porque”, “pois” etc. O excerto apresentado em (26) demonstra isso. Após a apresentação do ponto de vista evidenciado cataforicamente pelo *olha*, o falante defende a sua argumentação “porque tem... da geração mais nova de primos meus mais novos que eu... não obedece mais os pais igual eu obedecia”.

Conforme descrito no primeiro parágrafo desta subseção, a função argumentativa atua na apresentação de um ponto de vista ou na defesa, ou sustentação, do ponto de vista apresentado e, conforme defendido por Schiffrin (1987), a sustentação consiste no apoio das posições apresentadas.

A sustentação do ponto de vista pode se manifestar de formas variadas no desenvolvimento do enunciado. Entre essas formas, o falante pode apresentar exemplos que

sustentem o ponto de vista, ou ainda apresentar outras formas textuais que se relacionam diretamente com a primeira parte do enunciado a ser argumentado.

Dito isso, nesta dissertação, estamos considerando como partes da função argumentativa o que, no trabalho de Rost (2002), são consideradas como a função exemplificativa e a função causal. A razão para isso reside na própria concepção apresentada por Rost (2002).

Sobre a função exemplificativa, a autora afirma que os marcadores acrescentam informações que particularizam e/ou exemplificam o que está sendo dito pelo falante. No que tange à função causal, a pesquisadora afirma que os marcadores atuam na conexão de duas orações em que, entre elas, uma encerra a causa que acarreta consequência, explicação ou conclusão contida na outra.

Considerando o contexto de sustentação na argumentação, encontramos, nos *corpora* analisados, mais 3 (três) microconstruções: *veja bem*, *veja* e *olha só*. Os exemplos (27), (28) e (29) apresentam, respectivamente, um contexto de uso de cada uma dessas microconstruções.

(27) DOC: E qual é o melhor adubo J* o que você acha? Pra roça
 INF: Ah moço, eu acho a melhor coisa da roça, pra nós que sofremos, *veja bem*, se você é de prioridade você pegar fazer uma análise da terra, da terra porque a análise é o seguinte: ele vai saber que tipo de calcário, porque tem dois tipos de calcário, aqui pra nós mesmo tem o Itapetinga e tem um (palavra inaudível) chapéu. Então *veja bem*, se você não corrigir a terra toda, o adubo que você joga na terra ele não agradece (J.L.P, CLIBA, p. 11).

No exemplo (27), observamos a microconstrução *veja bem* ocorrendo 2 (duas) vezes no mesmo contexto. Inicialmente, o documentador realiza uma pergunta acerca de qual adubo o falante acha que é o melhor. Por meio da resposta apresentada pelo falante, supomos que houve um ruído conversacional em que o falante entendeu a pergunta como “O que você acha do adubo para roça?”.

Em resposta à pergunta hipoteticamente feita, o informante apresenta a sua avaliação que compõe a primeira parte da argumentação: “Eu acho a melhor coisa da roça, pra nós que sofremos”. Em contextos argumentativos, sobretudo informais e orais, é comum a ocorrência de expressões como “eu acho” para marcar a posição do falante acerca do seu ponto de vista. Em seguida, compondo a segunda parte argumentativa, o falante utiliza o marcador discursivo *veja bem* para chamar atenção do interlocutor para a sustentação da argumentação apresentada. Nesse contexto, a sustentação ocorre pela descrição da análise da terra para adubação: “se você é de prioridade você pegar fazer uma análise da terra”.

Entretanto, como é comum nas situações orais de comunicação, o falante realiza uma digressão dentro da sustentação para descrever o que é a análise de terra: “ele vai saber que tipo de calcário, porque tem dois tipos de calcário, aqui pra nós mesmo tem o Itapetinga e tem um (palavra inaudível) chapéu” Após essa digressão parcial, o falante utiliza novamente o marcador discursivo destacado para sustentar a posição de que a análise de terra é necessária para a adubação mais efetiva da terra.

Contextos, como o apresentado em (27), ocorreram 7(sete) vezes nos *corpora* analisados. Em nenhuma das 7(sete) ocorrências, *veja bem* iniciou o turno conversacional ou funcionou cataforicamente para a apresentação do ponto de vista. Em todas as ocorrências, a microconstrução analisada apareceu na sustentação de um ponto de vista já apresentado anteriormente.

Outro *type* que apareceu em contexto de sustentação do ponto de vista apresentado foi o *veja*. Entretanto, em uma produtividade muito menor se comparado a *veja bem* e *olha*, com apenas o registro de 1(uma) ocorrência. O excerto em (28) demonstra essa ocorrência:

(28) DOC: O que você acha da educação em Conquista?

INF: A educação em Conquista tá... tá boa. Eu acho... acho assim um... um... um dos polos de educação na cidade, né? *Veja* que a nossa cidade tem o... o... os cursos mais interessantes que você encontra nas capitais, você encontra aqui, administração, engenharia... (O. S. R., PCVC, p. 19).

No excerto apresentado em (28), o documentador realizou uma pergunta em que é prevista uma apresentação do ponto de vista do interlocutor. A porção textual “o que você acha” denota essa posição. Em resposta ao que foi solicitado, o falante apresenta a posição de que “A educação em Conquista tá ... tá boa”. A fim de sustentar a posição defendida, o falante utiliza o MD *veja* para chamar atenção da segunda parte da argumentação que apresenta a sustentação: “a nossa cidade tem o ... o ... os cursos mais interessantes que você encontra nas capitais”. Nesse sentido, percebemos que o MD utilizado exerceu a função argumentativa, haja vista que a porção enunciativa escopada pelo marcador discursivo *veja* justifica o ponto de vista defendido sobre a educação na cidade de Vitória da Conquista.

O quarto *type* encontrado foi o *olha só* com 3 (três) frequências tokens identificadas nos *corpora*. Esse contexto pode ser visualizado no exemplo a seguir:

(29) DOC: E assim... eh... o que você vê de positivo do seu trabalho é... para o seu curso e do seu curso para seu trabalho? Como que você vê a relação entre os dois assim... em quê que... em que aspectos que um ajuda o outro?

INF: Tem muito a ver com certeza... tem muita coisa a ver, porque *olha só...* Letras né... faço Letras... trabalho numa sala de leitura então tem tudo haver né, uma coisa complementa a outra né, se eu fiz Letras por opção e... eu trabalho numa sala de leitura... que também foi por opção, quando eu saí da sala de aula pra ir pra sala de leitura... foi também uma opção... foi também uma opção né, na época... e... assim com certeza né, tudo aquilo que... eu aprendo no curso né, ou aquela bagagem que eu já tinha eu tento aplicar no... no meu trabalho né ... (R.F.V., PCVC, p. 10).

Em (29), o informante é questionado, entre outras coisas, sobre a correlação entre o curso e o trabalho. Em resposta, o informante topicaliza sua avaliação afirmando que ambas as atividades têm muito a ver. Na sequência, *olha só* chama atenção do ouvinte para a explicação a ser enunciada, relacionando, de forma explicativa e textualmente coesiva, o tópico e comentário da sua manifestação enunciativa.

Destacamos que, nesse subesquema, há uma forte presença da orientação do segmento do discurso nos MDs. Assim, além de contribuírem para a coesão discursiva, de um modo geral, eles contribuem, especificamente, na coesão textual por meio de um sequenciamento explicativo. Ou seja, o marcador discursivo parece introduzir um segmento posterior que está subordinado a um segmento anterior, se aproximando a definição formal apresentada por Fraser (1999) < S1. DM + S2 >, em que S1 seria o sintagma inicial independente e o marcador discursivo se adjunge ao sintagma posterior, S2, relacionando-a a segunda parte enunciativa com a primeira parte e, por consequência, guiando a interpretação do interlocutor. Especificamente, no exemplo mostrado em (13), S1 é representado pela porção textual “tem muita coisa a ver” e o S2 é a porção subordinada a primeira proposição e, nesse caso, é representado por “Letras, né ... faço letras”. Essas duas partes estão vinculadas pelo marcador discursivo destacado que atua pragmaticamente na compreensão dos sentidos manifestados pelo locutor em relação ao seu interlocutor.

Os dados coletados nos *corpora* PCVC, PPVC e CLIBA exibem uma produtividade de 4(quatro) *types olha, veja bem, veja e olha só* com uma frequência *token* de 38 (trinta e oito) ocorrências. Nessa frequência *token*, 27 (vinte e sete) ocorrências foram da microconstrução *olha*; 7 (sete) ocorrências da microconstrução *veja bem*; 3 (três) ocorrências da microconstrução *olha só* e 1 (uma) ocorrência da microconstrução *veja*.

A Tabela 14 apresenta a produtividade do subesquema argumentativo:

Tabela 14 – O subesquema argumentativo

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	Ocorrências	%
Olha	27	71,05
Veja bem	7	18,42
Olha só	3	7,90
Veja	1	2,63
Total	38	100

Fonte: Elaboração própria.

A fim de identificar possíveis regularidades, apresentaremos na Tabela 14 os dados encontrados por Martins (2013). Após isso, como estamos procedendo, teceremos alguns comentários a respeito dos dois dados encontrados nas diferentes pesquisas.

Tabela 15 – O subesquema argumentativo na pesquisa de Martins (2013)

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	Ocorrências	%
Olha	225	73,1
Olhe	1	0,3
Vê	52	16,9
Veja	9	3
Olha só	5	1,6
Olha aqui	2	0,6
Veja bem	14	4,5
Total	308	100

Fonte: Adaptação de Martins (2013, p. 161).

Ao comparar as Tabelas 14 e 15, fica evidente que Martins (2013) apresenta uma quantificação de dados muito maior do que a que conseguimos coletar nos *corpora* selecionados para análise de dados nesta dissertação. Apesar dessa diferença quantitativa, pudemos, de forma genérica, atestar algumas regularidades.

A primeira regularidade obtida é a significativa produtividade da microconstrução *olha* em relação às demais com mais de 70% da frequência *token* em ambos os quadros. Essa produtividade corrobora para a afirmação de que o MD *olha* se apresenta prototipicamente para a função argumentativa.

A segunda regularidade é que desconsideramos o *vê* de nossa análise ao entender que esse elemento se junta ao pronome *vo(cê)* formando a construção [*vo(cê) vê*], os outros dois *types* mais produtivos foram os mesmos em ambos os quadros e na mesma ordem: *veja bem* e *veja*.

A terceira regularidade diz respeito à posição das microconstruções de função argumentativa na estrutura da enunciação. Em 92% das ocorrências, *olha* apareceu

cataforicamente na apresentação do ponto de vista a ser defendido. Contudo, tanto *veja bem* quanto *veja* apareceram apenas em contexto de sustentação do ponto de vista defendido, não aparecendo em nenhum momento no início de turno conversacional, posições semelhantes foram encontradas na pesquisa de Martins (2013), na qual a pesquisadora afirmou que os MDs de base verbal *olhar* aparecem com mais frequência em contextos de opinião do falante, ao passo que MDs de base verbal *ver* aparece com mais frequência em contexto de sustentação de opinião.

5.10 O subesquema discurso reportado

O subesquema discurso reportado consiste nos marcadores discursivos que desempenham, principalmente, a função de introduzir um enunciado reportado em outro contexto enunciativo. Esse enunciado pode ser a retomada de um discurso proferido pelo próprio falante em outro momento, ou ainda, a retomada de um discurso de terceiro que não faz parte da cena enunciativa do documentador e do entrevistado. Por retomar uma enunciação dita no passado, é comum que os trechos em que os marcadores discursivos de discurso reportado atuam sejam narrativos.

Entretanto, os MDs atuantes nesse subesquema não se confundem com os MDs atuantes na função prefaciadora por exibir outras características que os distinguem, embora possam aparecer em contextos narrativos. Martins (2013), ao descrever o padrão em que há ocorrência de MDs desse subesquema, aponta que, frequentemente, esses MDs são acompanhados por verbos *dicendi* (ou sinônimos) ou marcas gráficas tais quais aspas, dois pontos ou travessão.

Nos *corpora* analisados, houve dois *types* presentes no subesquema discurso reportado: *olha* e *viu*. O primeiro *type* teve uma frequência *token* de 11(once) ocorrências. O excerto (30) ilustra esse contexto:

(30) DOC: ...universidade, né? Você acha o estudo interessante e importante por quê?

INF: Sim o estudo hoje em dia ele se faz extremamente necessário na nossa vida, né, porque assim se você almeja algo melhor uma vida estável você preci... necessita do... do estudo inclusive meu pai costuma falar “*olha* você estuda porque ate pra ser gari você precisa de curso superior hoje em dia”... (C., PCVC, p. 6).

Na ocorrência apresentada em (30), o documentador pergunta sobre a opinião da informante em relação à importância do estudo. Em resposta ao que foi perguntado, a falante

apresenta seu ponto de vista de que “Sim o estudo hoje em dia ele se faz extremamente necessário na nossa vida”. A fim de sustentar a argumentação apresentada, a falante traz à cena enunciativa um discurso reportado de um terceiro, nesse contexto, o pai da informante.

O discurso reportado é introduzido pelo marcador discursivo *olha* que marca o início da fala do terceiro: “*Olha* você estuda porque ate para ser gari você precisa de curso superior hoje em dia”. Contextualmente, esse marcador discursivo é antecedido pelo verbo *dicendi* falar, além da presença do sinal gráfico de aspas, o que corrobora para a categorização de marcadores discursivos, como em (30), no subesquema discurso reportado.

Em nossos *corpora*, encontramos também a presença do *viu* em uma situação de discurso reportado. Embora esse marcador discursivo não tenha representado a introdução do discurso reportado, apareceu no final do segmento discursivo, simulando, prototipicamente, a função de busca de aprovação discursiva característica de *viu*. Vejamos:

(31) INF:[...] tinha um desenvolvimento bom, aí o pessoal de Ituaçu me chamou pra disputar o campeonato de lá, campeonato de Ituaçu. Aí eu ia na sexta-feira, saa na sexta chegava lá brincava com o pessoal com o time de lá pra entrosar, pegar o entrosamento com o time na sexta, pra jogar no domingo, então fui, saí daqui na sexta e sempre falava “oh fica direito lá *viu*, fica direitinho”, ele sempre tinha essa preocupação com a gente e a gente tinha um respeito muito grande, então “fica direito lá”, aí falei “tá bom pai”, e aí a gente foi. (E.L.A., p.15, CLIBA).

No contexto apresentado em (31), observamos um típico contexto de discurso reportado. Há uma narrativa que pode ser identificada por meio do paralelismo verbal do passado “olhava”, “fui”. Nesse processo, o falante utiliza o verbo *dicendi* para iniciar um discurso reportado, representado graficamente pelas aspas. Nessa porção reportada, observamos a presença da construção *viu* exercendo a mesma função que, normalmente, desempenha em situação conversacional: busca de aprovação discursiva para manutenção do fluxo conversacional. Nesse contexto, o falante retoma a fala de um interlocutor que não está presente na cena enunciativa transcrita. Esse interlocutor enunciou o segmento utilizando o MD *viu*, que foi reportado, ou supostamente reportado, na íntegra pelo falante.

Salientamos que não encontramos em outras pesquisas o *viu* presente no discurso reportado e em nossos *corpora*, encontramos apenas 5 (cinco) ocorrências desempenhando essa função. Assim, estudos mais aprofundados devem ser realizados a fim de atestar, de forma enfática, a funcionalidade desse MD nessa função. Entretanto, apesar da baixa produtividade, esses dados foram colhidos em *corpora* de diferentes cidades da região sudoeste da Bahia, conforme mencionamos anteriormente, em Ibicoara e em Vitória da Conquista.

A presença desse *type* em cidades distintas pode ser um indicativo da funcionalidade dessas construções, apesar do baixo índice de produtividade, pois conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013], a frequência não é considerado um fator, dado que “frequência suficiente” não é operacionalizável. Logo, apesar da frequência de uso contribuir para o estabelecimento de novas construções e novos nós na rede linguística por meio de processos e mecanismos de domínios gerais, o fator produtividade não é o único critério adotado para esse fim.

A Tabela 16 demonstra a produtividade do subesquema discurso reportado em nossos *corpora*:

Tabela 16 – O subesquema discurso reportado

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	Ocorrências	%
Olha	11	68,75
Viu	5	31,25
Total	16	100

Fonte: Elaboração própria.

Em seguida, apresentamos a Tabela 17 que demonstra a produtividade do subesquema discurso reportado na pesquisa de Martins (2013):²⁶

Tabela 17 – O subesquema discurso reportado na pesquisa de Martins (2013)

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	Ocorrências	%
Olha	184	99,5
Olha aqui	1	0,5
Total	185	100

Fonte: Adaptado de Martins (2013, p. 179).

Mais uma vez, apesar da diferença significativa no que diz respeito à quantidade de dados coletados nas duas pesquisas, observamos algumas regularidades. Primeiro, o baixo número de *types* que compõe esse subesquema. Segundo, a elevada taxa de produtividade do marcador discursivo *olha* em ambas as pesquisas. Desse modo, podemos afirmar que, nesse subesquema, *olha* se apresenta prototipicamente como o exemplar da função discurso reportado. Com relação ao Princípio da Iconicidade, conforme já discutimos, o *olha* apresenta-se como uma estrutura menor, que exige menor esforço cognitivo e frequência maior, fatores que nos levam a caracterizá-lo como mais marcado.

²⁶ Para uma melhor visualização, a Tabela 17 pode ser visualizada integralmente na página 124.

5.11 O subesquema busca de aprovação discursiva

A categorização desse subesquema consiste na definição apresentada por Urbano (1999) sobre uma das funções dos marcadores discursivos²⁷. No que diz respeito à função de busca de aprovação discursiva, o pesquisador afirma que se trata de uma espécie de pergunta retórica, que abre expectativa de “resposta”, mas apenas no nível pragmático. (Urbano, 1999). Em pesquisa mais recente, Guerra (2007) acrescenta que a utilização desses marcadores constitui uma solicitação do falante em relação ao seu interlocutor para que lhe seja dada aprovação para o seguimento do discurso.

No que diz respeito ao contexto formal em que os marcadores discursivos que desempenham essa função atuam, Urbano (1999) descreve que eles aparecem em final de contexto entoacional, podendo representar a passagem de turno conversacional e, ainda, são acompanhados por contexto de pausa. Também, esses marcadores podem vir anteceditos ou precedidos por “marcador de apoio ou atenção”, como “ahn ahn”. Esses marcadores de apoio ou atenção são denominados por Guerra (2007) como *feedbacks* e dizem respeito aos elementos enunciados pelo interlocutor ouvinte em direção ao falante como sinalização do prosseguimento e acompanhamento da enunciação.

Nos *corpora* analisados, encontramos apenas 1(um) *type*, o *viu*, que constitui o subesquema busca de aprovação discursiva. Na pesquisa de Guerra (2007), entre os marcadores discursivos que desempenham esta função, a pesquisadora identificou apenas o *viu* como MD de base verbal visual. Essa semelhança entre as duas pesquisas pode ser indicativo de um padrão em que o *viu* se comporta como elemento prototípico da função de busca de aprovação discursiva.

No que diz respeito à frequência *token*, obtivemos uma quantidade de 129 (cento e vinte e nove) ocorrências. Esse número representa uma alta produtividade desse marcador discursivo entre a amostra de dados da língua em uso selecionados para análise. Entre essas ocorrências, 39 (trinta e nove) apareceram em posição final do enunciado ou encerramento de turno, ao passo que 90 (noventa) ocorrências apareceram em posição medial no turno conversacional. Observemos um contexto em que o marcador discursivo ocorre em posição medial:

(32) DOC: E teve, assim, teve alguma cidade que você gosta e que você moraria?

INF: Olha, eu preciso conhecer bastante aqui ainda, *viu?*, Eu não tenho assim uma cidade em mente agora, não. Pra falar assim “Ah, eu moraria”, mais... Ah

²⁷ No texto original, Urbano (1999) utiliza a terminologia marcador conversacional.

aqui na Bahia tem vários lugares que são bons para se viver. (I. S., CLIBA, p. 5).

No excerto (32), o documentador pergunta à informante acerca da preferência de cidade e moradia dela. Entretanto, antes de mencionar qualquer resposta mais direta, a informante prefacia sua resposta destacando que “eu preciso conhecer bastante aqui ainda”. Após essa porção enunciativa prefaciadora, a informante utiliza o MD *viu* para manter o fluxo conversacional na busca de aprovação do seu interlocutor e, também, para colocar em relevo a porção enunciativa imediatamente anterior ao uso desse marcador discursivo.

É importante destacar que, diferentemente de todos os outros MDs analisados dentro do padrão construcional $[V_{pv}(adv)]_{MD}$, *viu* se comporta de forma anafórica, ou seja, faz menção a uma parte já enunciada no texto. A esse respeito, compreendemos estar atuando o Princípio da Persistência (Hopper, 1991), haja vista que atuam, nesse MD, traços semânticos da desinência temporal. De outro modo, essa menção anafórica ao qual é caracterizado marcador discursivo *viu*, deve-se aos traços morfêmicos de tempo, considerando a base verbal *ver*.

O MD *viu* também apresentou uma característica que o difere dos outros MDs. Entre os *types* analisados, esse *type* foi o único que ocorreu no encerramento de turno conversacional. O aparecimento desse marcador em cotextos mediais e finais não são casuais, mas reflete características coesivas textuais e, também, pragmáticas. No que tange à posição dos MDs, Traugott (2022) descreve que há uma tendência translinguística de assimetria funcional entre os marcadores discursivos que ocupam a periferia esquerda do enunciado, ou posição inicial, e os que ocupam a periferia direita do enunciado, ou posição final do enunciado. De acordo com a pesquisadora, MDs em posição inicial tendem a escopar porções discursivas maiores e contribuem para a coerência discursiva, incluindo funções como a mudança de tópico ou desalinhamento entre ideias expressas no discurso precedente. Já na posição final, Traugott (2022) destaca que os MDs tendem a escopar porções discursivas imediatamente anteriores ao uso do MD e, portanto, menores. Funcionalmente, eles contribuem para renegociação do efeito da força ilocucionário do enunciado, mas também pode explicitar links entre porção textual retrospectiva.

Os dados encontrados em nossa pesquisa vão ao encontro da tendência apontada por Traugott (2022). Cotextualmente, identificamos a presença de *viu* sobretudo em porções textuais narrativas em que o autor abre um parêntese para enunciar um comentário ou opinião sobre o fato narrado, ou ainda em cotextos de solicitação de opinião do falante sobre

determinado tema em que o MD escopa o ponto de vista do indivíduo. Observemos o exemplo de *viu* em posição final do enunciado:

(33) DOC: Sua mãe?
 INF: Mãe era braba...
 DOC: {risos}
 INF: ... mãe era braba, *viu*?
 DOC: Ela te batia? (E.L.C., PPVC, p. 8).

No contexto apresentado em (33), observamos uma sequência de trocas de turnos conversacionais. Ao ser provocada a comentar sobre a mãe, a informante descreve que a mãe era braba, manifestando subjetivamente o ponto de vista da falante em relação a mãe dela. Em resposta, a documentadora deu risada como *feedback*. Interacionalmente, este retorno que a documentadora ofereceu à informante em relação a descrição da mãe fez com que a falante redirecionasse o efeito pretendido pela enunciação repetindo o enunciado e utilizando o MD para alterar a força ilocucionária da porção textual.

Ainda, a utilização do MD *viu*, além de funcionar como marcação de relevo do conteúdo anteriormente enunciado “mãe era braba”, funciona também como encerramento do turno conversacional. Nesse sentido, o interlocutor toma o turno conversacional, mantendo o fluxo da conversação, agora, com uma nova pergunta baseada na resposta que o entrevistado forneceu.

É interessante evidenciar o funcionamento desse marcador discursivo enquanto um conector textual e interacional. Guerra (2007) descreve que as posições iniciais, mediais e finais representam funções da articulação textual. Nesse sentido, ao aparecer no encerramento do turno conversacional, o MD analisado funciona como uma forma de pontuação: ponto final para a enunciação do falante, mas ponto continuativo para que o interlocutor possa permanecer mantendo a interação conversacional.

Ainda, o contexto (33) ilustra uma certa recorrência em que o MD *viu* ocorreu. Em pouco mais de 20% dos *tokens* coletados, o MD se junta a uma repetição. Tal como os marcadores discursivos, a repetição é um importante recurso utilizado na modalidade oral e, segundo Marcuschi (2003), funciona como uma estratégia de composição textual e condução do tópico. A presença de *viu* em contextos com repetição para evidenciar, ainda mais, o caráter “explicitativo” dessa construção. Ao repetir o tópico discursivo, o falante, entre outras coisas, realça a importância dessa informação ao interlocutor. O uso do MD *viu*, reforça, com maior ênfase, o que o falante quer explicitar ao seu interlocutor, nesse contexto, “minha mãe era brava”.

Outro aspecto a ser considerado é que, na coleta de dados, *viu* não ocorre, a rigor, com o ponto de interrogação, evidenciando uma pergunta retórica. Em 68,75% dos *tokens*, não houve o uso de marca de interrogação. Porém, o uso ou não da interrogação não parece comprometer a função de busca de aprovação discursiva, pois, como salientou Sambranna (2017), essa construção apresenta uma forte tendência a impoção de entonação. Isso posto, vejamos a Tabela 18 em que é mostrada a produtividade do MD *viu* na função busca de aprovação discursiva.

Tabela 18 – O subesquema busca de aprovação discursiva

FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	
	Ocorrências	%
Viu	129	100

Fonte: Elaboração própria.

Conforme apresentado na Tabela 18, esse subesquema instanciou apenas uma microconstrução de base verbal *ver*. Nos outros subesquemas, o padrão de produtividade consistia nas construções verbais de base *olhar*. Por fim, nesse subesquema não podemos compará-lo, no que diz respeito à produtividade, às outras pesquisas por não encontrarmos dados para esse subesquema. Entretanto, pesquisas como a de Guerra (2007) e Sambranna (2017) atestam a funcionalidade do *viu* enquanto marcadores discursivos sob essa função.

5.12 O subesquema *feedback*

Nos *corpora* analisados, identificamos 5(cinco) ocorrências de MDs de base perceptivo visual em posição de *feedback*. Conforme Guerra (2007), o *feedback* é complementar à busca de aprovação discursiva e expressa uma nítida orientação do ouvinte em relação ao falante através de uma manifestação de acompanhamento atencioso da fala do interlocutor. Nas pesquisas investigadas que serviram de fundamentação para esta dissertação, não identificamos menção aos MDs de base verbal *olhar* e *ver* nessa função. Se, por um lado, as 5 (cinco) ocorrências encontradas em nossa pesquisa não são suficientes para a identificação de produtividade e sistematização desse MD no referido contexto; por outro lado, essas ocorrências apresentam indícios de nova posição desses MDs desempenhando uma função pragmática diferente. Vejamos dois contextos:

(34) INF: Essa pergunta é um pouco difícil de responder, viu? Mas eu vou tentar responder.

DOC: *Viu* (risos)

INF: Assim como nosso país é um país rico, todos nós temos consciência disso, como nosso país é um país rico e ao mesmo tempo um país miserável, miserável que eu digo assim em relação à distribuição de renda. (E.A.A., CLIBA, p. 25).

No contexto apresentado em (34), o informante utiliza o MD *viu* não destacado para marcar sua posição diante do que foi questionado. Nesse movimento subjetivo, o falante utiliza intersubjetivamente o MD *viu* para checar o acompanhamento do interlocutor e estreitar sua posição mais subjetiva junto ao documentador. Em resposta, o documentador utiliza o MD destacado para dar um *feedback* positivo de acompanhamento interacional, inclusive, o informante mantém o turno conversacional e desenvolve seu raciocínio em relação ao que foi perguntado.

Outro *type* coletado desempenhando a função de *feedback* foi *olha aí*. Vejamos:

(35)DOC: Conheço, conheço.

INF: Aí Adélio veio passô a mão no meu cabelo e disse eita tá mais branco que o meu Adélio e um cara de Livramento vendo um alho e uma manga e eu comprano aí ele pegou também e esse ispertim aí o rapaz que me conhecia disse ele foi vereador aqui há muito tempo... ah, foi contra mim ele era contra mim, mas assim todo projeto que era bom pro povo ele aprovava... DOC: *Olha aí...* INF: Ai eu fiz um projeto pro ordenado dos professores... eu sei que ele não fazia isso de jeito nenhum pedia aumento pra eles, mas não abaixá o salário dos professores não pode... DOC: Não pode... (M.A.O, CLIBA, p. 23).

No excerto exposto, está denotado que o informante expõe, em sua narrativa, a posição de que o colega vereador era uma oposição política. Contrariando ao esperado, o informante relata que o referido vereador aprovava bons projetos. Nesse momento, o documentador manifesta seu comprometimento com o que está sendo enunciado e marca sua participação com o *feedback olha aí*. Destacamos, entretanto, que esse marcador é [+ marcado] em relação a *viu*, por demonstrar uma frequência menor e uma complexidade estrutural e, consequentemente, cognitiva maior.

Além da marcação de *olha aí* em relação ao *viu*, defendemos que *olha aí* apresenta gradiências pragmáticas que diferem de *viu*. O *slot* desse MD é preenchido pelo afixoide *aí* que, embora esteja entrincheirado como um todo ao MD, apresenta traços semânticos de seu sentido adverbial de algo próximo ao ouvinte. Ainda, conforme Sambranna (2017), *olha aí* parece sinalizar um pensamento inesperado. Aqui, ampliamos esse conceito para uma conclusão inesperada como foi demonstrado no último fragmento transcrito. Dessa forma, o documentador manifesta, para além de sua participação no fluxo conversacional, sua posição

de surpresa em relação ao que foi dito pelo informante. A Tabela 19 demonstra a produtividade desse subesquema, como podemos visualizar:

Tabela 19 – O subesquema *feedback*

FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	
	Ocorrências	%
Viu	3	60
Olha aí	2	40
Total	5	100

Fonte: Elaboração própria.

Nessa Tabela, podemos constatar que o subesquema *feedback* apresentou baixa produtividade seja na frequência *type* ou na frequência *token*. Entretanto, hipotetizamos que essas ocorrências não estão em um estágio inicial de mudança linguística, mas já se apresentam como um novo nó na rede pois esses dados foram coletados entre diferentes informantes de cidades distintas. Contudo, para uma análise mais robusta, mais dados precisam ser coletados.

5.13 O subesquema interjetivo

O subesquema em que estão agrupados os marcadores discursivos que atuam pragmaticamente de modo interjetivo representou pouco mais de 2% de frequência de ocorrência. Com base em Martins (2013), entre as características desse subesquema está, no polo funcional, uma função fática exclamativa que denota o sentimento do falante e, no âmbito formal, é possível ser sucedido por uma sequência avaliativa.

Marcadores discursivos situados nesse subesquema desempenham, majoritariamente, função de orientação da interação. Em vista disso, o falante manifesta ao seu interlocutor os sentimentos obtidos através da enunciação do outro, regulando, assim, a interação entre os falantes, demonstrando um acompanhamento atencioso acerca do que está sendo dito. Urbano (2006) afirma, entretanto, que concomitantemente com a função interacional, esse subesquema também atua no sequenciamento tópico.

A Tabela 20 demonstra a produtividade deste subesquema.

Tabela 20 – O subesquema *interjeição*

FREQUÊNCIA <i>TYPE</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	
	ocorrências	%
Olha	7	100
Total	7	100

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 20 expõe o único *type* identificado em nossos *corpora* desempenhando a função de interjeição, representado pela microconstrução *olha*. A partir da frequência *token* e *type* podemos afirmar que este subesquema não se mostrou produtivo na língua em uso do sudoeste baiano. Vejamos um exemplo:

(36) INF: Ah, minha *fia*, tudo que a gente fazia era uma surra...se a gente ia pra rua e demorava era uma surra, a gente ia pro quintal...ia lavar roupa nos rios, demorava, ficava tomando banho, mergulhava...mergulhava, enchia o ouvido de água, chegava mãe batia, a gente ia pra os rios, aí de repente, no quintal de [padim Antide] tinha muita laranja, a gente chupava uma, aí...não lavava a boca, já chegava ela sentia que *tava* chupando laranja e perguntava “Quem deu?” ...

DOC: *Olha!*

INF: ...aquelas laranja tangerina, aí eu falava: “[padim Antide].”, ela saía lá na casa e procurava ele...se ele falasse que era verdade, tudo bem. Se falasse que era mentira, era uma surra, porque a gente não podia pegar nada de ninguém. Se eu ganhasse uma bala na rua, não podia chupar antes de ir pra casa e perguntar pra ela e falar quem deu...e aí, se não, apanhava... E eu brigava muito mais os meninos na rua... (L.S.X., CLIBA p. 26).

O excerto ilustrado em (36) demonstra uma longa sequência narrativa enunciada pela informante da entrevista sociolinguística. A utilização de verbos no passado como “fazia”, “demorava”, “chegava”, entre outros, explicita o teor narrativo dessa parte da conversa. No contexto (36), a informante descreve a infância severa em que em tudo o que ela fazia era motivo para uma surra.

O ápice da rigidez com a qual a mãe da informante a tratava ocorreu na parte narrada em que até o cheiro da laranja na boca da informante era motivo para desconfiança da mãe. Nesse ponto da interação, a documentadora utiliza o MD *olha*, cuja entoação prosódica diferenciada é registrada pela exclamação, para manifestar, provavelmente, surpresa com o que fora dito. A manifestação de surpresa por parte da documentadora demonstra um acompanhamento atencioso com o que está sendo enunciado por parte da interlocutora, podendo levar ao leitor a pensar que esse MD atua pragmaticamente como *feedback*. Entretanto, a exclamação reitera o traço proeminente de demonstração de sentimento com o que está sendo

dito. Ademais, de forma secundária, não há restrição para que este MD atue concomitantemente como uma sinalização de atenção do ouvinte para o que está sendo veiculado pelo falante.

A Tabela 21 apresenta a produtividade do subesquema da interjeição na pesquisa de Martins (2013).

Tabela 21 – O subesquema interjeição na pesquisa de Martins (2013)

FREQUÊNCIA TYPE	FREQUÊNCIA TOKEN	
	ocorrências	%
Olha	79	68,6
Vê	12	10,4
Veja	4	3,5
Olha só	8	6,9
E olhe lá	4	3,5
Mas olha	3	2,6
Olha aí	1	0,9
Pois olha	1	0,9
Olha bem	1	0,9
Vê lá	1	0,9
Vê só	1	0,9
Total	115	100

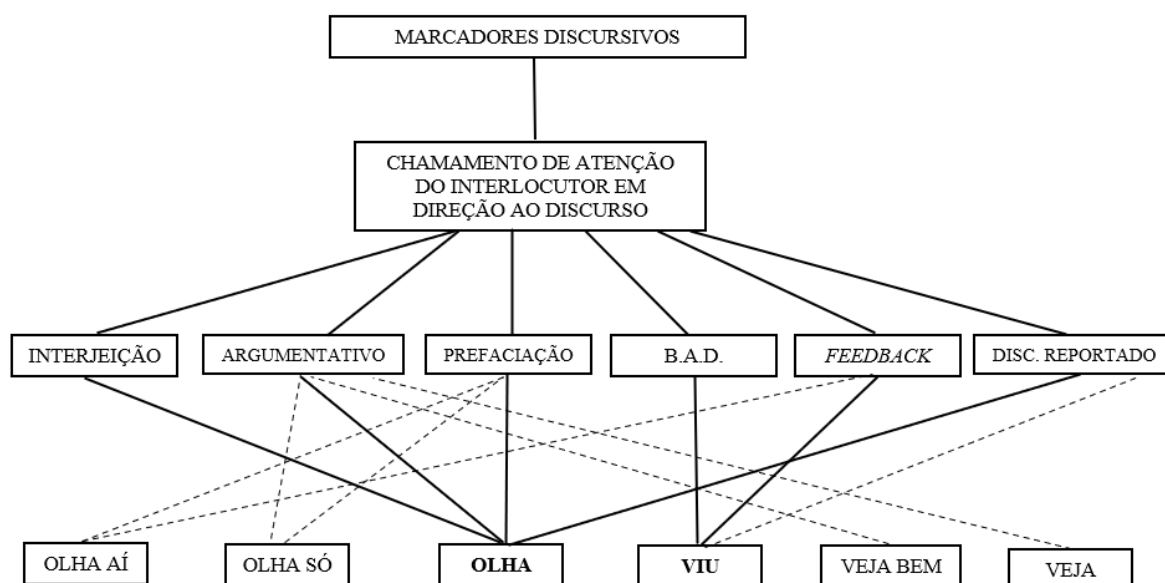
Fonte: Adaptado de Martins (2013, p. 185).

A produtividade desse subesquema na pesquisa de Martins (2013) foi significativamente maior seja no âmbito de ocorrências quanto no âmbito de tipos diferentes que compõem este subesquema. Hipotetizamos que isso ocorre devido ao tamanho dos *corpora* de Martins (2013) que é maior que o selecionado para nossa pesquisa. Ainda, Martins (2013) trabalha com um padrão construcional maior que o nosso. Em nossa pesquisa, por exemplo, não contemplamos *types* como *e olhe lá*, *pois olha* e *mas olha*.

Ainda que este subesquema seja produtivo na dissertação de Martins (2013), a frequência de uso de *olha* é superior aos demais MDs somados. Assim, considerando os dados encontrados em nossa pesquisa e na pesquisa de Martins (2013), afirmamos que *olha* é o marcador discursivo prototípico do subesquema interjetivo.

5.14 A visão pragmática de rede dos marcadores discursivos

A análise de dados e categorização dos marcadores discursivos a partir de suas similaridades pragmáticas nos levou à produção da rede esquemática simbólica que pode ser vista na Figura 11

Figura 11 – A rede pragmática dos marcadores discursivos

Fonte: Elaboração própria.

A visualização da rede simbólica dos marcadores discursivos a partir de suas características pragmáticas visualizadas na Figura 11 nos permite depreender algumas constatações.

Começaremos as constatações pela afirmação de que o grupo pragmático dos marcadores discursivos foi produtivo no vernáculo de nossos *corpora*. Ao pensar nesse grupo pragmático, em sua configuração mais abstrata, há o domínio funcional dos marcadores discursivos. Nessa instância simbólica, as características pragmáticas desse grupo ainda são pouco definidas, sendo agrupadas apenas na função de marcação do discurso. Essa função pode ser instanciada no sistema linguístico por diversas funções pragmáticas mais específicas.

Os marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* desempenham a marcação do discurso por meio do chamamento de atenção do interlocutor em direção ao discurso. Essa função pode ser percebida em todos os *tokens*, pois, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), cada nó herda propriedade de seus nós dominantes. Assim, ainda que as microconstruções *olha aí* e *veja* sejam de bases verbais diferentes e pertençam a subesquemas distintos, as duas microconstruções apresentam a função discursiva disposta no esquema (nó dominante) de chamamento de atenção.

Naturalmente, entre o esquema e a microconstrução, há um nível esquemático intermediário: o subesquema. Nesse nível, é possível a identificação de propriedades pragmáticas presentes no polo do sentido dos marcadores discursivos. A extensão do esquema

em seis subesquemas nos permite ratificar o que foi posto nesta dissertação de que os marcadores discursivos são produtivos no sistema linguístico.

Cada subesquema, embora estejam vinculados ao esquema pela capacidade de chamamento de atenção, apresenta especificações típicas de seu nível intermediário. Assim, i) o subesquema interjeição chama atenção do ouvinte através de uma manifestação de sentimento; ii) o subesquema argumentativo chama atenção do interlocutor cataforicamente para uma porção textual que corrobora para a defesa de um ponto de vista ou avaliação do falante, agindo, além de forma interacional, textualmente; iii) o subesquema prefaciação atua na chamada de atenção para o que vai ser enunciado através da sinalização de tomada de turno conversacional ou manutenção desse turno para planejamento verbal; iv) o subesquema busca de aprovação discursiva, representado na rede pela abreviação B.A.D., atua coesivamente na regulação interacional entre os participantes do discursivo através da checagem do falante em direção ao ouvinte sobre a participação interacional do parceiro conversacional; em contrapartida, v) o subesquema *feedback* também atua na coesão interacional entre os parceiros, mas a partir da perspectiva do ouvinte que manifesta o acompanhamento interacional do interlocutor; vi) o discurso reportado representa a enunciação em tempo passado da narrativa manifestada pelos interlocutores interacionais, ou ainda, de um terceiro enunciador que não está presente na conversa.

Esses subesquemas instanciam, em um nível mais específico, microconstruções que são preenchidas morfofonologicamente e que são bem delimitadas pragmaticamente. Nesse nível da rede simbólica, os elos entre microconstruções e subesquemas foram representadas de duas formas: as linhas contínuas representam *types* que foram considerados prototípicos no subesquema devido à alta frequência de ocorrência. Já as linhas pontilhadas representam os *types* que fazem parte do subesquema, mas em uma produtividade de ocorrência menor.

A partir da prototipicidade dos MDs considerando a frequência *token*, podemos constatar que os MDs *olha* e *viu* são os marcadores prototípicos na categoria dos marcadores discursivos. Por isso, eles estão destacados em negritos. Em quatro subesquemas *olha* foi o mais produtivo, a saber: interjeição, argumentativo, prefaciação e discurso reportado. *Viu* foi o mais produtivo em dois subesquemas: busca de aprovação discursiva e *feedback*. Por serem elementos centrais na categoria dos MDs, defendemos que (novos) *types* são inseridos na rede por meio de similaridades com esses dois *types*.

6 MARCADORES DISCURSIVOS E O ENSINO BÁSICO

As pesquisas teóricas desenvolvidas no âmbito acadêmico têm como um de seus objetivos a fundamentação científica para a prática docente no ambiente escolar ou em qualquer outra esfera de ensino. Dessa forma, entendemos que deva haver um diálogo contínuo entre as pesquisas teóricas realizadas nas universidades e a prática docente, pois, conforme Oliveira (2010), um princípio fundamental para o ensino é o vínculo entre teoria e prática linguística. E sobre essa questão, as universidades e as pesquisas que são realizadas muito podem e devem contribuir com outros espaços.

Nesta dissertação, além de buscarmos responder as questões-problema apresentadas na seção introdutória, a saber: quais as regularidades, formais e funcionais, que caracterizam a construção dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* no padrão construcional $[V_{pv} (adv)]_{MD}$? E como se constitui a rede taxonômica desses marcadores discursivos?, esperamos oferecer subsídio teórico para as discussões nas aulas de língua portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento das competências linguísticas, especificamente no que diz respeito a alternativas de uso ou, quiçá, o uso adequado dos marcadores discursivos.

A fim de discutir sobre as possibilidades de ensino do objeto investigado, dispomos, nesta seção, da subseção 6.1, em que descreveremos brevemente sobre a prática escolar e a modalidade da língua escolhida para a aprendizagem e o que os documentos prescritivos tais como a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) sugerem para o ensino. Feito isso, na seção 6.2, sugerimos, brevemente, de que maneira os professores podem discutir os marcadores discursivos em sala de aula.

6.1 O ensino básico e os documentos normativos

Iniciaremos esta subseção com uma proposição demasiadamente redundante: todo brasileiro fala português. Salvo questões de atipicidade neuromotora e alguns povos originários isolados, qualquer indivíduo do norte ao sul do país, independentemente do *status* socioeconômico ou de outras variáveis externas, é capaz de estabelecer comunicação com outro indivíduo perfeitamente.

Entretanto, curiosamente, há, consciente ou inconscientemente, a concepção, por parte dos próprios falantes do português brasileiro, de que os indivíduos brasileiros não sabem, ou

sabem parcialmente, falar a sua língua materna²⁸. Mais ainda, é comum ouvir relatos de alunos reclamando que as aulas de português são difíceis, maçantes, entediantes e que, em alguns momentos, eles parecem estar diante de uma outra língua não falada por eles.

Ora, por que parece haver um distanciamento do que é ensinado nas aulas de língua portuguesa e a língua falada pelos alunos? Para tentar responder esse possível distanciamento entre a língua em uso e a língua ensinada nas escolas, apresentaremos, no decorrer do texto, algumas justificativas que corroboram para esse distanciamento.

A primeira justificativa reside no entendimento da variável linguística ensinada nos domínios escolares. É inegável que há, no português brasileiro, assim como em qualquer outra língua natural, variação linguística. Tais variações são motivadas por pressões intra e/ou extralinguísticas. Assim, nas numerosas localidades do nosso país continental, nas variadas faixas etárias, nos distintos graus de escolaridade, nas variadas camadas sociais, entre outros fatores, encontram-se diferentes falares da nossa língua.

Entre as diversas variantes possíveis, é eleita para o ensino regular a variante padrão. Conforme Castilho (2014), as sociedades são restritivas a respeito desse tema, elegendo uma variante, a culta, e discriminando a variante popular. O Estado e a escola, atentos a esse fato, tendem a privilegiar a norma padrão, considerando-a como instrumento de ascensão social.

Contudo, deve-se ressaltar que a variável padrão adotada para o ensino se deu a partir da seleção da variável de prestígio eleita pelas camadas de elite do país. Essa variável de prestígio tomou como base os textos escritos de autores portugueses. Nesse sentido, na sua gênese, a variável padrão da nossa língua materna ensinada na escola já apresentava um distanciamento com o vernáculo das camadas menos privilegiadas socioeconomicamente.

A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2005) afirma que o prestígio associado ao português-padrão se deve a um valor cultural arraigado em nossa herança colonial. A linguista, ainda, afirma que a escola é norteadora para o ensino dessa cultura hereditária dominante, considerando tudo o que desvia da norma padrão como defeituoso. Isso, conforme a autora, provoca efeitos perversos de desigualdades sociais, uma vez que são desconsiderados antecedentes culturais dos alunos, contribuindo para uma insegurança linguística. Acrescentamos que tais atitudes provocam efeitos perversos, ao tempo em que refletem efeitos perversos estruturalmente fortalecidos.

²⁸ Oliveira (2010) descreve que, no primeiro dia de aula do ensino superior do curso de Letras, ao perguntar os novos alunos se eles sabem falar o português, a maioria responde que não sabe ou que sabe parcialmente.

Outro aspecto a ser descrito é que a variável considerada como padrão era ensinada por meio de prescrições gramaticais, o que conhecemos como a gramática normativa, que, conforme Bortoni-Ricardo (2005), é uma gramática com finalidade pedagógica voltada ao ensino do bem falar e do bem escrever. Ressaltamos que não questionamos a importância da gramática normativa para qualquer ensino de língua com o propósito de que os estudantes se apropriem, para além das normas que possuem, da norma culta, mas destacamos que, metonimicamente, o termo gramática normativa foi popularmente substituído por gramática e esse termo, polissêmico, foi assimilado à língua. Assim, saber a língua portuguesa vira sinônimo de saber gramática e vice-versa.

Como resultado, popularizou-se a crença equivocada de que o brasileiro não é um bom falante de sua própria língua, uma vez que a língua é sinônimo de gramática normativa, que, por sua vez, prescreve normas a respeito de uma variante distante do popular e da forma que, efetivamente, a maioria dos brasileiros utiliza a língua materna. Adjunge-se a essa concepção, a maneira como os docentes, a rigor, ministravam as aulas da língua portuguesa a partir de uma concepção que compreende a língua em partes isoladas.

De acordo com Oliveira (2010), a maneira como um profissional concebe a língua influencia na maneira como ele a ensina. Considerando a forte tendência estruturalista da primeira metade do século XX, em que a língua era vista como um sistema autônomo e, portanto, analisado a partir de sua própria estrutura, tornou-se comum, no contexto de sala de aula, o ensino da norma padrão a partir de nomenclaturas gramaticais em um exercício de memorização de termos e classes gramaticais em detrimento de uma análise linguística a partir das situações reais de interação.

Considerando o insucesso do ensino da língua pautado, muitas vezes, em nomenclaturas gramaticais e a partir de um ensino descontextualizado de uma norma padrão que apresenta estruturas diferentes do português brasileiro falado, houve, nas últimas décadas, uma tentativa de reaver o modo como a língua deve ser ensinada em sala de aula. Inclusive, dispomos, atualmente, de documentos normativos como a BNCC que sugerem os caminhos a serem percorridos no ensino de língua. Na próxima subseção, apresentaremos algumas concepções presentes nesse documento e como os marcadores discursivos podem ser discutidos em sala de aula.

6.1.1 Os documentos normativos

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que apresenta o conjunto de aprendizagens essenciais de qual todos os alunos do ensino regular devem passar (Brasil, 2018). Esperamos, por meio das diretrizes dispostas nesse documento, a construção de uma educação de qualidade por meio de desenvolvimento de competências gerais que supere a fragmentação de políticas educacionais ao redor do Brasil.

O desenvolvimento de competências corrobora para a formação de um sujeito crítico, ciente das diferenças e diversidades, atuante e participativo na sociedade moderna, capaz não apenas de absorver informações, mas discerni-las criticamente por meio de tomadas de decisão conscientes. Essas competências mais gerais compõem-se, também, de competências mais específicas dispostas em cada área de ensino.

Sobre a área de linguagens, encontra-se, na BNCC, uma concepção da linguagem enunciativa discursiva. Conforme descrito no texto-base, essa concepção caracteriza-se por entender a linguagem como uma forma de interação interindividual voltada a uma finalidade específica a partir de práticas sociais distintas. Outro aspecto considerável presente nesse documento é que o texto passa a ser assumido como central nas propostas de trabalho, considerando-o sempre junto ao contexto através de diferentes práticas linguísticas.

Esse entendimento linguístico descrito na BNCC converge para o desenvolvimento de competências específicas como a compreensão das línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressão humana, além de agir no enfrentamento de qualquer tipo de preconceito (Brasil, 2018).

Considerando o que foi apresentado até então nesta subseção, notamos uma nova postura teórica referente à prática docente no contexto atual se comparado aos primeiros anos do século passado. Propõe-se, hoje, um ensino de português que expanda os domínios dos textos impressos e situe a língua junto aos diversos contextos em que ela se insere, bem como as suas diferentes variações, preterindo o ensino purista de nomenclatura gramatical para uma análise linguística situada nos sentidos do uso.

Essa nova concepção de ensino, no entanto, não é exclusividade da BNCC ou dos anos finais do século atual. Desde a década de 1980, conforme Castilho (2014), se discute novas propostas de ensino. Além disso, outros documentos acerca do Ensino adotam uma perspectiva funcional da língua para o ensino regular e foram referências para a elaboração da BNCC, como

a LDB/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Entre esses documentos, nos PCN, por exemplo, é identificado como um possível problema um ensino descontextualizado e fragmentado. A fim de superar essa problemática, os PCN propõem uma nova proposta educacional voltada à significação do conhecimento escolar por meio de um ensino contextualizado e interdisciplinar. Essa proposta adequa-se ao novo contexto social e global a qual estamos inseridos de rápida transformação e velocidade de informação. Desse modo, busca-se uma formação do aluno a partir de competências gerais em que os permitam criar, desenvolver e analisar informação, em detrimento do exercício de memorização do “velho” ensino.

Na área de Linguagens, encontramos, nos PCN, que a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido. Conforme descrito no documento, essas produções de sentidos ocorrem nas práticas sociais e na história e variam de acordo com as necessidades e experiências na vida em sociedade. Ora, por meio dessa concepção, denotamos um posicionamento funcionalista de ensino da língua de modo a situá-la contextualmente por meio de suas diferentes variáveis.

Essa concepção atualizada acerca do ensino da língua materna não visa a induzir a abolição ou a condenação do ensino da variante padrão e da modalidade escrita da língua. Pelo contrário, entendemos que os domínios das habilidades linguísticas se constituem ou podem se constituir como um instrumento necessário às relações de poder e ascensão social. Nesse sentido, o ensino da variante de prestígio surge como um vetor de transformação social para as camadas menos privilegiadas, por isso não questionamos a sua relevância e, conseqüente, presença na sala de aula. O que questionamos é o uso exclusivo e reconhecido dessa variante como única.

Em conformidade com o prescrito nos PCN, entendemos que o saber escolar elegerá uma tradição como referência. Essa referência, contudo, não pode ser dicotômica de modo a querer destruir as outras variantes ou individualizar/particularizar e tornar única a variante padrão. Entretanto, ao assumir uma postura de ensino que envolva a discussão de outras variantes, bem como uma análise linguística a partir de situações reais, considerando também a modalidade oral da língua, combate-se um ensino purista e de nomenclatura gramatical que comprovadamente não tem obtido sucesso.

Embora essa concepção esteja presente em discussões e textos há mais de trinta anos, Castilho (2014) destaca que o purismo e a gramatiquês do ensino de outrora ainda atuam de forma vigente no país por meio do ressurgimento desses considerados velhos hábitos, sobretudo

pela mídia brasileira que ignora os avanços e progressos científicos e sociolinguísticos e, a nosso ver, funcionalistas. Atualmente, há exemplos, nas redes sociais, nas quais blogueiros/as assumem agressivamente posturas da prescrição gramatical, seguidas de humilhações aos falantes brasileiros que não seguem a norma padrão prescrita nos compêndios gramaticais normativos.

Especificamente, no que diz respeito à discussão de marcadores discursivos em sala de aula, há forças contrárias que dificultam a inserção desse tema no contexto educacional básico. Além de pressões midiáticas de um ensino purista e ultrapassado, os materiais didáticos são poucos atualizados no que diz respeito às estruturas discursivas. Conforme apresentado na seção 3, não houve menção acerca dos MDs nas obras prescritivas selecionadas para a pesquisa. Consequentemente, como tendência, dificilmente haverá menção ou relevante destaque desse grupo pragmático nos materiais didáticos adotados em sala de aula.

A ausência de elementos como os marcadores discursivos nos referidos materiais, para além de danoso, tendo em vista que deixa um fenômeno tão utilizado à margem do conhecimento do aluno, é contraditório, pois está presente na língua e é ignorado. Os documentos normativos acerca do ensino ao assumirem uma postura linguística a partir de uma concepção enunciativa-discursiva, considerando a produção de sentido no uso das expressões e os contextos a qual o texto se insere, viabiliza, legalmente, a discussão dos marcadores discursivos em sala de aula. Mas, na prática, esse grupo segue sendo marginalizado.

Freitag (2007) destaca que, apesar de haver diversos estudos linguísticos que descrevem e sistematizam o comportamento dos marcadores discursivos, a ausência desse grupo nas prescrições gramaticais torna-os estigmatizados, sendo-os considerados, muitas vezes, como vícios de linguagem. Essa concepção estigmatizada extrapola as fronteiras brasileiras, Brinton (2017), a respeito da população norte-americana por exemplo, descreve que os marcadores são estilisticamente estigmatizados e avaliados negativamente, sobretudo na modalidade escrita e no discurso formal, por parte da opinião popular. Brinton (2017) destaca que a opinião dos acadêmicos é diferente da opinião popular, haja vista que esses reconhecem os marcadores como importante e, até mesmo, essenciais para a linguagem.

Embora os marcadores discursivos sejam reconhecidos pelos cientistas da língua, Traugott (2022) declara que, por não estarem integrado à estrutura sintática da cláusula, os marcadores discursivos são considerados por diferentes abordagens como elementos marginais. Mas, a autora destaca que os marcadores são essenciais para a comunicação, seja escrita ou falada, e não complementares como muitos acreditam. Conforme a autora, os MDs são essenciais, pois o conhecimento linguístico não diz respeito apenas ao conhecimento das

interpretações dos eventos de acontecimentos e as opções disponíveis para expressá-las, mas envolve, também, o conhecimento pragmático.

A partir dessas considerações, defendemos um ensino pautado em análises linguísticas baseado em contextos reais e em suas diferentes modalidades. Assim sendo, inevitavelmente, os marcadores discursivos devem ser discutidos em sala de aula. Essa discussão contribui para o desenvolvimento de competências linguísticas a partir da compreensão da adequação ou inadequação dos marcadores discursivos. Consequentemente, esse grupo pragmático poderá, eventualmente, deixar de ser estigmatizado e ser considerado como um importante recurso linguístico na interação.

6.2 Os livros didáticos

Esta subseção dedica-se à exposição de temas pertinentes aos marcadores discursivos apresentados nos livros didáticos do Ensino Básico. Para isso, selecionamos a coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* de Ormundo e Siniscalchi (2018) nos volumes para o sexto, sétimo, oitavo e nono ano do Ensino Fundamental. Para o Ensino Médio, elegemos a coleção do *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* de Cereja, Dias Vianna e Damien (2016).

No que tange à coleção *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*, os autores assumem uma postura teórico-metodológica sociointeracionista a partir de uma metodologia construtivo-reflexiva. Nessa coleção, cada capítulo é subdividido em aproximadamente doze seções. Entre essas seções, destacamos a seção *Mais da língua* que apresenta um conjunto de informações e atividades que estimulam a reflexão linguística.

No volume do sexto ano no capítulo 3, na seção *Mais da língua*, o título que contempla a seção é: *Escrever não é o mesmo que falar*, ou seja, discute-se a variação diamésica. Nessa seção, há um tópico destinado ao planejamento da fala e da escrita. O ponto de partida é a transcrição de uma entrevista real em que há marcas de oralidade, tais como hesitação, repetição e, também, os marcadores conversacionais. Precisamente, é descrito que os marcadores conversacionais são utilizados com frequência em diálogos orais com o intuito de pedir o apoio e a atenção do interlocutor para aquilo que estamos dizendo. Nas Figuras 12 e 13, podemos visualizar os excertos extraídos das páginas do livro:

Figura 12 – Transcrição de entrevista oral em *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*

[...]

Paulo Gustavo Pereira: O que que foi mais di... mais interessante, mais divertido fazer no *Divertida Mente*?

Leo Santos: Eu, eu sempre quis fazer esse filme por causa... basicamente por causa do estilo. Eu gosto do diretor pra caramba. Ele tem um estilo que eu gosto, que é animação dos anos 50, música de jazz e tudo mais... Então, ele traz esse, essa, esse sabor para os filmes dele, que são o *Monstros S.A.* e o *Up!* E... eu sempre gostei muito, então eu, tipo assim, assim que me deram a opção de escolher qual filme que eu ia fazer, eu falei "Eu quero aquele filme".

PGP: Te deram a opção?

LS: Sim, sim, sim.

PGP: Os caras falaram "Oh, vem cá! Você é do Brasil. Pode escolher o que você quiser"?

LS: Porque tem... é... é... tem muitos filmes em produção agora. Assim... tipo... tem o *Bom dinossauro*, tem o *Procurando Nemo*. Então... tipo... nesse caso aqui apareceu a oportunidade: "Qual é o próximo que você quer fazer?". Aí eu falei: "Eu quero trabalhar nesse aqui porque é... é... é a minha praia, assim...".

[...]

Transcrição de áudio da entrevista com Leo Santos

As **transcrições** procuram reproduzir as características da fala, por isso no texto são anotadas as pausas, as repetições, os sons alongados, as palavras ou orações que ficaram incompletas etc.

Situações de interação face a face, com troca de turnos, costumeiramente exigem um planejamento mais acelerado e podem resultar em um monitoramento imperfeito da língua. Se achar conveniente, comente isso com os alunos, apontando eventuais desvios em relação ao uso recomendado.

Fonte: Captura de tela do livro *Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem* – 6º ano (p. 91).

Após a apresentação da transcrição visualizada na Figura 12, o livro destaca porções da entrevista a fim de discutir o porquê de repetições, uso de reticências e outras marcas ortográficas que denotam as marcas de conversação. Após a discussão progressiva das marcas da oralidade, o livro apresenta uma nota sobre os marcadores conversacionais.

Figura 13 – Os marcadores conversacionais em *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*

b) Releia as duas falas do professor entrevistado na reportagem. Quais marcas de oralidade você percebeu? Cite algumas delas.

c) Nas falas da apresentadora do jornal, não é possível identificar marcas típicas da oralidade, como acontece nas do entrevistado. Como explicar essa diferença? Para responder, considere que a reportagem é gravada, não é apresentada ao vivo.

d) O uso da expressão *aqui no estado*, presente no texto, dificulta a identificação do lugar a que se refere a reportagem? Por quê?

4 Leia um trecho da crônica "Sfot poc", do escritor gaúcho Luis Fernando

Certos termos, como *né?, tá?, certo?, sabe?*, são **marcadores conversacionais**. Nós os utilizamos com frequência em diálogos orais como forma de pedir o apoio e a atenção do interlocutor para aquilo que estamos dizendo.

Fonte: Captura de tela do livro *Se Liga na Língua: leitura, produção de texto e linguagem* – 6º ano (p. 96).

Consideramos que, embora a nota com a definição dos marcadores conversacionais seja pequena, seções como *Mais da Língua* oferecem um ponto de partida produtivo para a discussão

da modalidade oral da língua, haja vista que o texto-base é uma amostra real do uso linguístico e as características da oralidade são aprofundadas nessa obra com 10 (dez) páginas de discussões. Consideramos, ainda, que, embora haja considerável atenção para os temas referentes aos marcadores discursivos nessa obra, destacamos que a menção ou não menção desse tema nas obras didáticas não é impeditivo para as discussões em sala de aula. No que diz respeito aos volumes do sétimo, oitavo e nono ano, não há menção explícita no livro sobre o tema de marcadores discursivos ou modalidade oral da língua.

Para a coleção *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* voltada ao Ensino Médio, os capítulos são dispostos em 11 subseções. Entre essas subseções, há *Reflexões sobre a língua* que visa à apresentação teórica e conceitual do assunto em estudo. Destacamos que, nessa coleção, os conteúdos literários e gramaticais são apresentados conjuntamente no mesmo capítulo. Primeiramente, há o tratamento ao período literário em estudo e, após isso, são discutidas as questões gramaticais.

Entre os três volumes dessa coleção, apenas na obra voltada ao primeiro ano do Ensino Médio, encontramos, na seção *Reflexões sobre a língua*, menção acerca das variações linguísticas. Entretanto, não há contextualização sobre textos reais para se discutir o uso, mas uma lista com as diferentes variações linguísticas e uma curta definição. Os livros do segundo e terceiro anos não versam sobre o tema e, em toda a coleção, não foi identificada uma única menção ao tema sobre os marcadores discursivos.

Figura 14 – As variações linguísticas em *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso*

Variação diastrática

Há uma variação diretamente relacionada à escolarização dos falantes, chamada *diastrática*. Ocorrências como “seu doutô”, “pidimo”, “inté”, entre outras, encontradas na canção “Vozes da seca”, são típicas da fala de quem permaneceu por pouco tempo na escola e, assim, não teve acesso ao aprendizado da norma-padrão.

Vale lembrar que, em nosso país, o número de anos que uma pessoa frequenta a escola tem, em geral, relação com classe social. Quase sempre, pessoas de classe social mais elevada têm maior escolaridade.

Variação diamésica

Outra das variações, chamada *diamésica*, diz respeito ao meio ou veículo em que o texto circula. Fala e escrita, por exemplo, constituem meios ou veículos diferentes; assim, ocorrências como “rédiás”, “ismola”, “distino” são observadas inclusive na fala de pessoas escolarizadas que, na escrita, empregam naturalmente as formas *rédeas*, *esmola*, *destino*.

Essa variação tem relação também com o grau de formalidade dos textos. Em uma palestra, por exemplo, a fala é geralmente mais estruturada do que em uma conversa informal. Por outro lado, um bilhete deixado na porta da geladeira possibilita muito mais flexibilidade nos usos da língua escrita do que o texto de um trabalho escolar.

Fonte: Captura de tela extraída do livro didático *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso*, p. 52.

Na Figura 14, observamos duas, entre outras, subseções destinadas à descrição das variedades linguísticas. Como visto, os textos são conceituais e curtos, não havendo nenhuma contextualização direta com os usos reais do vernáculo. Apesar disso, entre todos os volumes da coleção *Reflexões sobre a língua*, esta é a parte mais próxima de aprofundar as discussões sobre os marcadores discursivos.

As análises das coleções selecionadas são amostras de uma variedade de obras pedagógicas que estão presentes nas salas de aula do Ensino Básico. Respeitando as características de cada obra, as considerações realizadas aqui não são categóricas a todos os livros escolares e representam o nosso posicionamento diante do material examinado.

As coleções *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem* e *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* são coletâneas que objetivam a apresentação da língua por meio de métodos diferentes. Em nossa perspectiva, percebemos, na primeira coletânea, um apelo funcionalista a partir de discussões voltadas a partir do uso real da língua, inclusive com transcrições reais de entrevistas. Também, observamos discussões aprofundadas sobre a modalidade oral da língua e a contextualização de gêneros textuais digitais que se aproximam do público escolar.

Em contrapartida, *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* trata das reflexões linguísticas a partir de uma visão mais estruturalista. Conforme reportado, não identificamos uma menção na referida obra acerca dos marcadores discursivos. Além disso, as análises linguísticas partem de textos literários de diferentes períodos distanciando-se do uso real da língua.

Ressaltamos que, independentemente, de uma discussão mais ou menos acentuada acerca das questões orais da língua e do uso dos marcadores discursivos nos livros didáticos, o professor tem liberdade e autonomia para discutir o assunto em sala de aula. Em nossa concepção, o livro didático é uma ferramenta essencial em sala de aula, mas atua de forma propulsora sendo o ponto de partida inicial para as (re)significações construídas em sala de aula e um importante instrumento, mas não o único.

A partir disso, apresentaremos, na subseção 6.3, caminhos para a discussão dos marcadores discursivos em sala de aula.

6.3 Caminhos para a discussão dos marcadores discursivos em sala de aula

A disposição temática dos livros didáticos do Ensino Fundamental e Ensino Médio ocorrem de modo sequencial. Assim, subentendemos que os conteúdos vistos em anos iniciais

da grade curricular servirão de base para conteúdos mais complexos dos anos posteriores até o cumprimento do Ensino Básico.

A revisitação de conteúdos ministrados em anos anteriores pode ser realizada pelos professores sem a necessidade desses conteúdos estarem presentes no material didático. Por isso, sugeriremos duas propostas de atividades. A primeira, que pode ser vista no Quadro 13 é voltada às turmas do Ensino Fundamental. A segunda proposta de atividade, que pode ser vista no Quadro 14, se aplica às turmas do Ensino Médio.

Quadro 13 – Proposta de atividade de ensino fundamental

ATIVIDADE	PROPOSTA DE ENSINO
OBJETIVO	Identificar as variações da modalidade oral e escrita da língua, atentando-se às questões de (in)adequação linguística.
ATIVIDADE DE ENSINO	CONTEÚDO No tema geral das variações linguísticas, que engloba a dinamicidade da língua, aprofundar sobre a variação diamésica e discutir as características da modalidade oral através de amostras reais da língua em uso.
	ETAPAS - Leitura e discussão de textos baseados no uso linguístico a partir de gêneros que apresentam marcas da oralidade como transcrição de entrevistas ou o gênero diário; - As características da produção oral e suas respectivas marcas, como repetição e utilização de marcadores discursivos; - A (in)adequação de marcadores discursivos nos diferentes gêneros; - A dinamicidade da língua através da comparação de sentidos entre olha-verbo e olha-marcador discursivo.
	MATERIAS DE APOIO - <i>CORPORA</i> do PPVC, PCVC e CLIBA; - <i>Nós chegemu na escola e agora?</i> (Bortoni-Ricardo, 2005) - <i>Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem</i> (Ormundo; Siniscalchi 2018)

Fonte: Elaboração própria.

É comum, no conteúdo programático das turmas do Ensino Fundamental, a apresentação da língua enquanto sistema dinâmico e a discussão das variações linguísticas, bem como questões pertinentes como o preconceito linguístico. Esses temas são caros à formação dos discentes, uma vez que a constituição do sujeito passa pela linguagem.

O ponto de partida, contudo, deve ser sempre as manifestações textuais a partir de contextos reais de uso e que estejam próximos ao universo do público discente. Nesse sentido, gêneros textuais como entrevistas são fontes produtivas para a identificação de características pertencentes à modalidade oral da variação diamésica. Sugerimos os *corpora* do PPVC, PCVC e CLIBA por serem amostras de transcrições de entrevistas orais. Logo, há diversas

possibilidades de discussões sobre marcadores discursivos. Obviamente, outros textos e *corpora* podem e devem ser usados em conformidade com o local de aplicação da atividade.

Na contextualização do gênero discursivo para a discussão dos marcadores discursivos, é possível a identificação e debate de diferentes camadas da mudança linguística, possibilitando, assim, a averiguação dos efeitos de sentidos produzidos entre as variadas camadas e a funcionalidade dos MDs na interação.

A discussão da variação diamésica, e dos marcadores discursivos, é possível também por meio da produção textual de gêneros textuais escritos mas que são menos monitorados, aproximando assim da modalidade oral da língua. Um gênero produtivo para essa proposta é o diário, uma vez que é um texto com teor emotivo alto, possibilitando uma escrita mais livre por parte dos alunos.

Os materiais de apoio, além dos *corpora* apresentados, consiste no próprio material didático do aluno e da obra de Bortoni-Ricardo (2005), *Nós cheguemos na escola e agora?*, que é um clássico da ciência sociolinguística. Essa obra oferece ao docente uma fundamentação teórica consistente sobre a variação e mudança linguística, contextualizando esse fenômeno em exemplos orais de entrevistas sociolinguísticas, oferecendo um aporte teórico robusto para o planejamento de aula.

Essa proposta de ensino abrange habilidades como EF69LP19, EF69LP54 e EF69LP55. Essas habilidades dizem respeito ao reconhecimento das variedades da língua falada e os efeitos de sentidos produzido pela fala, o conceito de norma-padrão e preconceito linguístico e a relação entre os elementos linguísticos e paralinguísticos como a cinestesia.

Além da proposta de ensino, cujo direcionamento abrange os anos finais do Ensino Fundamental, há possibilidades de propostas voltadas às atividades de pesquisa. Devido a uma maior complexidade, essas propostas são voltadas ao período do Ensino Médio.²⁹

²⁹ Para uma melhor visualização, o Quadro 14 pode ser visto integralmente na página 148.

Quadro 14 – Proposta de atividade de pesquisa de ensino médio

ATIVIDADE	PROPOSTA DE ENSINO
OBJETIVO	Compreender o gênero entrevista através de uma produção de uma entrevista; identificar os aspectos pertinentes a modalidade oral da fala.
ATIVIDADE DE ENSINO	CONTEÚDO No tema sobre variação e mudança linguística, propor a gravação de uma entrevista, com duração média de 10 min. Realizar a transcrição da entrevista e discutir a produção textual na modalidade oral e os efeitos de sentidos criados a partir das marcas de oralidade.
	ETAPAS - Leitura e discussão sobre as variedades linguísticas; - A variedade diamésica; - <i>Continuum</i> de oralidade-escrita proposto por Marcuschi (2008); - O gênero entrevista: características da modalidade oral e escrita; - Produção: gravação e transcrição de entrevista.
	MATERIAS DE APOIO - Dissertação: marcadores discursivos de base verbal olhar e ver: uma abordagem funcionalista centrada no uso (Dantas, 2024) - <i>Para conhecer a Sociolinguística</i> (Coelho <i>et al.</i>, 2015) ou a versão, facilmente localizada em PDF, <i>Sociolinguística</i> (Coelho <i>et al.</i>, 2010)

Fonte: Elaboração própria.

A proposta de pesquisa apresentada parte dos conceitos de variação e mudança linguística. Ao se discutir uma das variações, a saber: a diamésica, propor uma reflexão a partir da própria produção dos alunos. Nessa senda, buscar-se-ia a realização de uma entrevista sociolinguística. Essa proposta, contudo, seria uma amostra das entrevistas sociolinguísticas realizadas a nível de Ensino Superior. Por isso, a duração média em torno de 10 minutos. Apesar do pouco tempo de duração, por meio dessa amostra, seria possível, sem dúvidas, identificar aspectos da oralidade como o uso dos marcadores discursivos.

A identificação dos marcadores discursivos se mostraria ainda mais evidente através da transcrição das gravações. Após a finalização da transcrição, deveriam ser discutidos os efeitos de sentido dos marcadores discursivos na modalidade oral. Ainda, poderiam ser discutidos os aspectos relacionados à (in)adequação dos marcadores discursivos na modalidade escrita propondo atividades de retextualização, o que estaria respaldado teoricamente na abordagem teórica que propusemos.

Para suporte dessa proposta de pesquisa, este trabalho, ora dissertação, pode ser utilizado como arcabouço teórico, haja vista, dentre outras coisas, a considerável descrição acerca da funcionalidade dos marcadores discursivos, buscando descrições desde as prescrições gramaticais até as pesquisas contemporâneas. Os livros de Sociolinguística de Coelho *et al.* (2010;2015) são excelentes recursos, uma vez que apresentam, de modo didático, pressupostos sociolinguísticos, discutindo, além das questões de variação e mudança linguística,

pressupostos metodológicos para a gravação da entrevista e, também, as contribuições da Sociolinguística para o Ensino.

A proposta de atividade voltado ao Ensino Médio contempla habilidades como EM13LGG402 e EM13LGG104. Essas habilidades dizem respeito à utilização de diferentes linguagens, considerando seu funcionamento, para compreensão e produção de textos em diferentes situações discursivas e o emprego, nas interações sociais, da variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, aos interlocutores e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esses interlocutor sem preconceito linguístico.

Finalmente, afirmamos que esta subseção apresentou caminhos didáticos voltados aos Ensinos Fundamental e Médio para discussão dos marcadores discursivos, das características da modalidade falada da língua em sala de aula em consonância com os documentos normativos que regem a educação brasileira.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal que norteou esta pesquisa consistiu na descrição dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* no padrão construcional $[V_{pv} (adv)]_{MD}$. Para isso, selecionamos 3 (três) *corpora* – *Corpus PPVC*, *Corpus PCVC*, *CLIBA*, que apresentam entrevistas nos moldes sociolinguísticos a partir de situações reais de interação verbal.

Para a estruturação das descrições apresentadas nesta dissertação e pontos de vistas adotados, buscamos fundamentação teórica na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso, que consiste em uma abordagem recente que intersecciona pressupostos do Funcionalismo de vertente norte-americana e da Linguística Cognitiva em sua abordagem construcionista. Dessa forma, adotamos uma noção de língua estruturada em redes cuja unidade básica consiste na construção. Ainda, trouxemos para a presente discussão, os fatores que desencadeiam a configuração dessa rede, que consistem em processos e mecanismos que não são específicos à língua, mas se aplicam a outros domínios cognitivos.

Além da fundamentação teórica da LFCU, buscamos realizar uma complexa descrição sobre os marcadores discursivos, apresentando concepções de variados autores a partir de concepções de gramática que partem desde a tradição gramatical, passando pela gramática descritiva, chegando às pesquisas científicas e mais contemporâneas, como teses, dissertações e artigos publicados em livros e em periódicos.

Nessa etapa da pesquisa, diante da não localização de menção dos marcadores discursivos na prescrição gramatical, ficamos desejosos em perceber se, nos textos de séculos anteriores, como acreditamos que sim, existiam marcadores discursivos, a exemplo de textos do gênero teatral. A esse respeito, Brinton (2017) na realização de sua pesquisa acerca do grupo dos marcadores pragmáticos, a partir do questionamento sobre a possibilidade de existência dos marcadores em estágios iniciais da modalidade escrita, conclui que sim: os marcadores pragmáticos marcam presença na língua desde estágios iniciais, como por exemplo a presença de marcadores no poema *Beowulf* de Shakespeare.

Após a apresentação dos estudos linguísticos acerca da língua, delineamos os procedimentos metodológicos para se chegar a uma análise de dados com robustez. Nesse sentido, utilizamos o método misto (Cunha Lacerda, 2016). Metodologicamente, em um primeiro momento, coletamos e quantificamos os dados encontrados e, posteriormente, analisamos de modo interpretativo cada uma das ocorrências coletadas.

No que diz respeito à análise de dados, começamos pela parte quantitativa e, portanto, evidenciamos a produtividade desse fenômeno linguístico nos *corpora* investigados. Ao todo, encontramos 6 (seis) microconstruções distribuídas em 309 (trezentos e nove) ocorrências.

Entre as seis microconstruções, o *type olha* se mostrou mais produtivo com 147 ocorrências (47,57%); logo em seguida, *viu* apresentou um alto grau de frequência *token* com 137 ocorrências (44,33%). Os demais *types* apresentaram um grau de recorrência muito inferior se comparado aos dois primeiros. *Olha só* foi a forma com preenchimento de *slot* que mais apareceu com 15 ocorrências (4,85%). *Veja bem* representou 2,26% dos dados com ocorrência em apenas sete contextos. Com apenas duas ocorrências, *olha aí* apresentou 0,64% dos dados e *veja*, com apenas uma ocorrência, representou 0,32%.

A partir desses resultados, constatamos que as microconstruções mais produtivas são *olha* e *viu* com cerca de 90% de todas as ocorrências. Considerando a porcentagem significativa dessas duas microconstruções, podemos afirmar que *olha* e *viu* configuram-se como os elementos prototípicos do grupo pragmático dos marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver*. A prototipicidade desses elementos em relação à categoria dos marcadores discursivos encontra fundamentação no Princípio da Iconicidade de Hopper (1991) em que elementos mais frequentes e menos complexos estruturalmente tendem a ser menos marcados em relação aos outros elementos e, por isso, se tornam os mais usados e, por conseguinte, os elementos-padrão desse grupo pragmático.

Contrapondo os *types* prototípicos *olha* e *viu*, afirmamos que os *types olha aí, olha só, veja e veja bem* apresentaram baixa produtividade na língua em uso do vernáculo do sudoeste baiano. Apesar de poucos produtivos, esses elementos não são composicionais no que diz respeito à transparência entre a soma dos sentidos da forma e a função exercida por eles e estão igualmente vinculados a rede simbólica dos marcadores discursivos. A respeito da posição que os (sub)esquemas ocupam na rede, encontramos em Traugott e Trousdale (2021 [2013]) que um esquema pode ser sólido, mas certos membros não são usados com frequência, sendo restritos a determinados condicionantes e, por causa disso, ocupando as margens da categoria.

Em nossa pesquisa encontramos apenas seis (6) *types* diferentes das construções em análise. Em comparação com outras pesquisas como a de Sambranna (2017), é um número relativamente baixo. Entretanto, hipotetizamos que um dos motivos para esse baixo índice de *types* diz respeito à quantidade de palavras significativamente menor (*corpora* menores) em nossa pesquisa em relação à pesquisa de Sambranna (2017). Entretanto, tal como descrito na seção de Análise de dados, a frequência não é um fator, haja vista que frequência suficiente não é operacionalizável.

Apesar de coletarmos um número reduzido de *types*, se comparado a outras pesquisas já mencionadas sobre os marcadores discursivos, os dados relatados nesta dissertação apresentaram uma funcionalidade do marcador *viu* em que não foi percebido em nenhuma outra pesquisa até o momento. Em outras palavras, encontramos o *viu* desempenhando a função de discurso reportado e, também, de *feedback*. Ressaltamos, todavia, que a frequência de ocorrência em que esse MD apareceu foi relativamente baixa. Mas, esses dados se apresentam como indicativos de novos estudos, em uma etapa diferente, a partir de uma coleta de dados mais aprofundada e de *corpora* mais diversificados.

No que diz respeito à parte funcional desses marcadores discursivos, constatamos, baseados em outras pesquisas, como a de Penhavel (2010, 2012), que os marcadores discursivos de base verbal *olhar* e *ver* desempenham uma (macro)função de chamamento de atenção. Dessa forma, tomando como base a construção prototípica da categoria dos MD de base verbal *olhar* e *ver olha*, afirmamos que há um novo pareamento forma-função, ou seja, uma nova construção na rede linguística em que no polo da forma, entre outras características há autonomia sintática, havendo pouca ou nenhuma relação com as demais estruturas sintáticas e, no polo funcional, entre outras características, há a função discursiva de chamada de atenção do interlocutor.

Considerando esses dados, observamos, na construção marcadora *olha*, um dos exemplos do padrão construcional analisado, em seu pareamento formal e funcional no qual a principal função dessa construção consiste na propriedade discursiva de chamada de atenção do interlocutor, estreitando as relações interacionais, evitando os ruídos conversacionais e oferecendo pistas para a inferenciação semântica do enunciado.

Embora a função principal desses marcadores discursivos seja a chamada de atenção do interlocutor, a nossa pesquisa possibilitou a identificação de diferentes propriedades pragmáticas que se associam a função discursiva e contribuem para os elementos enunciados no discurso. Especificamente, encontramos 6 (seis) propriedades pragmáticas distintas que, em maior ou menor grau, podem se correlacionar entre si. São elas a propriedade pragmática de prefaciação, argumentação, reportação do discurso, busca de aprovação discursiva, *feedback* e interjeição. Essas propriedades foram organizadas em subesquemas, ou seja, uma instância mais abstrata da microconstrução no esquema da rede linguística.

O subesquema de prefaciação manifesta a busca de tempo para organização textual e manutenção do contato entre interlocutores, ao passo que também atua na preparação de declarações subsequentes. O subesquema argumentativo diz respeito aos MDs que atuam, além da função orientacional, na função textual, haja vista que escopam uma porção enunciativa que argumenta uma informação anteriormente manifestada. O subesquema discurso reportado diz

respeito aos MDs que atuam na introdução de discurso direto do próprio falante ou de um terceiro por meio de um verbo *dicendi*. O subesquema busca de aprovação discursiva diz respeito, como o nome sugere, a busca de aprovação discursiva que parte do falante em direção ao ouvinte. Em contrapartida, o subesquema *feedback* diz respeito a manifestação do ouvinte em direção ao interlocutor em um sinal de que está atento ao que está sendo veiculado. Por fim, o subesquema interjeição atua na negociação de sentidos por meio da manifestação do falante acerca do discurso enunciado.

Considerando o que foi apresentado nesta dissertação, defendemos a funcionalidade do marcador discursivo na língua em uso. Isso posto, desejamos que esta pesquisa, por meio dos dados apresentados e pressupostos teóricos discutidos, ofereça subsídio para discussão deste grupo pragmático em âmbito escolar. Sabemos que os dados discutidos são uma amostra coletada a partir de transcrições de entrevistas de informantes residentes em cidades do interior baiano. Mas, por meio de amostras, é possível, considerando a correlação entre análise quantitativa e qualitativa, obter padrões e estabelecer relações categóricas dos marcadores discursivos em contextos de usos.

Por fim, pretendemos aprofundar esta pesquisa por meio da ampliação dos *corpora* selecionados. Nessa ampliação de amostras do uso da língua, esperamos coletar dados de diferentes regiões do Brasil. Para se chegar a novas pressuposições, esperamos, ainda, contemplar a variedade de atuação dos MDs a partir de diferentes tipos e modalidades da língua em uso. A fim de mapear os caminhos de mudança linguística desses marcadores, novas pesquisas de cunho diacrônico são necessárias. Esse mapeamento diacrônico deve-se, motivados por pesquisa recente de Oliveira (2023), ocorrer, de preferência, translinguisticamente a partir de comparativos entre o português brasileiro e outras línguas.

REFERÊNCIAS

- ALI, S. **Meios de expressão e alteração semântica**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.
- ANDRADE, A. M. F. **A (inter)subjetividade presente em construções subordinadas substantivas: uma abordagem centrada no uso**. Orientador: Valéria Viana Sousa. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2022.
- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1980.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemo na Escola e agora?: Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRINTON, L. **The Evolution of Pragmatic Markers in English: Pathways of change**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2017
- BYBEE, J. L. **Língua, Uso e Cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.
- CAMARA JR., J. M. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette Éducation, 1992.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto. 2004.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntatic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.
- DILLINGER, M. **Forma e Função na Linguística. D.E.L.T.A.**, 1991.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. da. **O Papel do Método Misto na Análise de Processos de Mudança em uma Abordagem Construcional: reflexões e propostas**. **Revista Linguística**. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, volume especial, dez. 2016.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; DALLO'ERTO, L. F. M. Uso do software Antconc na análise de dados do uso. *In: ROSÁRIO, I. da C. do. Metodologia da Pesquisa Funcionalista*. Porto Velho, RO: Edufro, 2023. p. 121-126.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português Contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CUNHA LACERDA, P. F. A. da; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. *In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (org.). Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff, 2017.

DANTAS, I. A.; SOUSA, V. V. Marcadores Discursivos com Verbos de Percepção Visual sob a Perspectiva da Gramática de Construções. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XXIV, n. 3, p. 374-387, 2021.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2020.

FILHO, C. J. **Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa**. São Paulo: Tipografia Edanee S.A., 1963.

FRASER, B. What are discourse markers? *In: Journal of pragmatics*, v. 31, p. 931-952, 1999.

FREITAG, R. M. Ko. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem. *Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 4, p. 22-43, 2007.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. *In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da. (org.). Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos Teóricos Fundamentais. *In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-48.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Linguística Funcional Centrada no Uso: caracterização teórico-metodológica e aplicação prática. *In: ROSÁRIO, I. da C. do. Metodologia da Pesquisa Funcionalista*. Porto Velho, RO: Edufro, 2023. p. 15-36.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2001.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos marcadores discursivos**. Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. 2007. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T. 2019. **On the rise of discourse markers**. Researchgate. Preprint, 1-25.

HOPPER, P, J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). **Approaches to grammaticalization**. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991. 1 v. p. 17-35.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, J. R. G. de. **A construção dar na comunidade de Ibicoara – ba**: um estudo centrado no uso e suas implicações para o ensino. Orientador: Valéria Viana Sousa. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The university of Chigaco Press, 1980.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1987.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Editora Confluência, 1952. 3 v.

MARCUSHI, L. A. Marcadores conversacionais. In: MARCUSCHI, L. A. **Análise de conversação**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003. p. 61-74.

MARTELOTTA, M. E.; A Mudança Linguística In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional**: Teoria e Prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 49-62.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A Visão Funcionalista da Linguagem no Século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional**: Teoria e Prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-17.

MARTINS, L. F.; CUNHA LACERDA, P. F. A. da. A dimensão avaliativa envolvendo a microconstrução com o marcador discursivo veja bem. In: BAALBAKI, Angela; CARDOSO, J; ARANTES, P; BERNARDO, S. **Linguagem**: teoria, análise e aplicações (8). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras – UERJ, 2015. p. 295-312.

MARTINS, L. F. **A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa**: uma análise construcional. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

NEVES, M. H. de M. **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber**. Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, M. R. de. Linguística funcional norte americana: gramaticalização e lexicalização, reanálise e analogia. In: ROSÁRIO, I. da C. do (org.). **Introdução à linguística funcional centrado no uso**. Niterói: EDUFF, 2022. PDF. p. 54-91.

OLIVEIRA, M. R. de. Arbitrariedade e iconicidade: (inter)subjetividade, metáfora e metonímia. In: ROSÁRIO, I. da C. do (org.). **Introdução à linguística funcional centrado no uso**. Niterói: EDUFF, 2022. PDF. p. 92-127.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.

OLIVEIRA, M. R. de. Construções marcadoras discursivas formadas por olhar, no português, e guardare, no italiano: uma análise constrastivo-funcional. In: DUARTE, I. M.; ROMEO, R. P. de L. **(Ainda) sobre os marcadores discursivos: perspectivas contrastivas com o Português**. [S. l.: s. n.], 2023. p. 146-164.

PENHAVAL, E. **Marcadores Discursivos e Articulação Tópica**. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHAVAL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?. **Revista (CON)TEXTOS linguísticos**, Vitória, v. 6, n. 7, p. 78-98, 2012.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Editora ática, 2005.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). **Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente**. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

RISSO, M. S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura bom, bem, olha, ah, no português culto falado. In: NEVES, M. H. de M. **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: UNICAMP, 1999, 7 v. p. 259-298.

RISSO, M. S.; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. SPINARDI, C. A.; KOCH, I. G. V. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006. p. 403-426.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSA, F. S. da L. **A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, [S. l.], 2019.

ROSÁRIO, I. da C. do (org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso**: teoria, método e aplicação. Niterói: Eduff, 2022.

ROSARIO, I. da C. do; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. da C. do. Gramática, Gramaticalização, Construções e Integração Oracional: Algumas Reflexões. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. **Linguística centrada no uso**. Rio de Janeiro: Lamparina - FAPERJ, 2015. p. 36-50.

ROSÁRIO, I. da C. do; LOPES, M. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. **Revista Solettras**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 37. jan./jun. 2019.

ROSÁRIO, I. da C. do; LOPES, M. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, I. da C. do. **Metodologia da Pesquisa Funcionalista**. Porto Velho, RO: Eudfro, 2023. p. 37-56.

ROSÁRIO, I. da C. do (org.). A Diversidade em Linguística: polos formalista e funcionalista. In: ROSÁRIO, I. da C. do. **Introdução à linguística funcional centrada no uso**. Niterói: Eduff, 2022. p. 19-53.

ROST, C. A. **Olha e veja**: multifuncionalidade e variação. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SAMBRANNA, V. R. M. **Marcadores discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver**: uma abordagem construcional. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del P.B. **Metodología de la Investigación**. 2.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, A. de M.; BLUTEAU, Rafael. **Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau**, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 1789. 541 p. Disponível em <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008423#page/2/mode/2up>. Acesso em 16 jan. 2023.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. da C. do. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 139-151. 2016.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

TRAUGOTT, E. C. **Discourse Structuring Markers in English**. [S. l.]: John Benjamins, 2022.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. *In*: NEVES, M^a H. de M. (org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1999. 7 v. p. 195-258.